

IRIS FIGUEIREDO • BABI DEWET
SOFIA SOTER • DAYSE DANTAS

PERIGO: GAROTAS UNIDAS!

página 7
AGÊNCIA LITERÁRIA



Sumário

O show secreto

por Babi Dewet

Festa infernal

por Sofia Soter

Roda-gigante

por Iris Figueiredo

Três druidas

por Dayse Dantas

Créditos

O show secreto

Babi Dewet

— Será que tem problema usar a camiseta da minha banda favorita na entrevista de hoje?

Laura se olhou no espelho de corpo todo, passando a mão nos cabelos cacheados e na camiseta surrada com a logo da Scotty, uma banda que tinha sido sua paixão na adolescência e o grande motivo de ela ter começado a cantar e formado sua própria banda. Virou de um lado para o outro, fazendo caretas. Talvez não fosse muito profissional ficar pagando de fã dessa forma, mas era quem Laura era. Ser fã era parte da sua rotina. O resto da banda tinha sorte que ela não carregava totens de papelão com o rosto do baixista, que era um gato.

Talvez ela devesse fazer isso qualquer dia.

— Você pode tentar, mas ninguém vai te achar malvada com uma camiseta de banda pop. Não tem a ver com o nosso conceito. — Gabriela passou ao lado dela, ajeitando os cabelos pretos repicados. A garota usava um vestido cheio de fivelas e seu olho estava rebocado de maquiagem preta. Ela dizia para todo mundo que era Wicca, meio bruxa meio gótica, mas Laura sabia bem que a amiga baterista ainda ouvia Jonas Brothers quando estava sozinha. Sem julgamentos, afinal, quem nunca?

— Scotty é pop rock, só pra te lembrar. Igual a gente. — Laura colocou a língua para fora e apontou para a porta do banheiro. — Por que você não vai reclamar com a Mari que tá usando uma camisa de k-pop?

— AH NÃO, AQUILO É K-POP? — Gabriela gritou, de repente, olhando para o banheiro, com as mãos na cintura. Mari, lá de dentro, gritou de volta.

— Caceta, Laura, larga de ser linguaruda!

— Eu achei que isso fosse algo gótico, tem luas e sei lá o quê... se é k-pop, é bom nem subir no palco assim — Gabriela rolou os olhos sentando no sofá do quarto de hotel em que elas estavam, já que moravam do outro lado da cidade. Era comum que elas passassem algumas noites em hotéis quando tinham a agenda apertada. Mari saiu do banheiro ajeitando a maquiagem e olhando fixamente para Laura, com um sorriso irônico no rosto.

— Loona é uma religião, não é k-pop. Vai se catar, Gabriela, você gosta de Jonas Brothers!

— Quem te vê agora nem imagina que você era fã de Scotty quando a

gente se conheceu. — Laura sorriu sentando ao lado da amiga baterista no sofá, apontando para sua camiseta surrada. — Aposto que você nem conta pras pessoas que a gente começou como banda cover deles. E que você virou baterista porque o seu favorito era...

— Nem fala isso em voz alta! — Gabriela fez uma careta, puxando o celular e digitando furiosamente sem olhar para as amigas. — Além do mais, eu já estou em outra.

— Laura, a real é que só você ainda espera esse quinto álbum. Todo mundo sabe que a Scotty não vai lançar mais nada. — Mari voltou para o banheiro, sorrindo para a expressão de desespero que a amiga fez.

— O Caio já tem o quê? Dois filhos? E sete livros? Talvez alguns reality shows? Uma padaria, sei lá? — Gabriela cutucou a amiga, que agora estava irritada. Ninguém podia falar mal do seu grupo favorito, só ela mesma.

— Eu odeio vocês, voto pelo nosso *disband*.

A porta do quarto de hotel se abriu, de repente, fazendo as meninas se assustarem. Dandara, a quarta e última integrante da banda, entrou falando alto no telefone e gesticulando ao mesmo tempo que passava a mão no cabelo crespo, que tinha as pontas pintadas de rosa. Dandara era basicamente a última pessoa a ficar irritada na face da Terra e, se isso estava acontecendo, coisa boa não era.

— Eu te ligo depois porque estou na frente das meninas. Aham. Aham. Aham. Eu já disse que sim. Aham. Ok. — Ela desligou o telefone e encarou as amigas que, agora, estavam lado a lado apreensivas. — Temos três notícias: uma boa, uma ruim e outra que pode ser considerada parte da destruição mundial que políticos nazistas pregam.

— Deus me livre! — Gabriela rolou os olhos. — Ou as deusas da Terra, tanto faz.

— Eu não quero ouvir essa última. — Mari colocou a língua para fora.

— Qual é a boa notícia? — Laura perguntou nervosa, piscando os olhos algumas vezes sem perceber.

— Fechamos um show em Alta Granada! No mesmo lugar em que fizemos nossa primeira apresentação cover, embora eles quisessem que fosse na nossa antiga escola. Eu tô quase chorando só de falar disso! — Dandara sorriu, de repente, fazendo as outras garotas arregalarem os olhos. Mari abriu a boca sem saber o que falar e correu até a namorada, quase jogando Dandara no chão. As outras duas se entreolharam.

— Em Alta Granada? Sério mesmo? — Laura mordeu os lábios sentindo uma emoção sem explicação subir pelo seu peito. Elas finalmente voltariam para casa? Depois de três anos sem pisar na cidadezinha em que tinham começado tudo?

— No Cabeça de Javali? — Gabriela automaticamente começou a roer as unhas que estavam pintadas de preto.

— Sim, porém — Dandara segurou a mão de Mari e encarou as meninas —, precisamos falar das outras notícias primeiro.

— Você tá pior que astróloga anunciando Marte retrógrado nas nossas casas do horóscopo mágico ou sei lá o quê. — Gabriela cruzou os braços.

— Eu vou ignorar o que você acabou de falar. Wiccas deveriam ter sensibilidade com a astrologia. — Laura se virou para Dandara, balançando a cabeça. — Ok, qual a notícia ruim?

— Vai ser em uma festa secreta de Dia das Bruxas.

— E como isso é ruim? — Gabriela deu um grito, de repente, sorrindo e batendo palmas. — Vai ser perfeito! É um marco pra gente! Temos que combinar tudo direitinho e... — Mari abriu a boca, respirando fundo e quase hiperventilando.

— Meu Deus, que fantasia vamos usar? A gente precisa combinar isso primeiro, né? Será que dá tempo de mandar fazer? A gente vai ter que alugar? Eu odeio alugar roupa, ela sempre vem com cheiro esquisito. Vou ligar pra minha mãe, talvez ela tenha guardado algumas coisas antigas...

— Eu sabia que isso seria um problema — Dandara deu de ombros, vendo as três garotas à sua frente começarem a discutir calorosamente sobre fantasias e como isso seria incorporado ao show. Em algum momento, uma delas mencionou RBD e foi quando Dandara soube que deveria interferir. — Mas a notícia catastrófica não é muito divertida.

— É pior do que precisar combinar alguma coisa entre nós quatro? A gente já sabe que a Gabriela tem um péssimo gosto. — Laura cruzou os braços, levando um tapa da amiga, e Dandara mordeu os lábios.

— Sim. Porque hoje é dia trinta de outubro e o show vai ser daqui a vinte e quatro horas. Na noite de Halloween.

As meninas se entreolharam por alguns segundos, que pareceram uma eternidade, e Gabriela começou a rir descontroladamente. Dandara piscou algumas vezes para ter certeza que estava enxergando bem e que não era uma alucinação em um momento tenso. Laura começou a rir junto e em questão de segundos, as três garotas gargalhavam em frente a uma líder confusa.

— Talvez vocês tenham perdido a cabeça, mas a nossa van pro Rio de Janeiro sai logo depois da entrevista da rádio, em algumas horas. A gente nem vai poder passar no apartamento.

— Eu estou esperando você me dizer que isso foi uma piada, amor. — Mari disse, secando algumas lágrimas entre uma gargalhada e outra. Dandara mexeu a cabeça negativamente.

— Ok, preciso de meia hora pra respirar fundo antes de ter um ataque de pânico, porque vinte e quatro horas, sendo sete delas em uma van, não faz nenhum sentido! — Laura respondeu, respirando fundo. Puxou o celular do bolso e saiu em direção ao banheiro, deixando as amigas de banda discutindo no quarto do hotel.

A discussão era sobre usarem as roupas de Gabriela como fantasia de bruxa ou simplesmente se envolverem em plástico bolha, criando um conceito diferente e fingindo que era de propósito. Não era com isso que Laura estava genuinamente preocupada. Assim que tinha ouvido sobre Alta Granada, seu coração passou por estágios diferentes de sentimentos. O primeiro era, claro, o de visitar sua cidadezinha natal, onde estavam seus pais e sua antiga escola. Onde a Scotty tinha começado e onde elas decidiram, em uma tarde chuvosa e entediante de verão há quatro anos, montar uma banda cover dos garotos mais famosos do país como se fosse uma brincadeira. Estava com saudades e a emoção de saber que finalmente poderia voltar para casa era grande demais. Mas, então, seu coração tinha passado para o segundo estágio, que era a preocupação. Fazer um show onde começaram era uma responsabilidade e tanto e, embora ela soubesse que a Stacy (sim, a banda delas) não teria problemas com o palco, existia toda uma preparação mental e física para algo tão grande assim. O que, obviamente, não aconteceria. E isso era preocupante. Em três anos rodando o Brasil e alguns países da América Latina, a banda tinha aprendido muitas coisas diferentes, tocando em diversas casas de shows e para públicos que nunca tinham imaginado. Mas tocar em casa, no Cabeça de Javali, era muito mais do que tudo isso.

O que também levava ao terceiro e atual estágio mental em que Laura se encontrava, sentada ao lado do vaso no banheiro, batendo com as unhas na tela desligada do celular. Alta Granada significava Tiago. Significava ter que provavelmente ver seu ex namorado em apenas vinte e quatro horas, sem ao menos se preparar para isso ou poder inventar alguma desculpa para fugir. O garoto com quem ela tinha dado o primeiro beijo, perdido a virgindade, que tinha sido seu melhor amigo por todo o Ensino Fundamental e Médio. O garoto que tinha deixado para trás porque ela queria conquistar o mundo e ele precisava cuidar da sorveteria do pai. O garoto que ela nunca tinha conseguido esquecer e que, embora estivesse bloqueado em todas as redes sociais possíveis, vez ou outra aparecia em seus sonhos para lembrar que tinha sido o cara mais incrível que Laura conhecera em toda sua vida. Que nenhum dos homens que encontrou nas turnês e nos camarins era sequer um terço do que Tiago era. Na real, ela só tinha tido azar com todos os caras que vieram depois dele, embora isso aparentemente estivesse sendo uma realidade para muita gente.

Balançou a cabeça porque não podia entrar no buraco negro de pensar em como ele era maravilhoso, bonito e será que ainda tinha o tanquinho de sempre? Droga. Fechou os olhos e respirou fundo algumas vezes, ouvindo uma batida na porta.

— Laura, já são sete da noite e a van pro estúdio da rádio vai chegar em meia hora. A gente precisa fazer as malas. Dandara já saiu correndo pro quarto dela e da Mari. Você pretende sair daí hoje ainda? Tá tudo bem? Tô mandando energias positivas, mas estou irritada o suficiente pra se transformarem em magia pesada, então não se atrase!

A garota ouviu Gabriela bater mais algumas vezes na porta e se levantou lentamente. Teria sete horas dentro da van para pensar em um jeito de sobreviver ao encontro com Tiago. Se bem que Dandara tinha dito que seria uma festa secreta de Dia das Bruxas, certo? Quem sabe, talvez, ele nem tenha sido convidado?

As quatro garotas encaravam o locutor da rádio e um outro convidado esperando o aviso de que entrariam no ar. As malas prontas para viajar já estavam na van, que esperava as meninas no estacionamento do prédio. Sem nenhuma fantasia de Halloween decidida, claro. Não era como se elas fossem tirar alguma roupa de um armário mágico de um hotel. Isso só acontecia nos livros de fantasia. O motorista, seu Carlos, estava acostumado a viver atrás do volante esperando por elas em tudo que era canto e tinha até sugerido que devessem ter levado os lençóis do hotel para se vestirem de fantasmas. O que não era uma ideia totalmente ridícula, embora já não desse mais tempo.

O outro convidado da rádio noturna era um garoto jovem, beirando os dezoito anos. Ele se encarava na câmera do celular, tirando selfies e olhando pelo canto de olho para as meninas. Elas, sinceramente, não faziam ideia de quem ele era.

— Eu ouvi falar que na banda de vocês tem um casal de lésbicas, é sério isso? — Ele perguntou, de repente, quebrando o silêncio. Mari, que estava aquecendo a voz, tossiu. Laura arregalou os olhos vendo Gabriela tirar o fone de ouvido.

— É o quê? — Gabriela perguntou em tom de ameaça.

— Foi o que um amigo falou e eu achei muito inteligente na verdade. É um diferencial, né? Tá na moda. Eu tô tentando adivinhar quais de vocês não gostam de homens. — O garoto sorriu.

Dandara respirou fundo, mordendo os lábios.

— Ninguém gosta de homens. — Laura rebateu.

— E no momento eu não gosto de você, inclusive. — Gabriela apertou os olhos em direção a ele com a melhor expressão de que lançaria um feitiço.

— Calma lá, eu nem fiz nada. Só foi uma pergunta, caramba. Não se pode dizer mais nada agora, que mundo chato...

— Coitado de você... qual seu nome mesmo? — Laura perguntou, sentindo Dandara encostar em seu ombro.

— Não vale a pena, amiga.

— Meu nome é Filipe Filho, eu achei que soubessem quem eu era. — O garoto pareceu ofendido por alguns segundos. — Você está muito calma pra quem disse que era a líder do grupo. Eu achei que, pela sua cara, iria começar a gritar comigo. Você que é uma das lésbicas?

Dandara encarou o garoto com a testa franzida.

— Pela minha cara?

— É. Você tem cara de brava.

— Ah, meu caralh... — Gabriela rolou os olhos, impaciente. Dandara abriu a boca, desnorreada. Não era a primeira vez que ouvia isso e ela sabia que não seria a última. Cara de brava? Que estereótipo mais imbecil. A garota tirou o fone de ouvido e se levantou, vendo o rosto do apresentador da rádio ficar pálido, já que ele estava até agora fingindo não ouvir a discussão. O relógio na parede marcava que eles entrariam no ar em menos de dois minutos.

— Querida, você não pode levantar agora. Estamos quase ao vivo. Vamos deixar isso pra...

— Eu tô levando o meu grupo pra fora daqui! — Dandara disse fazendo um movimento para que as outras garotas se levantassem. O apresentador pareceu surpreso e apavorado ao mesmo tempo. — Sinceramente, não construímos a nossa carreira com tanto trabalho pra precisar dividir espaço com gente machista como esse Filipe Filho. Pedimos desculpas, mas estamos indo embora.

— Vocês não podem... não... calma. Vamos conversar! — O apresentador gesticulou para quem estivesse no estúdio ao lado, pelo vidro, fosse até eles com urgência. Mari encarou Dandara com o rosto vermelho e a garota sabia que a namorada poderia chorar a qualquer momento. Estava cansada e frustrada de aceitar as coisas caladas, por ela e pelas meninas. Elas não precisavam daquilo.

Já tinha cinco minutos desde que Dandara estava em uma sala fechada com os produtores do programa, junto do convidado e o apresentador. Laura, Gabriela e

Mari estavam sentadas no corredor, encarando o relógio em silêncio, tentando ouvir o que estava acontecendo lá dentro. Só algumas poucas frases escapavam pela fresta da porta, o que não era suficiente para montar um *case* de investigação.

— EU NÃO ACREDITO!

— O mais importante é dar a exclusiva do show de Halloween delas.

— Abaixa o seu tom de voz porque eu estou calma.

— Pedimos desculpas, mas...

— Você é maluca!

— VOCÊ SABE QUEM EU SOU? DEZ MILHÕES DE INSCRITOS!

— Vamos fazer o seguinte...

Laura tomou um susto quando a porta abriu em um estrondo e o garoto chamado Filipe Filho saiu da sala batendo os pés, com o telefone nas mãos. Ele não olhou para as meninas e seguiu em direção ao elevador do prédio, visivelmente nervoso e alterado. Dandara saiu segundos depois, com a expressão mais tranquila que poderia estar naquele momento. Mari se levantou em um pulo, indo até a namorada.

— O que vamos fazer?

— A Stacy vai dar uma entrevista sobre o show de Halloween, vamos falar sobre nossas músicas e carreira, sobre o Scotty e cantar alguma coisa no final. A gente entra no ar em dois minutos. Sem nenhum convidado extra. Eu cansei de aguentar tudo calada.

24H PARA O SHOW SECRETO

— Estamos aqui com a *girlband* mais famosa do Brasil e é uma honra recebê-las hoje no nosso estúdio! As meninas da Stacy estão no topo das playlists do Spotify, além de terem vendido mais álbuns digitais do que os outros três lugares depois delas nessa lista juntos! É impressionante! Há anos que uma banda de pop rock nacional não fazia tanto sucesso entre os jovens. E elas vieram bater um papo conosco no nosso especial de Halloween, já que tem tudo a ver com o último álbum lançado no mês passado. Podem falar um pouco mais dele pra gente?

— Obrigada pelo convite, ficamos sempre felizes de poder conversar com os ouvintes, porque a gente escutava muito a rádio antes de começarmos a banda! — Mari disse, naturalmente simpática.

— O nosso último álbum se chama *Garotas Bruxas* porque é como as mulheres são vistas desde sempre na história da humanidade. A força feminina e a sexualidade ainda são tabus, inclusive entre os jovens, então a gente queria

falar um pouco sobre isso através das nossas músicas. — Gabriela explicou, levemente entediada. — Tem uma pegada de punk rock com pop e influências de bandas como The Runnaways, The Donnas e... e...

— E Scotty! — Laura completou, rindo. Gabriela rolou os olhos e o apresentador riu junto.

— Antes de falarmos sobre a influência da Scotty na carreira de vocês, que tal anunciarmos o grande evento de amanhã em primeira mão? Ficamos super animados com a novidade! E dois ouvintes serão sorteados para receber informações privilegiadas de onde será o show das Stacy!

— Galera, amanhã é Halloween e vai rolar show secreto na nossa cidade natal, Alta Granada! — Dandara revelou, animada. — Se você é da cidade ou dos arredores, fique de olho nas nossas redes sociais para informações e dicas nas mensagens para podermos nos encontrar!

— Só não confundam os mantras mágicos da Gabriela com dicas porque provavelmente são só mantras mesmo! — Laura falou próxima ao microfone, fazendo as amigas rirem.

— Ou talvez sejam coordenadas secretas, tipo filmes de espionagem.

— São só mantras mesmo. — Mari repetiu, vendo Gabriela fazer uma careta.

— O show vai ser de graça e aberto pra todo mundo que conseguir chegar seguindo as dicas até atingir a lotação máxima da casa. — Dandara continuou explicando, como uma boa líder, enquanto as outras continuavam discutindo sobre mantras.

— E a gente sabe que essa lotação acontece, né? — O locutor perguntou, puxando outro assunto da pauta que ele segurava nas mãos e que estava cheia de rabiscos e anotações. — O show do começo do ano esgotou ingressos em menos de cinco minutos para uma das maiores casas de São Paulo! Como foi isso, podem falar um pouco?

A entrevista durou um pouco mais de uma hora e antes das onze da noite as quatro garotas estavam dentro da van, disputando os lugares para passarem uma madrugada na estrada. Até então, nada fora do normal. Seu Carlos tinha ouvido a rádio enquanto esperava por elas e parecia um técnico musical dando pitacos sobre onde elas poderiam melhorar. Ele era, basicamente, o dono do fã clube das meninas. Literalmente. Tinha conta no Twitter e tudo mais.

— A minha vontade de permanecer afinada depois de encarar um saco de bosta era negativa. — Laura reclamou, explicando a seu Carlos o que tinha

acontecido com o tal Filipe Filho e colocando a máscara de dormir no pescoço, se preparando para tirar um cochilo. Gabriela tinha aberto a janela ao lado dela e estava acendendo um incenso, fazendo Mari xingar em voz alta.

— Você agora xinga em coreano? — Laura sorriu para a amiga. Dandara rolou os olhos concordando, puxando lenços umedecidos da bolsa e tirando a maquiagem.

— Ô senhorita Gabriela, pode fechando a janela e apagando esse treco. Não vai fazer vodu aqui dentro hoje não — Seu Carlos disse, dando a partida no carro. Laura soltou uma risada muito alta encarando a amiga.

— Sem vodu pra bruxa hoje. Ainda não é dia trinta e um.

— Seu Carlos, fica tranquilo que meu incenso dessa vez é só pra tirar a energia ruim daquele estúdio. — Gabriela mexeu as mãos com a fumaça cheirosa invadindo toda a van. — O dia que for um vodu de verdade o senhor vai saber.

— Nem a gente sabe quando é. — Mari disse abrindo sua janela também para deixar a fumaça sair.

— Deixa a Gabriela com as bruxarias dela e vamos pensar juntas no cronograma de amanhã em Alta Granada? — Dandara perguntou. Laura se enfiou no banco sem vontade de falar sobre isso, enquanto Mari puxou seu caderno da mochila que tinha o mesmo símbolo de lua da sua camiseta, que agora todas elas sabiam que era algo de k-pop. — A Carol da gravadora está me mandando mil mensagens com instruções, contato de técnicos, entre outras coisas. Seu Carlos, qual a previsão de horário pra gente chegar na cidade?

— Com a parada na estrada, por volta das oito da manhã. — O motorista respondeu, consultando o mapa no celular. Ele tossiu algumas vezes. — Gabriela, apaga essa merda!

— Sua falta de fé é perturbadora, Carlos.

— Perturbador é esse cheiro esquisito de peido açucarado! — O motorista respondeu.

Dandara e Mari traçavam uma planilha no caderno para passarem para o laptop, como sempre acabavam fazendo durante as viagens. Se tinha uma coisa que aprenderam nesses anos de estrada é que a organização era a chave de tudo. Nenhuma delas era formada em produção e com menos de vinte anos não tinham tanta experiência quanto gostariam, então precisavam tomar cuidado com tudo o que decidiam fazer. Gabriela terminava de defumar toda a van enquanto Laura ligava para sua mãe, porque até então não tinha tido a coragem das amigas de fazer isso antes de realmente estar na estrada. Era como se o fato de estar ali dentro da van de repente tornasse tudo uma realidade. Chegava a subir um arrepio na espinha de nervosismo por voltar para a cidade que viveu toda a sua

vida.

Estava morrendo de saudades de seus pais e conversar com a mãe no telefone tinha feito seus olhos se encherem de lágrimas. Não era fácil ir e vir de Alta Granada atualmente porque era uma cidade pequena, sem aeroporto e com uma estrada ruim até a capital. Culpa dos atuais governantes, claro. O Rio de Janeiro parecia abandonado. Em alguma época no passado, esse acesso tinha sido melhor. Por isso, a última vez que havia encontrado seus pais foi no último Natal, quando eles voaram até São Paulo para visitá-la.

— Já estou recebendo um monte de mensagens sobre o show secreto! Tem muita gente curiosa e já bolando teorias. E eu só mandei um olá em hangul! — Mari disse, animada, checando as redes sociais. — Quando vamos postar a primeira dica da hora e do local?

— O produtor do Cabeça de Javali vai me passar uma lista com dicas que podemos dar. — Dandara encarou o celular lembrando de cobrar o cara. — Que tal a gente falar sobre fantasias? Gabriela tem alguma ideia?

— Se vocês decidirem por RBD eu não subo no palco. — A garota disse, fazendo as amigas rirem. Laura terminou a ligação com a mãe e encarou as outras meninas.

— É Halloween, gente. Tem que ser assustador.

— E se vestir de colegial como se fosse uma banda revolucionária não é assustador o suficiente? — Dandara gargalhou vendo Laura concordar fervorosamente.

— O que é assustador pra vocês? — Mari perguntou, de repente, fazendo as amigas ficarem pensativas.

Laura prendeu os cabelos cacheados e volumosos em um coque alto, esperando que alguma das meninas respondesse primeiro porque sinceramente não sabia muito bem o que dizer. O que era assustador para ela? Era para ser literal ou filosofar sobre como o futuro parecia um filme de terror porque elas eram jovens em uma época em que políticos nazistas ganhavam palanque pelo mundo? Talvez essa não tivesse sido a real pergunta de Mari. Entrar numa discussão filosófica àquela hora poderia ser como sonífero e elas aparentemente tinham muita coisa para discutir sobre o show. O que era assustador? Fora palhaços e serial killers, provavelmente o fato de que estava morrendo de medo de encontrar seu ex namorado. Era real, como os efeitos especiais ruins da série *Sobrenatural* com fumaças pretas de demônios e coisas assim. Real mesmo. Era um sufoco que subia pelo pescoço e travava a língua de nervosismo.

Muitas coisas passavam pela sua cabeça depois de três anos. Uma delas é que era apavorante o fato de ela não conseguir parar de pensar que ele era o grande amor da sua vida. Como se isso existisse, sabe? Alma gêmea e tudo mais.

A outra era que não sabia do paradeiro dele por todo esse tempo e Tiago bem poderia estar morando em outro país, casado com cinco filhos ou estagnado no tempo na sorveteria do pai usando bigode e cabelo comprido. Tudo era possível e ali estava ela, com medo de esbarrar com o garoto em uma festa à fantasia onde ela estaria em cima do palco, trabalhando. O que era outra coisa que passava por sua cabeça. Ele nunca tinha visto Laura no palco. Não em um de verdade, com a Stacy. E isso era assustador o suficiente porque, lá no fundo, ela queria que ele sentisse muito orgulho e que ficasse impressionado, de boca aberta, pensando que deveria ter ido atrás dela em algum momento. Arrependido mesmo.

— Pra mim, bonecas são assustadoras — Dandara respondeu passando um creme noturno no rosto e fazendo Laura acordar dos seus pensamentos. — Aquelas coleções de bonecas de tamanhos reais com caras de bebês de verdade ou que poderiam acordar de madrugada pra poder te matar enquanto você dorme. As lendas urbanas onde bonecos escondem facas no corpo de pano?

— Tipo *Toy Story*? — Gabriela riu. Dandara concordou.

— Imagina aquele bando de brinquedo ganhando vida? É assustador de verdade, eu não consigo entender.

— Tubarões — Mari disse, de repente, respondendo a própria pergunta. — Eu tenho pavor só de pensar.

— Mas eles são tão fofinhos! — Laura se virou para trás, apoiando no encosto do banco e encarando Mari e Dandara.

— Fofinhos? Com aqueles dentes? Você assistiu o filme?

— *Sharknado*? — Gabriela riu vendo as amigas concordarem.

— É um baita filme ruim — Dandara encarou Mari. — Mas eu já te disse isso antes, um tubarão não vai invadir seu quarto de noite e arrancar sua cabeça.

— Em *Sharknado* isso seria possível! — Mari deu de ombros, como se encerrasse o assunto.

— Eu poderia citar palhaços, mas eu acho que tenho medo de qualquer coisa que pareça fofa e infantil e que mate as pessoas quando ninguém está olhando. — Laura olhou para Dandara com uma careta. — Tipo bonecas com facas escondidas no corpo de pano. Preciso concordar contigo.

— Eu nem vou conseguir dormir agora.

— E você, Gabi? — Mari olhou para a amiga com expectativas. Gabriela tinha essa aura de bruxa adolescente que tomava vinho no cemitério e fazia pentagramas na areia da praia enquanto cantava alguma música de rock alemão. O que tinha acontecido muitas vezes quando elas eram mais novas, claro. Todo mundo tinha passado por essa fase de Wicca e livros de magia, pedras e cristais, mas Gabriela continuava na mesma desde os quatorze anos. Vivendo num eterno

filme de terror de Tim Burton, porque ela era meio fofinha quando queria. Mas era bom ninguém falar isso para ela.

Gabriela encarou as amigas com os olhos apertados e mexendo os dedos, pensativa.

— Eu acho que não tenho medo de nada. Nada é assustador o suficiente.

As outras garotas deram gritos e risadas altas, se recusando a acreditar na amiga. Até seu Carlos soltou uma gargalhada.

— Eu tô falando sério. Não tem nada que... — Ela voltou a falar quando um trovão estourou muito alto no meio da estrada, ao mesmo tempo em que uma chuva forte começou a cair. Gabriela deu um grito e pulou do seu banco, fazendo todo mundo ficar em silêncio por alguns segundos.

— Você tem medo de trovão? Que sem graça! — Laura zombou, colocando a língua para fora. Gabriela arregalou os olhos e encarou a estrada escura do lado de fora.

— Eu não... hmm...

— Sabe que foi uma mensagem de uma das suas deusas te dizendo pra tomar cuidado com o que você fala, né? Não ter medo de nada é irreal. — Mari sorriu.

— Você tá zoando, mas tá ventando pra caramba e um tubarão pode muito bem cair em cima da nossa van! — Laura voltou a sentar direito em sua poltrona. Mari fez um barulho esquisito com a boca.

— A gente tá em São Paulo, não tem condições de isso acontecer.

Gabriela ainda olhava para fora do carro sem conseguir enxergar um palmo a sua frente. A chuva estava muito forte e isso tinha feito com que seu Carlos diminuísse a velocidade porque a estrada ficava perigosa desse jeito. Ele acabou avisando que se continuasse dessa forma, o cronograma delas iria mudar porque atrasariam a chegada à cidade. As meninas ficaram em silêncio ouvindo o barulho da chuva e, em questão de minutos, quase todas tinham caído no sono. Menos Gabriela. Ela encarava ainda o lado de fora, com a cabeça encostada no vidro, tentando não pensar que em algumas horas estaria chegando em Alta Granada. Ela não queria ir para casa.

Nunca tinha falado disso com as amigas, mas ela detestava seu irmão mais velho. Na antiga casa em que tinha crescido moravam só os dois e sua mãe, já que ela não tinha conhecido seu pai. E o irmão sempre tentou agir como um, embora fosse uma pessoa horrível, sempre colocando Gabriela para baixo. Eram agressões verbais e psicológicas que faziam com que a garota não quisesse nunca estar em casa, o que acabou acarretando em muitas brigas com sua mãe. Ela era taxada de rebelde mimada e sua mãe protegia o irmão, nunca admitindo que ele era ruim. Ninguém duvidava da índole do garoto. Gabriela tinha perdido

a conta de quantas vezes duvidou da razão de estar existindo porque ele a tinha convencido que sua vida não servia para nada. E de como ela sempre se sentia maluca imaginando coisas e acabava pedindo desculpas mesmo quando era ele que pegava no pé dela.

Então não. Ela não queria voltar para casa. Ela não queria sequer que ele soubesse onde ela estava. Não sabia como contar para suas amigas, mas se alguma coisa era assustadora para ela, era seu irmão. O trovão realmente tinha sido só um susto. Ela amava chuva e eventos da natureza. Sabia que era o mundo tendo sentimentos, como algo vivo e em eterna evolução. E era lindo.

Escreveu o nome da banda no vidro embaçado, sentindo que a van diminuía ainda mais a velocidade. Olhou para o motorista, que estava parando em um acostamento com o farol piscando, o que era atípico, e ficou preocupada. Ele olhou pelo retrovisor e viu que Gabriela ainda estava acordada.

— Tem um carro parado aqui na estrada com uma mulher sozinha no banco da frente. Vou ligar para o socorro porque ela deve ter enguiçado. — Ele sussurrou.

Gabriela levantou do seu banco devagar, sem acordar as amigas, e seguiu até a frente da van, apoiando-se no encosto de seu Carlos.

— Será que não é melhor a gente ir até ela pra oferecer ajuda? E se a mulher estiver machucada? O guincho e a polícia podem demorar pra chegar aqui no meio do nada.

— O carro está piscando o alerta, parece enguiçado. Não inventa coisa. — Seu Carlos procurava informações no celular. Gabriela apertou os olhos tentando enxergar alguma coisa do lado de fora do vidro.

— Eu vou até lá.

— Gabriela, isso não é brincadeira e nem cena de filme de terror. É perigoso. Estamos no meio de uma estrada movimentada, de noite. — Seu Carlos encarou a garota de forma séria.

— Então vai comigo, oras — Gabriela deu de ombros, puxando seu casaco do banco e abrindo a porta da van o mais lento que conseguiu, com medo de acordar as amigas. Seu Carlos fez uma careta e só não deu um berro para não assustar as outras meninas. Em questão de segundos, Gabriela estava do lado de fora, fechando a porta com dificuldade por causa do vento e seguindo lentamente para o carro parado atrás deles, com o casaco na cabeça. Estava mais frio do que ela tinha imaginado, gotas pesadas caíam em cima dela e não podia negar que estava tremendo com certo medo. Era inconsequente? Talvez. Mas se fosse alguma mulher precisando de ajuda, ela não podia simplesmente ignorar.

Viu seu Carlos saindo da van e seguindo atrás dela, abrindo um guarda chuva. Gabriela sorriu e se juntou ao motorista. Não que um senhor de idade

como ele fosse de alguma ajuda caso um serial killer ou um tubarão voador fosse ao encontro deles, claro. Mas não estava sozinha. Como aquela mulher do carro parado estava.

Ela abriu o vidro assim que os viu se aproximando e ligou a luz interna do carro, como se mostrasse que não tinham o que temer. A mulher parecia ter a idade da mãe de Gabriela e, apesar de estar parada no meio do nada, não parecia assustada ou com medo. Estava no celular.

— A senhora precisa de alguma coisa? — Gabriela perguntou quase gritando, já que o vento estava forte. A mulher sorriu de volta.

— Obrigada, querida. Eu chamei ajuda e eles devem chegar em uma hora. O carro não está pegando por nada.

— Tem certeza que está bem? Podemos te levar para algum lugar e esperar o guincho. — Seu Carlos sugeriu e ela negou, ainda sorrindo.

— Obrigada. Estou aqui há algum tempo e nenhum carro parou pra oferecer ajuda, até estranhei quando vi a van de vocês. — Ela disse mostrando o celular. — Estou falando com a seguradora, já enviaram alguém. Não se preocupem.

Gabriela ouvia o que a mulher estava dizendo, mas só conseguia pensar que, de qualquer jeito, aquilo seria uma ótima cena de filme de terror. Era o momento certo e propício para algo esquisito e sobrenatural acontecer. Não queria nem pensar em filme de assassinato ou com intervenção humana, porque eram os piores. Mas talvez alguns espíritos da terra ou fantasmas do além seriam divertidos. Apertou o casaco molhado contra o corpo vendo a mulher fechar o vidro acenando e seguiu o guarda-chuva de seu Carlos de volta para a van.

— Você sabe que foi muito irresponsável da sua parte sair da van no meio da estrada escura, né? — Ele perguntou, visivelmente irritado. Gabriela deu de ombros.

— Eu ficaria feliz se alguém fizesse isso por mim.

— Eu também, mas você só tem quinze dezenove anos, não pode sair tentando salvar todo mundo! — Seu Carlos balançou a cabeça empurrando Gabriela para o lado para que não pisasse em uma poça de água.

— Eu tenho dezenove e você sabe disso! — A garota fez uma careta. — E eu não quero salvar todo mundo. Só mulheres. Homens, o que tenho a ver?

Seu Carlos deu de ombros ao mesmo tempo em que um trovão explodiu muito alto em algum lugar na mata em volta deles iluminando toda a estrada como se estivesse de dia. Gabriela deu um pulo gritando tanto que fez o motorista desatar a rir, abrindo a porta da van para a garota, que estava encharcada por ter caído em uma poça depois do grito.

— Pronto, acabou de dar meia noite e você teve seu primeiro momento

de Dia das Bruxas. Tá satisfeita?

— Não poderia estar mais feliz. Vai virar música pro próximo álbum.

16H PARA O SHOW SECRETO

Seu Carlos precisou acordar as meninas às cinco da manhã para tomarem café em uma parada na estrada. Estavam há muito tempo sem comer e provavelmente só iriam almoçar no meio da tarde, já que precisariam resolver coisas do show assim que chegassem na cidade. As instruções da produtora da gravadora tinham sido bem claras, embora Dandara estivesse sempre no comando. O homem não tinha problema nenhum em seguir ordens e cronogramas de uma garota jovem. Dandara era organizada, ele precisava admitir. Tinha trabalhado por anos com várias bandas, de idades e estilos diferentes, mas a Stacy tinha se tornado o seu xodó e ele as protegia de qualquer jeito. Eram garotas novas, mas guerreiras e que sempre estavam à frente do que precisavam fazer. Não tinha tempo ruim. Ele mesmo já tinha visto e passado por momentos difíceis ao lado delas que, se fossem com ele, poderiam tê-lo tirado do caminho e do trabalho. Mas essas garotas não. Elas enfrentavam um espaço difícil no mercado musical, em sua maioria cheio de homens mais velhos e que sempre achavam que tinham razão em tudo. Seu Carlos sabia bem.

No fim, elas já eram parte da sua família.

— Então a gente se atrasou por duas horas porque vocês esperaram o guincho da mulher da estrada chegar? — Dandara perguntou, coçando os olhos e abrindo o caderno de anotações. Gabriela concordou, bocejando.

— Fizeram o certo, estou orgulhosa. — Mari sorriu, ajustando os óculos escuros e analisando o pão na chapa que o garçom tinha trazido.

Seu Carlos atendeu uma ligação da gravadora e levantou da mesa, deixando as meninas sozinhas por alguns minutos. Elas não conversaram ou trocaram olhares porque estavam sonolentas e cansadas demais. Os rostos estavam claramente amassados e com rastros de baba, porque dormir em uma van não era muito confortável. Elas já estavam acostumadas, claro, mas isso não fazia com que de repente virasse uma cama de hotel. Quem dera.

— Ok, não olhem para o lado, mas acho que temos um fã — Laura disse baixinho, olhando discretamente para uma mesa a pouca distância da delas. Sentado, um garoto estava com os olhos arregalados e filmava as meninas de forma nada discreta com o celular. Gabriela se virou para ele, ignorando o aviso de Laura.

O garoto encarou como uma confirmação de que, sim, era o seu grupo favorito ao seu lado no meio de uma lanchonete na estrada e se levantou indo até

elas. Laura deu um chute em Gabriela por debaixo da mesa, fazendo a garota soltar um grito.

— Desculpa, gente. Eu sou muito fã de vocês! Eu nem acredito que isso é verdade! Acho que é o melhor dia da minha vida! Posso tirar uma foto? — O garoto perguntou, envergonhado, porém parecendo muito animado por vê-las ali. Dandara sorriu, concordando e fazendo um movimento para que as garotas se levantassem da mesa para posar ao lado dele, que todas logo obedeceram. — Eu preciso dizer que amei o último álbum! *Garotas Bruxas* é o meu favorito de todos os tempos! A música que fala sobre amor próprio é meu hino de vida. Me ajudou muito, obrigado de verdade.

— Também é minha música favorita! — Mari contou, sorrindo.

— Claro, foi você quem escreveu. — Laura colocou a língua para fora, de forma divertida. O garoto riu.

— Todas as vezes que eu pensei que não era bom o suficiente eu colocava a música e ela me deixava mais feliz. — Ele disse, depois que as meninas posaram para a selfie e ficaram em volta dele, curiosas. — Eu sei que o álbum é sobre garotas, mas a música foi feita pra mim.

— Aí é que tá, quando a gente fala de amor próprio, de autoconhecimento, de poder feminino e de feminismo, a gente tá falando sobre todo mundo de certa forma. É sobre você também. É sobre se amar, mas também sobre como isso é tão mais difícil quando se é mulher. — Laura segurou a mão do garoto, sorrindo. Ele sorriu de volta, concordando e ela achou por alguns segundos que ele fosse chorar enquanto encarava as mãos juntas. Era história pronta para fanfics.

— Então eu acho que entendi a mensagem. Obrigado, de verdade. Mudou a minha vida.

Enquanto as quatro viam o garoto voltar para a mesa da família, que acenou de longe, sentaram em silêncio olhando novamente para seu próprio café da manhã. Estavam com sorrisos nos rostos e sabendo que, por esses pequenos momentos, é que enfrentavam tudo no dia a dia. Porque podiam fazer alguém se sentir melhor. Não tinha magia ou bruxaria maior do que a de falar sobre amor e música.

— E se a gente se vestir de múmias no show? — Laura perguntou de repente, como se estivesse pensando nisso há horas, fazendo Dandara negar veementemente.

— Eu não vou subir no palco com um monte de pano amarrado no meu corpo. A Deusa não me deu esse corpinho volumoso pra esconder desse jeito.

— Se ninguém se decidir eu vou com a minha camiseta do Loona — Mari deu de ombros. Gabriela soltou uma gargalhada, arqueando a sobrancelha.

— Se vestir de virjona não é fantasia de Halloween!

— Eu vou arrancar a sua língua e talvez minha fantasia de açougueira seja suficiente pra você. — Mari fez uma careta, rindo.

— Essa competição de quem é mais malvada não está dando certo. — Dandara apontou para o caderno que estava em seu colo. — Preciso saber qual das três vai querer passar em casa, porque não vamos ter muito tempo hoje. Se puderem trocar por amanhã, seria ótimo. Além das fantasias, precisamos passar som, checar a casa de shows e tudo mais.

— Quando a gente vai ter uma equipe técnica que vai nos acompanhar em todos os shows pra que a gente possa só dormir e ser linda? — Gabriela rolou os olhos, terminando seu copo de café.

— Quando formos bem ricas — Laura fez uma careta.

— O dia em que o poder de Little Mix chegar até nós — Mari enfiou um pedaço de bolo na boca.

— Ou Fifth Harmony — Laura roubou o resto que sobrou no prato da amiga, fazendo Mari quase cuspir o que comia.

— Essa discussão claramente vai acabar em banho de sangue. O que está no tema, porém vamos evitar? Teremos a produção local, não se preocupem tanto com a técnica em si. — A líder apontou novamente para o caderno. — E aí? Sobre passar em casa?

— Posso fazer isso amanhã — Mari deu de ombros.

— Eu também — Gabriela concordou, feliz de não precisar se opor a isso sozinha. As amigas concordaram.

Dandara anotou em seu cronograma, apertando o casaco contra o corpo porque a manhã estava muito fria. Ela queria passar em casa, claro. Estava morrendo de saudades dos seus pais e do seu irmão mais novo, embora ela fosse uma das únicas da banda a conversar com eles por vídeo quase todos os dias. Via como as amigas agiam e reagiam sobre a família e sabia bem que ela era a que tinha mais contato diário com o pessoal de casa. Talvez fosse natural se distanciar um pouco depois que passavam tanto tempo longe, mas ela não entendia isso. Família era algo importante demais para que Dandara sequer pensasse em deixar de lado. Era a base da sua vida e sua maior inspiração.

Sabia que sua mãe iria querer assistir a banda de perto e isso deixava o coração dela quentinho e animado para o resto do dia. Fora que sua mãe amava Mari desde o início do relacionamento delas, então poder contar com esse apoio era ainda mais acolhedor. As vezes era só disso que ela precisava, inclusive nos dias de hoje, com tanta intolerância de todas as partes.

— Temos exatamente dezesseis horas até o show. Vou soltar a primeira dica nas redes sociais. — Ela avisou, assim que encarou o visor do celular e suas

anotações. As amigas pararam a discussão sobre aeroportos de extraterrestres no interior do país e prestaram atenção na líder do grupo.

@SomosAStacy: Estamos relendo Harry Potter durante a nossa viagem ao Rio de Janeiro! Que saudades das cervejas amanteigadas! Não tanta saudade das novas informações pós Animais Fantásticos, mas passamos bem! Até mais tarde! #HalloweenSecreto

@NarizdaMariStacy01: EU AMO HARRY POTTER E AMO VOCÊS!

@GarotasBruxasDo71: Fadas sensatas, eu sempre soube que vocês não iriam apoiar essa bagunça do mundo mágico. E essa dica, hein? Se eu morasse em Alta Granada já estaria na porta do show!

@HarryStylesMelhorQueKpop: Isso foi uma dica??? Alguém pode me ajudar??? Me mandem por DM!

@JiminAmaDandara: EU JÁ SEI! EU JÁ ESTOU AQUI NA FILA!

@CabeçaDeAlgaDaGabi: Estou no ônibus indo pra Alta Granada! Angra dos Reis ama vocês, meninas! Postem logo as outras dicas, que horas vai ser o show? Minha mãe não quer que eu volte tarde!

@LaurinhaTeAmoMuito: Até vocês estão na moda de falar mal da JK? Estou decepcionada. Porém aguardo a próxima dica.

@StacyPiorGrupoDoMundo: Tá bom, amores, ninguém se importa. #chernobyl #lixotóxico

15H PARA O SHOW SECRETO

— Minhas redes sociais estão explodindo com perguntas! — Laura comentou encarando o celular enquanto seu Carlos dava a partida na van, em direção à Alta Granada. As meninas liam algumas das mensagens em voz alta e vez ou outra gargalhavam com os nomes de fã clubes e de usuários que eram sempre muito criativos ou completamente ofensivos. Isso variava e se misturava demais, o que era bizarro.

— Eu já recebi alguns *hates* e estou socando o botão do bloquear como a JK faz com as críticas — Gabriela sorriu sozinha, abrindo a janela ao seu lado. Um vento frio entrou fazendo com que as amigas reclamassem.

— Amor, coloca aí o despertador pra gente soltar outra dica daqui duas horas? Eu vou dormir mais um pouco. — Dandara bocejou, puxando o cobertor de viagem para cobrir o rosto da luz do dia. Mari concordou sem tirar os olhos do celular. — Não fica muito bolada com os comentários maldosos, você sabe que isso só te faz mal. É melhor ficar longe do celular hoje.

— Mas a pessoa chamou a gente de Chernobyl! Isso é tipo, absurdo!

— É modinha de gente sem cérebro — Gabriela encarou a amiga. — Aposto que eles nem sabem o que isso significa.

— Graças a Deusa o meu pequeno fã clube é muito politizado — Laura sorriu sozinha respondendo algumas mensagens e fazendo vídeos para as redes sociais. De um tempo para cá tinha começado a investir mais em se mostrar na internet, falar com os fãs e tentar participar um pouco da vida on-line do grupo. Ela era a que menos usava esses recursos e com o tempo tinha percebido como isso tinha feito com que a sua popularidade diminuísse. Para muitos fãs da banda, Laura era a mais sem graça, sem personalidade, metida e esquisita. O que ia contra a lenda urbana de que os vocalistas eram sempre os mais populares. Ela nunca tinha sido. Tinha preguiça de colocar maquiagem, de falar sozinha e de ficar postando coisas sem profundidade só para que as pessoas soubessem que ela existia. Mas também estava arrependida de não ter se obrigado a fazer isso antes. Ouviu Gabriela gravando vídeos da estrada, falando com a câmera do celular e zoando alguma dica de horóscopo e resolveu imitar dentro da van. Até seu Carlos tinha uma conta movimentada on-line, por que ela não teria?

@LauraDaStacy: Eu quero matar a @GabiDaStacy porque ela dormiu de repente e não fechou a janela! Está frio! Se ela é um vampiro que tem a temperatura corporal baixa, eu não sou!!!

@GarotasBruxasDo71: Isso foi uma dica do show????

@CabeçaDeAlgaDaGabi: Gabi melhor pessoa!

@LaurinhaTeAmoMuito: VOCÊ FINALMENTE APARECEU, MINHA DIVA! ESTOU INDO TE VER!

@SomosTodasBruxas: Laura é tipo o lobisomem do grupo! Hahaha

@AmelhorPessoadoSite: Laura biscoiteira demais, ninguém aguenta mais você!

@StacyOT3: SAI LOGO DA BANDA, SUA INÚTIL!

@Tiago_Tanaka: Estou de olho nas dicas também, hein? Te vejo mais tarde! Sdds

@LaurinhaTeAmoMuito: IH, QUEM É ESSE DO COMENTÁRIO DE CIMA? ESTOU SHIPANDO!

Laura encarou as mensagens e, de repente, seu coração disparou fazendo com que sua boca ficasse seca. Entre uma mensagem sobre ser inútil na banda, na qual ela estava acostumada a ler, tinha algo que Laura não estava esperando de forma nenhuma. Era a última coisa que ela imaginava ler, inclusive nas redes sociais. Tiago Tanaka? Droga. Como isso tinha acontecido? Ela nem sabia que ele usava o Twitter! Seria melhor bloquear a conta dele para que não visse

nenhuma das dicas? Droga. Era tarde demais.

Ele estava esperando para vê-la, acompanhando tudo? Estava com saudades?

Fechou os olhos e encarou o teto da van, respirando fundo sem saber o que pensar direito. Era um misto de nervosismo, pavor e felicidade. E talvez misturado com a lembrança de beijar ele na boca, o que era um sentimento esquisito no momento. Seu Carlos olhou pelo retrovisor, preocupado.

— Você parece um fantasma.

— Eu acho que vi um fantasma — ela disse sem abrir os olhos.

— E não é a Gabriela porque ela está dormindo. Aconteceu alguma coisa? — O motorista riu sozinho da própria piada.

— Dramas adolescentes, seu Carlos. Nada demais.

— Faz tempo que não sei o que é isso. — Ele ficou pensativo. — Mas se precisar dividir, eu posso fingir que entendo. Como sempre.

— O senhor é bom demais pro trabalho que te pagam pra fazer. Vou advogar pelo seu aumento. — Laura sorriu, puxando o cobertor para cima do rosto. Mari fez um barulho esquisito no banco de trás, parecendo que estava reclamando sozinha com o celular. — Eu vou contar pra Dandara que tu ainda tá lendo comentários negativos!

— Como você aguenta isso, Laura? Como? É horrível! Uma garota acabou de dizer que nossa van deveria cair do penhasco na estrada. Isso não é normal, cara. Não é normal.

Laura percebeu que Mari estava nervosa e que não estava brincando. Tirou o cobertor do rosto, se levantando lentamente, tomando cuidado para não cair e não acordar as outras amigas. Andou até onde Mari estava sentada, sozinha em uma fileira de bancos vazios, e sentou ao seu lado. A amiga não tirava os olhos do celular e balançava as pernas de forma nervosa, roendo as unhas.

— As pessoas são muito ruins, cara. — Mari repetia balançando a cabeça. Laura puxou o braço da amiga, fazendo com que a garota olhasse para ela. — Como você aguenta isso?

— A maior parte dessas pessoas não quer realmente o nosso mal. Elas só são covardes. E estão em tédio.

— Laura, tem gente respondendo sua mensagem até agora com campanhas e abaixo-assinados pra você sair do grupo. Isso é horrível. Eu achei que era algo aleatório, mas é tipo torcida organizada. Eu estou chocada, de verdade. Minha mão está até tremendo. — Mari levantou os dedos e Laura logo apertou o braço da amiga contra seu próprio corpo, sorrindo.

— Amiga, está tudo bem. Eu estou aqui, certo? A nossa van não vai cair

do penhasco e eu não vou sair da banda. Essas pessoas precisam de algo pra que a vida delas faça algum sentido e, sinceramente, o ser humano é horrível quando quer. Parece que ser ruim é uma motivação pra alguns. Não pra todos. — Laura tremia um pouco enquanto falava porque era algo que ela repetia para si mesma sempre que lia coisas pesadas. O que era frequente, infelizmente. Respirou fundo, puxando o próprio celular e mostrando para Mari. — Olha essa mensagem. Essa garota disse que está chegando em Alta Granada para o nosso show como pedido de aniversário de quinze anos. Ela vai passar um dos dias mais importantes da vida dela conosco, isso é muito importante. E olha só essa aqui — Laura apontou para outra, fazendo Mari fungar — que disse que a nossa música salvou a vida dela. Hoje. E o dia mal começou. Ela acordou querendo morrer e disse que ouvir a música que você escreveu fez com que ela sorrisse. Isso é o que importa. Não o abaixo assinado ou sei lá mais o quê. É a vida de alguém, cara.

Mari secou o rosto rapidamente porque algumas lágrimas caíram sem que ela percebesse. Encarou Laura, que estava sorrindo de forma boba e imitou a expressão da amiga. Tinha muito orgulho de fazer parte e de se espelhar em um grupo de mulheres tão fortes e tão incríveis, que estavam sempre prontas umas para as outras. Era a primeira vez que tinha essa experiência e ela não sabia o que faria da vida sem as três. E o seu Carlos, claro. Era a família que ela tinha escolhido e, sinceramente, era a única que queria ter. Desde pequena Mari tinha visto um relacionamento disfuncional dentro de casa, com pensamentos retrógrados e agressões psicológicas muito fortes que tinham causado pequenas feridas que ela todos os dias tentava curar. Eram feridas invisíveis para todo mundo, mas que ela sabia muito bem onde estavam e porque existiam. Tinha crescido pensando que tudo que era e o que sentia estava errado. Que era fruto do mal. Não sabia quantas noites tinha dormido chorando e orando para um Deus, que não era o mesmo que o da sua mãe, porque o dela era cheio de amor, pedindo perdão por tudo que tinha dentro dela. Por ser quem ela era. Por gostar de garotas. E hoje Mari agradecia todo dia por poder estar longe de casa, vivendo sua própria história e podendo costurar cada pedacinho do seu coração que tinha crescido cheio de fendas. Olhou automaticamente para onde Dandara estava dormindo e fungou alto, novamente, se sentindo um pouco menos nervosa.

Viu Laura mexer a cabeça e concordou que o que ela tinha dito era muito melhor do que pensar sobre ódio gratuito. Se uma pessoa ficasse feliz por elas existirem, tudo já valia a pena. Era uma missão que todas tinham tomado para si e que sabiam, desde o começo, que não seria nada fácil. Apesar de todos os privilégios, que elas entendiam e debatiam bastante, as quatro tinham passado

por muitas coisas para chegarem até ali. E elas entendiam que deveriam ser gratas por poderem ter tido a oportunidade de seguir os sonhos, o que não era uma realidade para todo mundo.

— Obrigada por ter ouvido meu TED Talk! — Laura sorriu para Mari, que fungou alto, mordendo os lábios. — Quer ouvir alguma música? O que tem de novo no mundo do k-pop que você ainda não me obrigou a ouvir?

Mari acendeu, de repente, radiante. Era como uma palavra mágica, cheia de bruxaria, que do nada despertava essa felicidade interna que ela não fazia ideia de onde vinha. Saiu rapidamente das redes sociais e abriu o YouTube no celular, puxando o fone de ouvido e dividindo com a amiga o mais rápido possível, antes que ela pudesse desistir da ideia. Sabia que Laura aceitava ouvir as coisas que ela gostava como forma de amizade, embora detestasse qualquer coisa desse universo. Era muito agradecida a ela por isso. Tinha sempre a esperança de que Laura poderia gostar minimamente de alguma música ou clipe dos grupos que Mari tanto amava, então sempre escolhia a dedo o que mostrar. O que ouviriam dessa vez? Talvez um grupo chamado IMFACT ou então EXO? Laura curtia quando tinham garotos rebolando. Talvez a amiga não fosse gostar tanto de grupos femininos. Mas Red Velvet poderia ser uma boa! Quem não gostava de garotas unidas contra homens?

Laura sorriu vendo a outra correr os dedos por vários vídeos escolhendo meticulosamente o que iriam ouvir, como sempre acontecia. Era tão fofo de ver! Mari não sabia, por questões de moral e orgulho próprio, mas Laura gostava de um monte de coisa que a amiga já tinha mostrado. Inclusive tinha uma playlist secreta só de BTS, que ninguém nunca iria ficar sabendo. Mas, como sempre, se fez de desentendida e colocou o fone de ouvido, sorrindo discretamente quando a música começou a tocar.

12H PARA O SHOW SECRETO

Eram quase nove da manhã quando Seu Carlos começou a chamar as quatro garotas para que acordassem, ainda com a van em movimento. Chegariam em Alta Granada em menos de vinte minutos e elas precisavam se organizar para que seguissem o cronograma de Dandara, sem margem para erros. O show tinha que sair perfeito. Era o que mais tinha ouvido no meio das discussões entre as quatro, embora a parte de fantasias também tivesse sobressaído bastante. Ele não entendia, não era só colocar uma roupa preta e pintar sangue na boca? Era o que ele faria se estivesse no lugar delas. Sorriu sozinho e berrou o nome de cada uma novamente ouvindo algumas reclamações e xingamentos, como sempre acontecia. Ele tinha uma arma secreta que funcionava toda vez e que não tinha

medo de usar. Sorriu novamente mexendo no rádio da van, ligando uma música muito alta que ecoou por todo o veículo como um trovão medonho no meio da madrugada. Ele fazia questão de fazer isso com o volume no máximo, claro. Os xingamentos foram maiores, mas ele não ligava. Tinha escolhido sua música favorita da Stacy, que tinha essa pegada gótica com uma guitarra meio Beatles, que seu Carlos tinha certeza que era ideia da cabeça genial de Dandara. Ela era mestre em misturar umas coisas que pareciam nada a ver e que, no final, combinavam como se fossem criadas no céu.

A letra da música falava sobre beber vinho barato no cemitério, mas ele preferia ignorar essa parte.

A segunda dica sobre o show surpresa de Halloween, que tinha sido postada mais cedo por uma líder sonolenta, estava fazendo sucesso on-line com grupos criando teorias e fanfics. Era uma conta matemática cheia de fórmulas esquisitas que chegava à conclusão de que o show seria às nove horas da noite, mas as pessoas falavam sobre coisas aleatórias como trechos de vídeo clipes, pedaços de músicas, fotos postadas há meses e tentavam juntar umas informações que para as meninas não faziam nenhum sentido, mas que para os fãs eram como se elas tivessem pensado em tudo isso de forma magistral. Como se tudo estivesse conectado.

Não estava. Elas não entendiam nada do que eles falavam. Apenas sorriam e acenavam porque era curioso demais.

— A gente ainda precisa pensar sobre as fantasias e em como todo o nosso show vai ser desenhado. — Gabriela repetiu, assim que seu Carlos diminuiu a música vendo que as meninas tinham acordado, mesmo que na base dos xingamentos e ameaças.

— Bom dia pra você também — Dandara sorriu, bocejando e pulando para o banco da frente, onde Mari e Laura tinham dormindo com fones de ouvido. Depois da postagem da segunda dica, elas tinham voltado para uma playlist infinita de k-pop que só Laura tinha paciência de ouvir com Mari, o que Dandara era eternamente agradecida por não precisar fazer sempre.

— Eu nem acredito que estamos chegando! — A vocalista gritou, sorrindo de repente, abrindo a janela do banco que estavam suas coisas, logo na frente da van. Colocou parte do rosto para fora, sentindo o vento gelado bater nas bochechas e o ar puro que emanava da cidade do interior, longe de tudo e de todos. Aquela parte da estrada ainda era cheia de Mata Atlântica e o cheiro era tão familiar que ela sentiu os olhos encherem de água. Também porque o vento estava gelado, claro, mas a emoção de sentir aquilo de novo era indescritível. Tinha cheiro de infância, de primeiras vezes, de festas na praia e de bailes nos sábados à noite. Era mágico, de verdade.

— Vou verificar o uso das luzes de palco com o técnico porque sei que no Cabeça não tem uma estrutura muito boa, mas eu lembro que a iluminação era ótima. Isso vai ser ponto chave da apresentação. — Dandara pontuava com seu caderno na mão, mostrando para Mari e Gabriela, que debatiam algumas ideias.

— Eu espero que o *in ear* deles seja de boa qualidade — Mari rolou os olhos, prendendo o cabelo que estava todo bagunçado por ter dormido de gorro. — Porque quando começamos lá isso nem passava pela nossa cabeça.

— Eu não consigo mais me ver tocando sem retorno! — Gabriela sorriu pensando em todas as vezes no início de carreira em que tinha seguido o ritmo da música com a sua bateria sem ouvir uma nota que as amigas estavam tocando. Talvez tenha dado errado em algumas vezes, mas preferia acreditar que mágicas aconteciam. Ela agora permanecia uma baterista que queria se divertir, mas também que prezava pela técnica.

— Meninas... — Laura chamou, sorrindo sozinha olhando para fora da janela. A van estava iluminada com o sol escaldante do Rio de Janeiro e a natureza começava a dar espaço para pequenas casas de beira de estrada e terrenos vazios. Passou um posto de gasolina, a antiga igreja abandonada da cidade e o que Laura mais queria ver: a placa de “bem-vindo a Alta Granada”. Sentiu um arrepio subir pelas suas costas e sorriu sem perceber. Era mais do que um aviso de que estava em casa. Era uma memória automática, como se aquela placa significasse que estava tudo bem, que o mundo dava voltas e que ela ainda fazia parte daquilo. Que algum lugar do mundo carregava um pouquinho dela, não importa onde estivesse. — Meninas!

As três amigas pararam de conversar quando Laura chamou pela segunda vez e encararam o lado de fora ao mesmo tempo em que a placa passava por eles. As quatro estavam sorrindo e Gabriela abriu sua janela, colocando a cabeça para fora e gritando sem pensar duas vezes. Dandara e Mari desataram a rir e se entreolharam, segurando as mãos. Não importava o que tinham deixado para trás naquela cidade, era parte de quem elas eram. Nada iria mudar isso.

— Acho que podemos ir embora, ver a placa era a parte mais importante. — Laura disse, fazendo as amigas rirem. O telefone de Dandara tocou e a líder atendeu, falando com a produtora da gravadora.

— Acabamos de chegar na cidade. Aham. Aham. O técnico já está chegando na casa de show? Tem entrada por trás, pelo estacionamento da outra rua, né? Vou verificar com o seu Carlos. Aham. Certo. Isso vai gerar polêmica, mas tudo certo. Obrigada, te aviso. — Dandara desligou o celular, encarando as amigas da banda. — Escutem só, vamos chegar pela rua de trás e a van vai precisar ficar estacionada, escondida. Então, sinceramente, a chance da gente

sair e entrar no Cabeça de Javali antes do show acabar vai ser mínima. Não podemos dar de mãos beijadas o lugar sendo que a próxima dica vai ser postada daqui uma hora.

— Faz sentido. Não é como se a gente pudesse esconder o fato de que uma van claramente artística está passeando pela cidade. — Gabriela concordou. Mari rolou os olhos.

— Eu não estou reclamando de ter um motivo pra não precisar ir pra casa hoje.

— Nem eu. — Laura e Gabriela balançaram a cabeça de forma positiva. Dandara respirou fundo pensando que talvez só ela realmente queria poder passar algum tempo com seus pais enquanto ainda estavam na cidade. Deu de ombros, levantando da sua cadeira e indo até a parte da frente da van.

— Vamos para o Cabeça de Javali, Seu Carlos. Liga o botão da invisibilidade.

Enquanto as amigas organizavam os pertences e gravavam vídeos para as redes sociais, Gabriela ficou observando a cidade passar ao seu lado, do mesmo jeito que lembrava que era antigamente. Claro que muita coisa tinha mudado. Algumas partes pareciam mais abandonadas e alguns prédios tinham sido construídos em lugares que ela nem fazia ideia que eram residenciais. O shopping passou ao seu lado, ainda sem movimento, por causa do horário, e algumas pracinhas também. Lembrava que ali perto tinha uma pizzaria que provavelmente já tinha fechado. Uma pena. Viu a igreja principal da cidade, a biblioteca pública e, de longe, a fachada da antiga escola delas. Provavelmente não passariam na frente da sorveteria, já que o Cabeça de Javali ficava em outra rua. Um sentimento de nostalgia tomou conta dela, sobressaindo a ansiedade de pensar que poderia ver seu irmão em qualquer lugar por ali, já que Alta Granada era uma cidade relativamente pequena. Por dentro, torcia para que ele tivesse ido embora ou sumido do mapa, embora se isso tivesse acontecido sua mãe provavelmente a teria avisado. Elas conversavam algumas vezes por mensagens no celular.

Acabou se distraindo com um grupo de garotas andando na calçada com camisetas pretas com a logo da Stacy. Elas riam juntas e pareciam andar em direção à rua do Cabeça de Javali. Será que tinham pego a dica ou era só fofoca de cidade pequena de interior? Gabriela sorriu porque ver as pessoas assim, unidas pela Stacy, ainda era um sonho. Que pessoas pudessem ter se tornado amigas ou companheiras através da banda delas, era algo que ela sempre tinha

sonhado que poderia acontecer. Era um dos objetivos de ter uma banda. Porque foi como aconteceu com ela e suas três melhores amigas. Elas estudavam juntas, mas sempre foram pessoas totalmente diferentes. Estavam em salas distintas e andavam com amigos que não se davam tão bem. Mas ser fã juntou as quatro como se fossem ligadas por um fio invisível e mágico, que emanava felicidade e companheirismo. Ficar em filas de shows, plantadas em portas de hotéis e viajar juntas para a capital atrás da Scotty, tinham sido algumas das melhores coisas que fizera quando adolescente. E o fato de poder ter tido essas experiências ao lado de pessoas que viraram suas melhores amigas, era impagável.

Então ver o grupo de garotas caminhando nas ruas em direção ao show delas era mais do que emocionante. Era um sonho de verdade.

Assim que a van parou no estacionamento da rua de trás do Cabeça de Javali, três homens vieram até as meninas. Um deles, Dandara reconheceu como o dono do bar, mas os outros ela nunca tinha visto na vida. Eram todos de meia idade e pareciam aqueles tios roqueiros que ainda curtiam Rolling Stones, falavam mal de música nacional e achavam que o rock não era politizado. As quatro desceram da van cumprimentando os caras e descarregando as bolsas com a bateria e os outros instrumentos. As malas ficaram porque seu Carlos as levaria para o hotel mais tarde, no horário em que as meninas iriam tomar banho e se arrumar.

— Pode deixar que eu mesma carrego, obrigada. — Laura disse, sorrindo, pegando o case da sua guitarra das mãos de um deles. O cara sorriu de volta.

— Acho que é muito pesada pra você, hein? — Ele comentou, em tom de brincadeira. Laura mordeu os lábios fingindo um sorriso porque não estava afim de discutir. Não era como se isso não acontecesse sempre.

— É um prazer vê-las de novo por aqui, meninas. — O dono do Cabeça disse, apertando a mão delas e do seu Carlos. — Vamos deixar os instrumentos no camarim e depois podemos ver o horário da passagem de som. Nosso técnico ainda está chegando.

— Acho melhor a gente revisar o palco e equipamentos o quanto antes, caso precisemos resolver alguma coisa de última hora. — Mari sugeriu, depois dos agradecimentos e cumprimentos automáticos. Bocejou porque estava exausta.

— Fiquem tranquilas, podemos passar o som mais para o meio da tarde. Vocês podem ir para o hotel descansar um pouco. — O dono caminhou ao lado das meninas para fora do estacionamento.

— Se puder, preferimos fazer isso logo. — Dandara disse com o cronograma nas mãos. O homem sorriu sem graça.

— Esse lugar continua exatamente como era antigamente! — Gabriela comentou puxando um dos *cases* da bateria para dentro do Cabeça de Javali, por uma entrada traseira onde os fãs não tinham acesso. Laura, ao lado dela, concordou.

— Até o cheiro de xixi de cachorro na rua é igual.

As duas gargalharam juntas, subindo algumas escadas. Perceberam que Mari estava debatendo com um dos outros homens, porque tentava carregar sozinha o seu baixo e uma das bolsas de pratos e ele insistia que ela tivesse ajuda, como se ela nunca tivesse carregado os instrumentos sozinha antes. As pessoas queriam ser educadas, mas a maioria só conseguia ser inconveniente mesmo. Existe uma enorme diferença entre oferecer ajuda e diminuir o outro para se sentir mais forte e o que o homem estava fazendo era definitivamente a segunda opção. O dono do bar conversava com Dandara sobre iluminação ao mesmo tempo que ligava insistentemente para o técnico de som, já que na teoria ele estava atrasado. Nem isso tinha mudado com o tempo, as pessoas da cidade ainda faziam o que queriam e na hora em que bem entendiam.

O camarim do Cabeça de Javali, pelo menos, tinha sido renovado e estava diferente de como elas se lembravam. Antigamente parecia mais um armário de vassouras que calhou de ter um espelho sujo e um sofá de dois lugares, o que sempre tinha dado uma impressão de banda independente para quem quer que fosse tocar por lá. Podia ser o One Direction. Eles com certeza se sentiriam no começo de carreira. Mas, pelo visto, o dono fizera modificações expressivas e, assim que as quatro meninas entraram com seus instrumentos, abriram a boca de espanto e felicidade. O camarim tinha dobrado de tamanho e agora tinha até um frigobar no canto, ao lado do sofá de quatro lugares. Uma vitória! Dava até para tirar um cochilo por ali antes do show, algo que teria sido quase impossível há alguns anos. Até porque, fedia a mofo. Não mais.

11H PARA O SHOW SECRETO

@SomosAStacy: O supermercado na entrada da cidade tem um pôster enorme com a nossa cara! A gente nunca imaginou que isso fosse acontecer! Obrigada! Ah, não esqueçam da fantasia hoje, hein? Disseram que é o único jeito de entrar... #HalloweenSecreto

@GarotasBruxasDo71: Merecido! Queria tanto poder ir no #HalloweenSecreto!

@SomosAnomalos: Estou fantasiada de Gabriela! Hahahaha já comprei a Catuaba!

@HarryStylesMelhorQueKpop: Isso foi outra dica????? Eu acho que

sei onde vai ser, mas minha amiga falou de outro lugar!

@FCPamGoncalves: Hoje é dia 31 e ao contrário fica 13 hein. Não esqueçam disso. É uma dica secreta também. #Democracia

@CabeçaDeAlgaDaGabi: Cheguei em Alta Granada e já parei pra tirar foto no supermercado! Estou orgulhosa de vocês!

@LeiaCeusSemEstrelas01: Posso sair da fila pra ir tirar foto no supermercado? Que horas vai abrir a casa?

Enquanto Gabriela começava a montar as peças da sua bateria na carcaça que já existia no fundo do palco, com a ajuda de Mari e de um outro cara que insistia em se meter, Dandara e Laura caminhavam pelo local verificando a estrutura atual e pensando em estratégias para tornar aquilo uma festa de Halloween com todas as letras, igual as dos filmes. Viram que dois garotos mais novos, talvez quase da idade delas, estavam ajudando a abrir caixas cheias de enfeites típicos do dia das bruxas perto do bar. Eram painéis roxos, laranjas, teias de aranha e animais peçonhentos de borracha. Os dois cumprimentaram as meninas assim que elas passaram observando e continuaram o que estavam fazendo. Elas espiaram tudo e pararam quase de frente para o palco, cruzando os braços e puxando o caderno de anotações.

— Eles vão ligar a tela de LED do fundo? — Laura perguntou e Dandara concordou, lembrando do *pendrive* que estava dentro da bolsa.

— Eu trouxe a base de ilustração do álbum e tudo mais. É bom que eles usem como a gravadora mandou. Isso tem que ficar perfeito. A gente passou todo o *rider* técnico ontem.

O palco não era muito grande e nem muito alto, mas para uma banda de quatro pessoas, que não exatamente dançavam nem nada, era o suficiente. As laterais eram cobertas por cortinas pretas pesadas e as mesas do público, que normalmente ficavam pela pista, tinham sido retiradas, deixando um enorme espaço aberto que poderia caber até quinhentas pessoas. Dandara achava que o número era otimista demais, mas se o alvará dizia isso, quem seria ela para duvidar? O bar, que era o atrativo diário do Cabeça de Javali, era enorme e, como uma boa cidade de interior, ninguém ligava de proibir ou não venda de bebidas alcóolicas para adolescentes. Não era como se ninguém fosse ficar sabendo no dia seguinte. Todo mundo sempre sabia de tudo.

Pouco mais de meia hora depois, as quatro meninas estavam no palco com seus

instrumentos, encaixando o *in ear* nos ouvidos e esperando um dos técnicos trazer os microfones. Laura limpava de leve o braço da sua guitarra enquanto Dandara afinava a dela, mexendo nos pedais instalados no chão, testando a acústica do lugar. Estar ali em cima daquele mesmo palco em que estiveram anos atrás era uma sensação esquisita e um arrepio gelado cismava em subir pela sua coluna.

— Pode aumentar o meu retorno? — Mari precisou berrar para que os técnicos ouvissem do outro lado da casa na mesa de som. Achou que tinha sido ignorada até um dos rapazes chegar com os microfones e encaixá-los nos pedestais. — Eu preciso que meu retorno esteja mais alto e não estou conseguindo mexer direto aqui na base.

— Já está alto o suficiente. — O cara disse, nem olhando para a cara dela. Mari mordeu os lábios. Ele ligou o microfone e falou algumas palavras se dirigindo logo depois para o lado de Laura.

— Alô? Checando! 1, 2 e 3. — Mari testou em voz alta, tirando e colocando o aparelho no ouvido. Sem som quase nenhum, estava extremamente baixo. — Gente, eu preciso de retorno aqui.

— Já está ajustado. — O rapaz repetiu, quase bravo, passando por ela e indo até o pedestal da bateria. Mari balançou a cabeça, sem entender.

— Está ajustado pra quem?

— Foi ajustado pelo técnico.

— Eu perguntei para quem e não por quem — Mari puxou o fone do ouvido sentindo a barriga ficar dolorida de nervoso. Ela tinha pavor de qualquer tipo de conflito e olhou para Laura, que se aproximou lentamente percebendo que algo não estava certo. Mari voltou a encarar o rapaz, que mexia no microfone de Gabriela. — Eu não consigo me ouvir. E quem vai cantar sou eu, não o técnico.

— Aposto que você fez alguma coisa errada, deixa eu dar uma olhada...

— Como é? — Laura perguntou, incrédula, abrindo a boca por alguns segundos. Mari entregou o *in ear* para o homem e cruzou os braços. Ele fez uma careta, testando falar no microfone e mexendo na caixa de volume.

— Você mexeu em alguma configuração aqui? — Ele questionou e Mari rolou os olhos, colocando seu baixo no apoio e saindo do palco sem dizer mais nada. O cara continuou mexendo no aparelho, ignorando o fato de que a garota não estava mais do lado dele, até sentir Laura bufar por perto.

— Você trabalha há quanto tempo nisso? — Perguntou, debochada. O cara levantou os olhos do aparelho e encarou a menina.

— Dez anos.

— Entendi. E por que a gente tem só três anos de fama então a nossa

opinião é inválida? Ou é porque nós somos mulheres?

O rapaz encarou Laura novamente.

— Não é não ser válida, é porque eu sei do que estou falando e... opa, estou ouvindo tudo certinho agora!

— É porque eu mexi aqui na mesa de som, como tinha dito pra que vocês fizessem porque eu entendo do que estou falando. Não encosta no *in ear*, deixa a Laura terminar de arrumar, por favor. — A voz de Mari surgiu alta e trêmula, ecoando pelo bar nas caixas de som. Dandara deu uma gargalhada vendo o rapaz morder os lábios, claramente com raiva, enquanto passava o aparelho para a vocalista. Não era novidade nenhuma elas serem questionadas do que entendiam ou não de técnica só por serem garotas e mais novas, mas precisava admitir que era sempre incrível ver as pessoas quebrando a cara. Uma hora o mundo precisava ser justo.

Laura encarou o celular por alguns momentos, vendo as amigas terminarem de ajustar alguns pormenores com microfones. Gabriela estava berrando sentada no banco da bateria para que elas passassem logo a música porque queria fazer xixi e Laura deu um sorriso discreto abrindo suas redes sociais. As mensagens aumentavam a cada hora, com dúvidas sobre o show e discussões sobre dicas que tinham sido postadas pela gravadora. A garota procurou por entre os comentários o nome de Tiago, mas ele tinha desaparecido de novo no limbo da sua memória cheia de beijos inesquecíveis. O perfil era realmente dele, ela tinha ido espionar. Não tinha nenhuma foto, mas a imagem de avatar era de um personagem de Choque de Cultura e as coisas postadas coincidiam com o gosto dele. Pensando bem, Tiago seria um cara completamente fanático pelo Julinho da Van, o que era engraçado de imaginar. Laura balançou a cabeça, respirando fundo. Pensar no garoto estava fazendo sua palma da mão suar e ela não podia ficar ansiosa por isso naquele exato momento, pois já tinha muita coisa na sua cabeça. Guardou o celular no bolso traseiro da calça, ajustando sua guitarra no ombro e respirando fundo. Encarou o palco iluminado com holofotes roxos e as amigas, que também se encaravam. Elas usavam as roupas confortáveis de viagem e estavam descabeladas e rabugentas, como normalmente eram no dia a dia. Laura sorriu sozinha porque amava cada uma delas, com todos os defeitos e complicações que traziam e com toda a fortaleza que representavam. Olhou para o resto do bar, que começava a ser decorado com teias de aranha e esqueletos de papel e passou os dedos nas cordas da guitarra, fazendo um som irritante de filme de terror.

— Que susto, caceta! — Dandara gritou do outro lado, devolvendo o som esquisito com a sua própria guitarra. As amigas riram e Gabriela jogou uma baqueta no meio do palco, chamando atenção.

— Eu preciso mijar, vamos começar isso logo! No três!

8H PARA O SHOW SECRETO

O som e o palco pareciam estar organizados dentro do cronograma previsto e as quatro garotas estavam sentadas no camarim resolvendo outros problemas enquanto almoçavam. Gabriela lia um livro esquisito de magia enquanto Mari, ao seu lado, checava as redes sociais.

— Acabaram de postar que a gente pediu comida no restaurante da tia de uma fã e aparentemente o show não é mais tão secreto assim. — Ela comentou, rindo.

— Valeu cada momento, essa quentinha tá sensacional — Dandara deu de ombros.

— Isso que dá fazer algo diferente em cidade pequena! — Laura fez uma careta. — Aliás, minha mãe me mandou mensagem sobre as fantasias. Ela não achou nada em casa que pudesse caber remotamente em mim hoje em dia.

— Eu estou esperando a resposta de uma amiga minha que faz cosplay, sabe? — Mari disse sem tirar os olhos do celular. Dandara, que estava caminhando pelo camarim de boca cheia, se aproximou da namorada, abraçando a garota por trás. — Não sei o quão assustador são os cosplays dela, mas não sendo RBD eu já estou feliz.

— Você amava RBD — Dandara revelou, ainda de boca cheia. Mari sorriu, segurando a mão da garota.

— Eu também amava comer terra.

— RBD é muito melhor do que High School Musical! — Laura berrou fazendo as amigas olharem para ela com expressões assustadoras. Gabriela tirou os olhos do livro e se levantou do sofá.

— Agora você passou dos limites, tá expulsa da banda. Chamem os *haters*.

Seu Carlos entrou no camarim com garrafas de água e informações fresquinhas da porta do show. Aparentemente estava muito lotado lá fora, muita gente fantasiada e ele até tinha tirado algumas fotos para que as meninas se inspirassem caso não conseguissem algo muito bom até o horário da apresentação. Contou também que o dono da casa era um mala, que estava criando todo tipo de problemas e que tinha até pai de fã chamando polícia porque lugares na fila estavam sendo roubados. Clássico de show. Se não tivesse

barraco de numeração de fila, alguma coisa estava errada.

— Tem também alguns veículos da cidade e um youtuber grande da região pra fazer entrevistas com vocês. A Carol me ligou, Dandara. Ela disse que falaria com contigo.

— Eu recebi as mensagens — a garota concordou encarando as amigas.
— Acho que a gente pode falar com os jornalistas daqui a pouco, né? Enquanto isso a gente vai pensando nas fantasias, porque não temos muito tempo.

@DandaraDaStacy: Liga a TV que a gente vai aparecer ao vivo no “Boa Tarde, Granada” pra falar sobre o show! Não se preocupem que escondemos muito bem onde estamos, isso não é uma dica de nada! #HalloweenSecreto

@GarotasBruxasDo71: Como a gente assiste de outra cidade? Vai estar no Youtube?

@HarryStylesMelhorQueKpop: Já estou com a tv ligada, musa!

@JiminAmaDandara: ME NOTA, MEU AMOR!

@LaurinhaTeAmoMuito: Onde está a próxima dica?

@StacyPiorGrupoDoMundo: Sua biscoiteira, chacota.

@DandaraDaDepressao: Queria ir ao show, mas minha mãe não deixou! T_T

@MariEDandaraUA: EM QUE CANAL PASSA ISSO? COMO EU VEJO DAQUI DE FORTALEZA? DANDARA TE AMO, ME MANDA UM BEIJO!

6H PARA O SHOW SECRETO

Um pouco antes das três horas da tarde, durante uma das entrevistas, Mari recebeu mensagem da amiga que trabalhava costurando roupas para eventos de anime e cosplays. Ela disse que tinha algumas peças em casa e, que se as meninas quisessem, poderiam passar lá para escolherem algo para o show, já que seria difícil ela sair com tudo dentro de várias malas. Seria importante que todas elas fossem, mas como ainda precisavam dar entrevista para um jornal local, Mari puxou Gabriela de canto e, em menos de quinze minutos, as duas estavam esperando um táxi na porta de trás do Cabeça de Javali para irem até a casa da garota.

— Seria ideal conseguir algo de terror, mas vou me contentar até com um vestido de noiva, se tiver. — Gabriela roía as unhas olhando para os lados. Não sabia como nenhum fã tinha descoberto aquela saída ainda, o que era um

milagre. Mas sua cabeça inconscientemente procurava pelo rosto do irmão no meio da rua.

— E desde quando noiva é fantasia? — Mari riu, apertando o casaco contra o corpo. O dia estava nublado com um vento frio e poderia chover mais à noite. O que, em cidade de interior, poderia significar apagão total ou parcial de qualquer lugar que tivesse vida inteligente.

— Sempre tem roupas de noiva naqueles catálogos de fantasias eróticas! — Gabriela gargalhou vendo a cara de Mari se transformar em uma careta. — Mas falando de coisas proibidas por Deus, você já falou com a sua mãe? Vai encontrar com ela?

— Eu mandei mensagem por desengargo de consciência e ela respondeu fingindo que se importa, mas na verdade eu não estou pensando nisso. — Mari viu o táxi chegar e abriu a porta, dando lugar para Gabriela entrar primeiro. — No fim, tá certo quem sempre disse pra gente que família é quem permanece do nosso lado e que isso nem sempre significa aquela que a gente tem ligação de sangue. Eu não sou obrigada a ficar do lado deles depois de tudo, sabe?

— Não mesmo — a amiga concordou, indicando para o taxista onde deveriam ir.

— O amor está aqui, mas não o respeito. Esse foi embora da primeira vez que eu apanhei porque contaram pro meu pai que eu estava abraçada com uma garota na pracinha, quando eu estava na quinta série. Você lembra disso?

— Eu gostaria que você não lembrasse. Sinto muito. — Gabriela bateu de leve na cabeça da amiga, de forma carinhosa. Mari sorriu, rolando os olhos.

— E eu gostaria que você não precisasse ter medo do seu irmão.

Gabriela encarou a garota, de repente, mordendo os lábios. Como que Mari sabia sobre isso? Ficou um pouco confusa, piscando os olhos rapidamente e sentindo a boca ficar seca. Era tão óbvio assim?

— A gente te conhece, Bruxa Onilda — Mari apertou a mão da amiga, sorrindo. — E se depender de mim e das meninas, ele não coloca os pés no Cabeça de Javali. E nem em nenhum lugar que você estiver. Essa cidade é muito mais do que ele e a nossa visita é muito maior do que os nossos medos.

— Obrigada — Gabriela engoliu em seco, sentindo os olhos encherem de água. Pensou na maquiagem preta que iria ficar borrada, além da sua moral e da sua alma, se chorasse, e olhou para cima, esperando que as lágrimas voltassem para o seu corpo. Sorriu de volta para Mari com o coração de repente muito quente e tranquilo. Totalmente diferente do que imaginou que fosse ficar quando falasse do irmão para as amigas. — Eu te amo.

— Meu Deus, pode repetir isso pra câmera? Acho que as meninas não vão acreditar que você realmente falou isso em voz alta!

— Agora você estragou o clima.

— Foi magia de Halloween, né? Pode falar a verdade. — Mari gargalhou, vendo Gabriela colocar a língua para fora em concordância.

— Algum espírito carente e romântico passou por mim, mas pode ter certeza que vai ser repreendido.

— Eu vou preparar a câmera, repete de novo? Por favor? Eu posso ganhar muito dinheiro com os seus fãs!

Alguns minutos depois o táxi parou na frente de uma casa antiga, com um gramado bem cuidado e cachorros dormindo debaixo das árvores. Mari e Gabriela desceram, pedindo ao motorista que aguardasse por elas, e tocaram a campainha, sendo recebidas por uma menina de cabelos coloridos e pijama de bolinhas. Mari e a garota se abraçaram, rindo, trocando cumprimentos e apresentações, antes de entrarem na casa.

— Você me avisou meio em cima da hora, sua doida. Eu não tenho muita coisa aqui. Fiz umas roupas para um grupo de dança na semana passada e tenho algum acervo meu, mas eu duvido que você goste de alguma delas. — A garota disse seguindo com as duas para seu quarto. Lá dentro, tinha um monte de tecidos espalhados, com cabides e roupas penduradas. Uma máquina de costura estava em cima de uma mesa, numa bagunça fenomenal de cores e lantejoulas. Gabriela ficou encantada, claro.

— E por que eu não gostaria delas? — Mari perguntou, puxando alguns vestidos dos cabides e fazendo uma careta logo em seguida. — Ah, porque são feitos para crianças?

Gabriela e a garota, que se chamava Juliana, desataram a rir.

— Você sabe que eu adoro colocar minha bunda de fora, mas eu me recuso a ser a Branca de Neve no Halloween. Que clichê. — Gabriela disse, ainda rindo.

— Eu tenho pavor dessas roupas muito curtas porque é basicamente o que a gente sempre encontra quando procura fantasias femininas — Mari bufou. — Como se garotas precisassem ficar seminuas no Halloween pra estarem bonitas.

— De Teletubbies ninguém quer ir, né? — Gabriela investigava outro lugar do quarto, mexendo em roupas diferentes.

— Claro que todo mundo tem que usar o que quiser, sabe?

— Eu entendo — Juliana concordou, fazendo uma careta. — O *slut shamming*, ele é real.

— Olha só, essa roupa de *Estranho Mundo de Jack* é maravilhosa! Por que os garotos podem ir vestidos assim e eu preciso ir de Sininho? — Mari riu sozinha, puxando o terno com risca de giz de dentro de um armário. — Nada

contra ser uma fada, tenho até amigas que são.

— A Laura ainda é muito insegura com o próprio corpo, eu não sei como ela iria reagir se eu levasse esse top indígena que, aliás, é um baita de um preconceito. — Gabriela comentou.

— Nem me fala, eu me recusei a entregar para a cliente. E ela ficou brava comigo porque falei de apropriação cultural e que não era fantasia. — Juliana balançou a cabeça, tendo uma ideia de repente.

— Essas peças são de alguma fantasia de vídeo game? Que irado!

Juliana concordou, abrindo um saco preto que estava no canto do quarto. Tirou lá de dentro algumas camisas brancas sociais, gravatas, ternos e máscaras brancas de diversos tamanhos. Chamou as duas garotas, que olharam imediatamente para onde ela estava.

— Eu fiz essas quatro roupas na semana passada para uma amiga, que é prima da Guiga, que eu não sei se vocês lembram, mas era da mesma galera que os meninos da Scotty anos atrás. E, bom... é basicamente a cara de vocês. Eu tinha me esquecido!

Mari e Gabriela se entreolharam, de boca aberta. Juliana segurava réplicas das roupas sociais que os meninos da Scotty usavam quando estavam na escola e tocavam nos bailes para que ninguém soubesse que eram os caras bagunceiros ignorados no dia a dia. Roupas sociais com máscaras brancas, que cobriam metade do rosto. Era genial. E não só isso, era perfeito para elas.

— Eu não acredito que vou usar fantasia de Scotty no Halloween! — Gabriela gargalhou sozinha, vendo Mari correr até Juliana e colocar uma das máscaras ainda sem acreditar no que estava vendo. — Que as deusas da Terra me protejam, a Laura vai falar disso pro resto da vida!

2H PARA O SHOW SECRETO

As quatro se entreolharam no lobby do hotel e desataram a rir. Precisavam admitir, aquilo era ainda mais épico do que tinham imaginado. Por mais que fossem fãs da Scotty há tantos anos, nunca tinham realmente pensado que poderiam ser a Scotty por uma noite. Mesmo que fosse para o Dia das Bruxas.

— Você está igualzinha ao Daniel Marques. Se ele tivesse peitos. — Dandara apontou para Laura, que tinha amarrado os cabelos ondulados em um coque. A garota ajeitou a máscara branca no rosto e fez uma pose.

— Seria o meu sonho — Laura riu. — O Daniel de peitos, não exatamente ser ele.

— Eu preciso informar que meu favorito era o Caio e não o Rafael, mas que Dandara me obrigou a ser o baixista por pura eliminação! — Mari tirou uma

foto de si mesma com o celular nas mãos.

— Eliminação nada, você é a baixista! — Dandara gargalhou, encarando o cronograma. — Nosso táxi está lá fora. Temos meia hora pra chegar no Cabeça de Javali! É aqui perto, acho que vai ser tranquilo.

Não foi nada tranquilo.

Eram quase oito horas da noite, o horário de abertura da casa, e elas ainda estavam presas em um trânsito descomunal na ruazinha de trás do bar. Aparentemente a quantidade de fãs nas ruas, carros parados, ônibus de caravanas de outras cidades e baderna tinham criado uma confusão enorme que ninguém saía do lugar. Estavam há trinta minutos paradas dentro do carro sem saber o que fazer.

— Seu Carlos, vamos ter que bolar alguma alternativa. A gente não chega aí até as nove horas. — Dandara falava preocupada ao telefone, abrindo de leve a janela do táxi. O vidro era escuro, então as pessoas não conseguiam ver que as meninas estavam lá dentro. Não que realmente fossem saber que eram elas naquelas fantasias, né?

Apesar do caos, Gabriela estava achando mega divertido, ela precisava admitir. Observar seus próprios fãs à sua volta, sem que eles soubessem que era ela ali, estava sendo uma experiência divertida e definitivamente única. As pessoas passavam pelo táxi delas fantasiadas, rindo, conversando, cantando músicas da Stacy. Algumas usavam camisetas da banda, mas os rostos estavam pintados de caveira ou com cores diversas. Lightsticks, bandeiras, faixas na cabeça e pôster com elas passavam em volta do táxi como em uma grande convenção. Gabriela nunca tinha visto a cidade tão cheia. Iria cobrar uma homenagem do prefeito.

O motorista do táxi tentou buzinar algumas vezes junto com outros carros, mas não surtia nenhum efeito. Ele encarou as meninas pelo retrovisor, vendo que Dandara estava pensativa no telefone.

— Primeiro, eu queria dizer que minha filha e meu filho são super fãs de vocês e que estão provavelmente na fila do show desde cedo. Vocês ajudaram muito a minha menina a se sentir mais confiante e a fazer amizades, eu agradeço de coração. — Ele sorriu sem graça. As quatro encararam o motorista de repente, sendo absorvidas de volta para o problema atual. — E, segundo, não vai ter outro jeito fora vocês descerem do carro e correrem até o bar. São só dois quarteirões e talvez, só talvez, as pessoas não reconheçam vocês a tempo.

— Também foi a única coisa que consegui pensar, obrigada! — Dandara disse, coçando a cabeça e fechando o vidro do carro. O motorista concordou e ela se virou para as meninas, vendo que Mari estava claramente desesperada. — Se é pra ser Halloween, vamos tornar isso mais assustador. Que tal uma caça às

bruxas?

As quatro riram, não tanto de animação, mas precisavam admitir que a ideia era divertida. Dandara respirou fundo e, antes de saírem, estendeu a mão para o motorista. Ele sorriu, entregou o celular e, depois de um pequeno vídeo para a filha dele, que provavelmente choraria de felicidade, as quatro colocaram as máscaras brancas e desceram do táxi, enfrentando a multidão ao redor.

A princípio, ninguém deu bola. As quatro caminharam lentamente lado a lado, de cabeça baixa, torcendo para a fantasia de Scotty não chamar tanta atenção. Atravessaram um quarteirão e faltava só mais um! As pessoas passavam por elas conversando e rindo, esbarrando nas meninas, sem perceberem nada de anormal. Mari podia avistar a esquina sentindo seu coração bater muito forte. Estavam quase lá! Discretamente e quase que no automático, estendeu a mão para Dandara, que segurou de volta tentando não apertar com tanta força. Estava indo tudo bem. Elas tinham umas às outras.

— Laura? É você? — Ouviram alguém dizer perto delas, fazendo Laura e Gabriela quase darem um pulo de susto. Era uma garota vestida de Wandinha Addams, com os olhos arregalados e algumas amigas vindo logo atrás. Era o momento de pensar rápido, Laura respirou fundo. O que iria fazer? Qualquer movimento errado poderia criar um caos que elas talvez não pudessem remediar. Sem pensar muito, vendo as amigas da garota se aproximarem incrédulas, estendeu a mão para ela, sorrindo.

— Você está indo pro show, certo? — Perguntou. A garota, ainda com os olhos arregalados, concordou. Não conseguia acreditar. Era realmente a Laura da Stacy ali do seu lado? Vestida de Scotty? Isso era incrível!

— Sim, eu e minhas amigas conseguimos ingressos mais cedo e saímos da fila pra comer. Cara, eu sou muito fã de vocês. Eu nem tô acreditando. Viemos de Niterói só pra isso!

— Obrigada, de verdade! — Laura sorriu, apertando a mão dela, genuinamente agradecida. — Vamos precisar da ajuda de vocês porque temos que chegar na casa de show o quanto antes. Acha que pode nos ajudar?

A garota vestida de Wandinha mordeu os lábios encarando Laura, Gabriela, Mari e Dandara de máscaras brancas. Sorriu.

— Eu não sei onde vocês acharam que ninguém iria reconhecer vocês de Scotty em pleno Halloween! É muito óbvio! — Ela bateu as mãos, chamando as amigas, de repente parecendo muito séria e concentrada. — Vamos fazer cordão de segurança pra vocês e abrir caminho. Podem seguir tranquilas, a gente está aqui pra se ajudar. Como vocês mesmas nos ensinaram: garotas unidas, certo?

— Certo — Laura sorriu de volta para ela, sem acreditar. Em questão de segundos, várias garotas se juntaram em volta delas abrindo caminho pelo

quarteirão. A menina de Wandinha e as amigas gritavam pela multidão que era para fazer barreira de segurança e, de repente, todo mundo começou a se ajudar. Mari apertou a mão de Dandara com mais força, sentindo os pelos do corpo todos arrepiados. Era tão impressionante. Muitas pessoas vestidas de monstros, bruxas e personagens mitológicos gritavam e comemoravam quando elas passavam entre eles, mas ninguém atravessou a barreira. As quatro garotas caminhavam pela rua, em meio a gritos e aplausos, sem conseguirem acreditar que aquilo estava sendo possível.

Um por todos e todos por um.

Laura olhou para Gabriela e as duas sorriam tão verdadeiramente que não sabiam se os rostos seriam capazes de voltar ao normal. Era uma felicidade inexplicável. Em poucos minutos, as quatro estavam entrando no Cabeça de Javali encontrando seu Carlos desesperado logo na porta. Ele também não estava acreditando, mas era algo que tinha aprendido trabalhando para a Stacy. Que essa nova geração tinha algo que a dele não tinha. Esse sentimento de união e amizade que ele cresceu ouvindo que não existia entre as garotas. Os adultos realmente não sabiam de nada.

OH PARA O SHOW SECRETO

Quando as quatro garotas entraram na casa de shows, todo mundo se virou para elas como em uma cena de filme, gritando e comemorando a chegada não convencional da banda. Era como se elas fossem as musas de baladas românticas. O fundo do palco piscava com LED o nome do grupo e o local estava praticamente lotado. Muitas pessoas ainda entravam e até onde elas podiam ver, todos usavam fantasias. Eram caveiras, fantasmas, bruxas, palhaços e monstros de todos os tipos. As quatro caminharam lentamente, sorrindo e cumprimentando as pessoas no caminho até o palco, tentando conter a animação de estarem ali e de poderem estar tendo uma experiência completamente diferente do que estavam acostumadas.

Laura dava pulinhos com Gabriela ao lado e estava tão animada que precisou olhar duas vezes antes de perceber que tinha acabado de esbarrar em quem ela menos queria ver. Ou talvez era o que repetia para si mesma para poder acreditar na própria mentira. Seu coração estava disparado e ela achou que seu corpo fosse desmontar na frente de toda aquela gente. Precisou até tirar a máscara porque seu rosto começou a suar e ela queria ter certeza de que aquilo não era uma visão. Tiago estava parado perto dela, e levou um susto sem acreditar que a tinha visto tão de perto. Ela imaginou que quando eles se vissem o tempo iria parecer congelado, como sempre lia nos romances, mas a verdade é

que o barulho estava ensurdecedor e ela só pensava que ele parecia lindo vestido de Loki. Como ele tinha coragem de fazer isso com os sonhos dela? Os dois levantaram as mãos, sem graça, e Laura levou um puxão de Mari para voltar ao normal, já que estava ficando para trás. Precisavam ir até o palco, já estava na hora do show e nada mais poderia dar errado naquela noite. Tudo tinha sido milimetricamente planejado!

Encarou Tiago, que estava sorrindo da mesma forma como ela se lembrava e, sem pensar duas vezes, foi até o garoto e encostou sua boca na dele, no meio de todo mundo. Ela nem sabia porque estava fazendo isso, embora tivesse uma leve ideia. Não queria pensar em mais nada. Aquele dia já estava de cabeça para baixo de qualquer forma, nada poderia mudar isso, não importava o que Mari estivesse gritando. Sentiu os lábios molhados do garoto nos seus e, antes que ele pudesse responder ao beijo, ela se afastou, encostando a mão no peito, dando espaço para que ela mesma pudesse respirar direito. Se entreolharam e Laura voltou a ouvir o barulho à sua volta, como se tivesse perdido a audição e o juízo por alguns segundos. Sentiu a mão de Mari na sua e encarou a amiga tendo certeza que seu rosto tinha ficado super vermelho debaixo da máscara, enquanto foi sendo puxada rapidamente para cima do palco sob o olhar de uma plateia ensandecida e de um Tiago apaixonado.

— Boa noite, galera! Nós somos a Stacy! — Dandara começou, recebendo gritos e aplausos do público como ela nunca tinha ouvido antes. Olhou para todos de cima do palco, respirando fundo e pensando em como era surreal aquilo estar acontecendo. Depois de tantos anos, estarem de volta onde tudo tinha começado. Sentiu um nó na garganta, olhando para Mari que estava ao seu lado, no centro do palco.

— Estamos emocionadas de tocar aqui essa noite pra vocês — a baixista disse, colocando a mão na testa para tentar enxergar o público. A iluminação laranja estava ofuscando um pouco a visão, embora ela não se importasse muito com isso no momento. — Obrigada por nos acompanharem e por nos darem a oportunidade de realizarmos o nosso sonho. Eu só estou hoje aqui porque eu tenho essas três mulheres fantásticas ao meu lado e por vocês terem acreditado tanto na gente.

— Mari, você vai fazer a Gabriela chorar desse jeito! — Laura falou, fazendo todo mundo rir.

— Só por cima do meu cadáver, bem no clima dessa noite! — Gabriela respondeu, sentada na bateria no fundo do palco. Laura gargalhou no microfone.

— Nós preparamos uma noite assustadora e divertida pra vocês porque, afinal de contas, é Halloween e não tem nada que combine mais com a gente do que bruxaria, feitiços e magia feminina! Foi fácil descobrir as dicas, né? Não foram nada secretas. — Dandara balançou a cabeça vendo o público berrar de volta. — A gente quer começar essa noite com uma das nossas músicas favoritas, que foi escrita a quatro mãos e que tentamos mostrar pra vocês que amar a si mesmo não é nada fácil, mas que com as pessoas certas ao nosso lado a caminhada fica mais leve. A felicidade começa com você amando a si mesmo e dividindo o aprendizado com quem está à sua volta. — A líder sorriu, sentindo um arrepio subir pelas costas. — Se você veio hoje com algum amigo, vamos começar a noite de mãos dadas? Não tem magia maior do que dividir amor!

Gabriela contou até três e a música começou, enchendo o Cabeça de Javali de sons e cores. O público pulava e devolvia os gritos de animação que elas davam em cima do palco. As luzes coloridas piscavam no ritmo e as correntes de pessoas de mãos dadas pareciam um oceano de coisas boas vistas de cima. As quatro garotas se entreolhavam, sorrindo, enquanto dançavam e cantavam, sem acreditar que estavam no mesmo lugar em que o sonho delas tinha começado, anos atrás.

O show continuou conforme o combinado, com o fundo de LED piscando, o retorno funcionando perfeitamente bem e tudo caminhando para uma festa de Halloween sem precedentes em Alta Granada. Falariam daquele show por anos a fio, como um dos maiores acontecimentos desde a formação da Scotty, que colocou a pequena cidade carioca no mapa do rock nacional. Tudo estava indo bem até que, durante a pausa dramática da música do álbum novo, a que falava sobre beber vinho no cemitério, um trovão foi ouvido de forma assustadora e, de repente, tudo ficou no escuro. O público gritou, apavorado, e as quatro garotas em cima do palco não faziam ideia do que estava acontecendo. Ouviram um dos técnicos gritar pela lateral do palco para que ligassem o gerador e Gabriela, segurando as baquetas ainda no ar, achou que tinha até feito xixi na calça pelo susto que tinha levado.

Alguns segundos de gritaria se passaram até que o silêncio chegou, junto com algumas risadas. Será que as pessoas estavam achando que isso fazia parte do show de Halloween? Laura balançou a cabeça confusa se perguntando se isso era realmente algo combinado e ela tinha esquecido. Não fazia sentido apagar todas as luzes assim. Coçou a cabeça pensando em tatear no escuro até encontrar Mari no meio do palco, quando de repente luzes começaram a pipocar no público. Ela voltou a olhar para frente, vendo uma pessoa de cada vez levantar o celular para o alto com a lanterna ligada, criando um mar de vagalumes. Mari sentiu que podia chorar. Tampou a boca, ouvindo o público murmurar junto e

soltar gritinhos de animação enquanto cada vez mais as pessoas aderiam à iluminação provisória e fantasmagórica que não poderia ser mais a cara de um show da Stacy em pleno Dia das Bruxas. Era lindo. Dandara olhou para o fundo do palco, onde a luz brilhava de leve nos pratos da bateria de Gabriela, vendo a garota se levantar e caminhar lentamente até as amigas.

— Isso é que é Halloween, galera! — Laura berrou, fazendo todo o público gritar junto, sentindo os pelos do corpo todos ficarem arrepiados. E não era por nenhum tipo de alma penada ou assombração. Olhou para as amigas da banda, que estavam agora visíveis em cima do palco, e colocou a guitarra de lado puxando seu violão acústico. Dedilhou algo ouvindo o público gritar ainda mais e, sem pensar duas vezes, começou a próxima música sendo acompanhada por muitas vozes diferentes que encheram o Cabeça de Javali de magia em forma de amor e música.

Definitivamente aquele era o show da vida delas. Não tinha como ficar mais perfeito do que isso. Seu Carlos realmente tinha razão quando dizia que essa geração era movida por mais do que os próprios sonhos.

Festa infernal

Sofia Soter

"A polícia encontrou N.P., 16 anos, na beira da piscina, em estado de choque. Com um sapato de salto em um pé e o outro só calçando uma meia branca, a jovem cobria o rosto com a mão manchada de sangue." Leia mais em <http://bit.ly/festainfernal>

Noelle chegou atrasada de propósito na segunda-feira. Era melhor não ter que esperar no meio da muvuca de alunos cochichando sem parar até a aula começar. Por outro lado, não tinha considerado a intensidade dos olhares quando abriu a porta no início do segundo tempo, se desculpando para o professor. Ela se obrigou a manter o rosto erguido, se concentrando na carteira vazia perto da parede, na quarta fileira, onde se sentava todos os dias, mas o olhar de cada um dos 24 alunos da 22A perfurava sua pele, dos pés à cabeça.

Assim que se sentou, sentiu um toque no ombro. Noelle se desvencilhou automaticamente, como se tivesse sido queimada.

— Desculpa — sussurrou Celina, atrás dela.

Noelle respirou fundo, tentando se acalmar.

— Vou te passar um bilhete — sussurrou Celina de novo. — Não precisa se assustar, ok?

A menina assentiu em silêncio, sem desviar o olhar do quadro de giz, já coberto de fórmulas matemáticas que ela nem tentou decifrar. Sentiu o toque no ombro mais uma vez, seguido de um papel dobrado caindo em seu colo.

Abriu o bilhete, ainda no colo, tentando ler discretamente.

que bom que você veio!!!!

a gente fica do seu lado o dia todo, tá?

Ela sorriu vendo a primeira linha escrita na letra cursiva de Celina, em caneta azul, e a segunda na letra mais confusa de Alice, em caneta preta. Conferindo se o professor seguia compenetrado escrevendo fórmulas, colocou o pedaço de papel na mesa e rabiscou uma resposta de lápis.

obrigada! amo vocês!

Para reforçar, desenhou alguns corações ao redor das palavras. Dobrou o papel com cuidado e passou por cima do ombro de volta para Celina, que provavelmente o passaria para Alice, ao seu lado.

Hoje a escola até poderia ser o inferno na terra, mas ela sabia que sobreviveria a qualquer coisa ao lado de suas amigas.

Os pais de Noelle Pimenta não permitiram que ela falasse com a mídia, mas relatos de outros jovens presentes na festa nos ajudam a imaginar a cena. "Eu estava no quintal quando ouvi um berro", conta J., 17, um garoto alto e forte, mas ainda com voz infantil, que preferiu se manter anônimo. "Fui ver o que estava acontecendo, mas no meio do caminho um amigo veio correndo na direção contrária, gritando pra gente fugir. Pulamos o muro." A queda na calçada resultou em uma fratura no tornozelo de J., mas pode ter salvado sua vida.

— Trecho da reportagem "Uma festa infernal", escrita por Escobar Martins, publicada na revista on-line *Investigadores Anônimos* em 18 de novembro de 2018.

Noelle estava grata a Celina e Alice pelo sacrifício que faziam por ela. Sem titubear, as amigas tinham aberto mão dos lugares privilegiados no pátio na hora do lanche, dos convites para as festas do fim de semana e das fofocas em primeira mão, já que Noelle havia sido barrada. Tinha sido estranho passar a semana só em trio, lanchar no canto perto da escada e ficar sem assunto de repente por não poder se alimentar da fonte de fofocas sempre corrente.

Para aliviar a estranheza inevitável do fim de semana, combinaram de ir ao shopping para comprar maquiagem, tomar sorvete e ver um filme no fim do dia de sábado. Infelizmente, Alice e Celina já estavam mais de quinze minutos atrasadas.

Noelle desistiu de esperar de pé perto da entrada e subiu a escada rolante, andando até a área de bancos em frente a uma loja de aparelhos eletrônicos. Mandou uma mensagem no grupo do Whatsapp para avisar onde estava e aumentou o volume da música nos fones de ouvido. Respirou fundo, se concentrando no ar entrando e saindo, tentando não pensar na possibilidade de encontrar conhecidos da escola por acaso. Só queria que as amigas chegassem logo, para poder andar entre elas pelos corredores, bem e segura. Mais duas músicas inteiras tocaram e Noelle mandou outras cinco mensagens no grupo,

sem resposta.

Começou a imaginar, então, que as amigas não viriam, que tinham recebido a chance de ir a alguma festa na casa da Luisa ou do Pedro, ou de qualquer um dos outros antigos amigos, e abandonado Noelle no shopping sem pensar duas vezes. Pior ainda, que era tudo uma estratégia elaborada para prolongar sua humilhação, uma semana fingindo estar do seu lado para desestabilizá-la ainda mais. Será que elas estavam com o resto do grupo, se arrumando para uma festa e rindo da cara dela? Será que elas iriam passar por ali daqui a pouco, de braços dados com os outros, desfilando em frente a Noelle e fingindo que ela não existia?

Aumentou o volume da música de novo, até o máximo, tentando afogar os pensamentos, repetindo para si mesma que elas só estavam atrasadas. *Muito atrasadas*, mas atrasadas. Iam chegar a qualquer momento...

— Oi! Desculpaaaaaa! — veio a voz estridente de Celina, ultrapassando o volume da música, acompanhada de um abraço repentino.

Noelle se assustou e, logo em seguida, suspirou em enorme alívio, tirando os fones de ouvido.

— O metrô enguiçou entre as estações! — explicou Alice, a abraçando pelo outro lado. — A gente não conseguia nem ter sinal para te avisar!

Por um momento, Noelle achou que choraria de tanto alívio. Metrô enguiçado. Fazia sentido. As amigas pareciam cansadas, ofegantes, provavelmente por terem corrido da estação até encontrá-la. Tudo explicado. Tudo melhor.

— Desculpa mesmo, tá? — sussurrou Alice, o rosto mergulhado nos cachos de Noelle.

— Da próxima vez a gente sai mais cedo — insistiu Celina, segurando a cintura de Noelle com força.

— Tudo bem! — respondeu Noelle, tentando manter a voz tranquila, sem se mexer para prolongar os abraços. — Não se preocupem. Acontece.

— Vamos lá tomar um sorvete, o metrô ainda por cima estava quente — falou Celina, soltando o abraço. — Estou toda suada — acrescentou, com uma careta.

— Sorvete, sim! — concordou Alice, também se afastando um pouco. — Eu pago, para me desculpar pelo atraso. Compro até um de duas bolas, chocolate e menta, pra você, Noelle. Que tal?

Abrindo um sorriso, Noelle respondeu:

— Perfeito. Meus preferidos.

Flordesangue: acho que a polícia não investigou suficientemente o ângulo ritualístico de sacrifícios satânicos na #festainfernal

2 replies / 4 retweets / 83 likes

ffffabio99008: CADE AS PERGUNTAS IMPORTANTES SOBRE O ENVOLVIMENTO POLITICO E DA MIDIA NESSE MASSACRE DE JOVENS MATANDO OUTROS JOVENS MANIPULADOS POR MENSAGENS SUBLIMINARES????? ISSO A TELEVISAO NAO MOSTRA!!!! #FESTAINFERNAL

0 replies / 1 retweet / 2 likes

w41t4m1n: o que eu nao daria pra alguém mandar uma dessas com os babacas da minha turma kkkkkkkkk #festainfernal

0 replies / 7 retweet / 19 likes

A notícia demorou para chegar em Noelle. Depois da enxurrada de mensagens que recebera de conhecidos – e, pior ainda, de desconhecidos – dez dias antes, no auge da humilhação, saíra de todas as redes sociais e trocara de número de telefone. Só quem tinha o número novo eram Alice, Celina e seus parentes próximos, e o tempo que antes usava em redes sociais agora era passado vendo um episódio atrás de outro de séries policiais na televisão.

Noelle assistia à expressão de epifania da doutora Temperance Brennan limpando um osso na tarde de domingo quando seu celular tocou, indicando mensagens. Pegou o aparelho distraída, esperando uma besteira qualquer das amigas, mas a mensagem de Alice continha uma captura de tela de um post do Facebook da Luisa – uma foto dela abraçada com Pedro na praia e uma legenda curta que Noelle leu três vezes até processar completamente: "Não consigo acreditar que nunca mais verei seu sorriso... Eu te amo para sempre. Descanse em paz."

Quando o significado da imagem finalmente fez sentido, Noelle ficou tonta.

Noelle:

como assim?

o que aconteceu?

Celina:

não sei bem

Alice:
estão especulando suicídio

Celina:
ouvi falar que foi overdose

Noelle:
que horror
que surreal

Alice:
ele mereceu

O estômago de Noelle revirou. Ela deixou a mensagem sem resposta e correu para o banheiro para vomitar.

É com enorme pesar que noticiamos o falecimento de um de nossos queridos alunos, Pedro Moreira, de 16 anos. O velório ocorrerá na capela Santa Cecília na terça-feira, dia 16 de outubro, das 11h às 16h. Os alunos estão dispensados das aulas também amanhã, dia 15 de outubro.

— Publicação no Facebook do Colégio Educar, 14 de outubro, às 22:29

O único outro velório ao qual Noelle fora tinha sido o de sua tia avó Nice, aos 11 anos. O velório do Pedro era diferente. Para começo de conversa, estava cheio de adolescentes. A turma 22A inteira tinha comparecido, assim como muitos outros alunos do colégio e outras pessoas da idade dela, provavelmente amigos de outros lugares.

Outra diferença era a quantidade de lágrimas. Claro que choraram no velório da tia Nice, mas a maioria das pessoas estava controlada. Desta vez, garotas que Noelle mal conhecia andavam apoiadas umas nas outras com os rostos inchados e vermelhos, garotos do colégio se davam abraços fortes para chorar escondendo a cara, e o grupo dos amigos mais próximos – Luisa, Marcelo, Otávio, Dudu e Guga – chorava abertamente, formando uma barreira soluçante perto do caixão fechado.

Ao lado do caixão, uma foto enorme de Pedro, sorridente e bronzeado, seu cabelo loiro parafinado de surfista penteado para trás. Ele estava de terno e, sem nem precisar pensar, Noelle soube que a foto tinha sido tirada na festa de quinze anos da Alice, no ano anterior. Não só isso, como lembrava o momento

exato: Noelle e Luisa estavam implicando com o gel no cabelo de Pedro quando o fotógrafo apareceu, aproveitando o começo da festa para registrar os jovens ainda sóbrios e arrumadinhos. Mais uma vez, Noelle sentiu o estômago revirar e desviou o olhar.

— Uma tragédia, né, filha? — perguntou sua mãe, apertando seu ombro em um gesto carinhoso.

Noelle concordou com a cabeça.

— Vou procurar as meninas — murmurou para a mãe, se desvencilhando e dando meia-volta, andando na direção oposta do caixão, até chegar ao lado de fora da capela.

No pequeno pátio da entrada, encontrou Alice, o rosto redondo coberto por óculos escuros gigantescos. Ela parecia mais entediada do que emocionada, mexendo no celular enquanto seus pais conversavam entre si em sussurros. Noelle se aproximou.

— Oi! A Celina não veio? — perguntou.

Alice nem mexeu o rosto, só soltou um suspiro irritado e acenou com o celular.

— Já está chegando, aparentemente — respondeu.

Noelle fez um som de compreensão, sem saber o que dizer. Era estranho estar ali. Ela só conseguia pensar em coisas extremamente ridículas ou profundas demais, nada que parecesse apropriado para papo furado em um velório. "É estranho para você também?", ela queria perguntar. "Ver o rosto dele me faz querer vomitar de pânico, mas ao mesmo tempo estou triste", queria dizer. "Ele era nosso amigo, não era?", queria confirmar. Em vez disso, se manteve em silêncio, colocando as mãos nos bolsos pequenos demais do vestido preto e sóbrio que usava.

— Por que você veio? — perguntou Alice em voz baixa, virando finalmente o rosto para Noelle. Usava óculos tão grandes e escuros que Noelle não conseguia decifrar sua expressão.

— Por que não viria? — respondeu Noelle, evasiva.

Alice fez uma careta.

— Porque o Pedro era um babaca e estragou a sua vida?

— Fala mais baixo! — sussurrou Noelle, olhando ao redor. — Por que você veio, então?

Alice deu de ombros e voltou a atenção para o celular. Noelle abriu a boca para insistir, mas notou Celina se aproximando. Diferente de Alice, ela parecia muito abalada e tinha chegado sozinha. Seu rosto estava visivelmente inchado, como se estivesse chorando desde que recebeu a notícia, e ela segurava o pingente de cruz dourada com tanta força que Noelle achou que logo

arrebentaria o cordão.

— Finalmente! — falou Alice, guardando o celular no bolso da calça e olhando para Celina. Ao notar o estado da amiga, fez outra careta.

Celina só olhou para o rosto de Alice e Noelle de relance, desviando o olhar para algum ponto vago entre elas, como se não estivesse vendo nada. Noelle franziu a testa, preocupada. Também estava impactada pela morte repentina de Pedro, mas não imaginava que a amiga fosse ficar tão pior. Em um gesto carinhoso, se aproximou e abraçou Celina, que demorou alguns segundos para retribuir, segurando Noelle com braços fracos.

— Vamos entrar e acabar logo com isso — interrompeu Alice, empurrando os óculos escuros para o alto da cabeça e andando com firmeza para dentro da capela.

— Qual é o problema dela? — sussurrou Noelle para Celina, soltando o abraço.

Em resposta, Celina sacudiu a cabeça, forçou um sorriso e, mais uma vez, desviou o olhar.

quinta, 4 de outubro

Guga:

porra

noelle mandou bem

a luisa é mó gostosa

pena que é sapa

kkkkkkkkkk

21:48

Pedro:

luisa nem é sapa

acredita em mim

que eu sei bem kkkkkkkkk

ela só é piranha mesmo

21: 48

Guga:

e de piranha a gente gosta!!!!!! kkkkkkk

21: 48

Otávio:

*noelle sapa: quem já sabia?
só podia ser
com aqueles oclinhos ridículos*
21:49

Marcelo:
*sabia que nenhum cara ia querer comer
melhor desistir logo de cara
kkkkkkkk*
21:49

Guga:
*mesmo assim
tá de parabéns por ter pegado a luisa
porque né
mó gostosa*
21:49

Era segunda-feira e a escola começava a voltar ao normal depois da morte de Pedro quando Guga caiu do quarto andar.

O baque do corpo no chão e o grito estridente e comprido em seguida, quando a tia Lulu da cantina se virou para ver o acontecido, ecoaram pelas salas e pelos corredores. Noelle estava na aula de inglês, o único horário em que as turmas se dividiam de acordo com a língua estrangeira escolhida e o nível de estudo. Era dia de praticar *listening* e o professor colocava cenas de desenhos animados no projetor para os alunos tentarem entender sem legenda. Quando os barulhos de fora chegaram, o professor se debruçou pela janela para ver o que tinha acontecido. Noelle viu seu rosto empalidecer, a expressão mudar de exasperação para pavor. Os outros alunos começaram a se levantar, curiosos, mas o professor começou a puxar as persianas, bloqueando a vista.

— Não saiam dos seus lugares! — gritou. — Vamos continuar com o programa!

Se o aviso teve algum efeito, foi o contrário do esperado. Em massa, os alunos ficaram de pé e correram para perto da janela, afastando as persianas contra os protestos desesperados do professor. Noelle não resistiu e fez o mesmo, se embrenhando entre os corpos amontoados em frente à janela. Ao seu redor, colegas gritavam, choravam, saíam correndo, riam histericamente, e Noelle, ao ver aquele corpo estatelado, com a cabeça em um ângulo absurdo, o sangue

escorrendo por entre os ladrilhos e a tia Lulu da cantina ajoelhada no chão, ficou tonta, cambaleou até uma carteira e se sentou.

Perdeu a conta de quanto tempo passou ali sentada, seguiu a massa de gente e as ordens dos professores em um estado semiconsciente, e só voltou totalmente a si no sofá de casa, com Alice de um lado e Celina do outro, no final do quarto episódio seguido de Bones.

— Esse cara não merecia ser preso — comentou Alice.

— Ele matou aquele outro cara! — retrucou Noelle, distraída.

— Mas foi por um bom motivo — rebateu Alice.

— Ainda assim é assassinato — insistiu Noelle.

— Eu não aguento mais ver gente morta — interrompeu Celina, seca, desligando a televisão com um clique do controle remoto.

COMO IDENTIFICAR SE SEUS FILHOS FIZERAM UM PACTO SUICIDA

A morte trágica de dois jovens cariocas preocupa os pais do país inteiro. Fontes dizem que os garotos estavam envolvidos em um pacto de suicídio motivado por um jogo obscuro que circula atualmente entre os adolescentes. Para se prevenir, familiares precisam se atentar aos sinais.

Segundo o Dr. Rangel, life coach especializado em reabilitação de adolescentes, um dos principais indicadores é uma mudança nos interesses dos jovens, especialmente na direção de se afiliar com subculturas ditas "góticas". "Um dos métodos que uso no meu programa de reabilitação é trocar as roupas pretas dos jovens por trajes de cores claras e alegres, o que incentiva o bom humor e o afastamento de pensamentos perigosos", explica o Dr. Rangel.

— Trecho do post "Como identificar se seus filhos fizeram um pacto suicida", publicado no blog *Mamãe Sabe Tudo* no dia 26 de outubro de 2018.

A memória do velório de Pedro pairava como uma nuvem sobre o velório de Guga. Os cochichos ecoavam pela capela, frenéticos, vozes se entremeando a soluços, uma energia nervosa de quem começava a sentir que algo estranho estava acontecendo.

“Dois velórios em duas semanas, isso não é normal“, vinha a voz de uma professora.

“Ouvi falar que foi um pacto“, corria o sussurro sombrio de um garoto do primeiro ano.

“É daqueles jogos de suicídio que falaram no Fantástico outro dia“, o

som agudo da mãe mais fofoqueira do colégio.

“Tanto velório que parece até *Pretty Little Liars*“, um tom de desprezo vindo de uma garota do terceiro ano.

“E se for tudo assassinato? Ou uma conspiração? Que nem filme americano?“, um garoto agitado parecia ter tomado três litros de café.

“Uma tragédia, uma verdadeira tragédia“, repetido como uma ladainha por um senhor no fundo da capela.

As fofocas que se espalhavam ficavam cada vez mais absurdas, mas Noelle não sabia no que acreditar. A história oficial não noticiava detalhes, o que deixava implícita a conclusão de suicídio. Seria um pacto? Assassinato? Não podia ser uma simples coincidência. Não podia ser uma série de acidentes. Não podia ser só um acaso do caos.

Noelle encarava, à distância, a foto enorme de Guga perto do caixão. Já devia ter mais de um ano, porque ele estava de cabelo raspado e o sorriso tímido mostrava sinal do aparelho nos dentes.

— Ele teria odiado essa foto — veio uma voz conhecida de trás dela.

Noelle nem se virou para responder Luisa:

— Os pais dele que escolheram, né?

— Nem pensaram em consultar a gente. Até porque quem era mais próximo era o Pedro, e...

Quase instintivamente, Noelle estendeu a mão esquerda um pouco para trás, buscando a de Luisa. Elas entrelaçaram os dedos, mas Noelle continuou olhando para a frente, para a foto de Guga, tentando se concentrar em qualquer coisa além do calor do toque de Luisa, das memórias que aquilo trazia, da confusão que tinha causado.

— Nel... — chamou Luisa, a voz próxima demais, usando o apelido carinhoso de quando elas ainda eram amigas. — Eu...

Noelle não aguentou. Soltando a mão de Luisa, se afastou em passos rápidos. Não podia voltar para aquilo. Não era hora para se sentir assim. Respirando fundo, foi atrás de Alice e Celina, que deveriam estar por ali, em algum lugar.

Entre as provas coletadas na cena do crime, se encontravam: um par de sapatos pretos de salto; um bastão com a ponta decorada; duas facas; um par de meias; um cinto preto; um sabonete em barra; um pedaço de tecido cor de rosa.

— Trecho da reportagem "Uma festa infernal", escrita por Escobar Martins, publicada na revista on-line *Investigadores Anônimos* em 18 de

novembro de 2018.

Na volta às aulas, na quinta-feira, pôsteres com mensagens positivas cobriam os murais e as paredes da escola. Alguns pareciam feitos por marombeiros – Noelle não acreditava que tinham colado "FOCO, FORÇA E FÉ" em uma porta de sala de aula – e outros mostravam mãos dadas, abraços e exemplos de gestos de amizade. A escola parecia acreditar, ou pelo menos querer acreditar, na teoria de que as mortes de Pedro e Guga tinham sido parte de um pacto suicida.

Além dos cartazes, uma assembleia com apresentação de uma psicóloga especializada em luto tinha sido programada para depois do intervalo. Mas, antes disso, a psicopedagoga do colégio, dona Mirela, queria conversar com alguns alunos. Especificamente, com os amigos de Pedro e Guga. Incluindo, infelizmente, Noelle.

— Sua vez — avisou Celina, saindo da sala da psicopedagoga.

— Licença, dona Mirela? — cumprimentou Noelle, abrindo a porta.

— Pode entrar, Noelle — respondeu dona Mirela, com um sorriso cuidadoso.

Noelle obedeceu, entrando na sala apertada. Uma das paredes era coberta por prateleiras cheias de livros e as outras tinham mais pôsteres positivos e motivacionais. No meio da sala, ocupando a maior parte do espaço, havia uma mesa, atrás da qual dona Mirela se manteve sentada.

— Sente-se! — disse ela, indicando com um gesto a poltrona do outro lado da mesa.

Noelle se sentou, cruzando as pernas e pegando uma bolinha anti-estresse amarela sobre a mesa.

— Como você está se sentindo, Noelle?

Sem tirar o olhar da bolinha nas suas mãos, a menina deu de ombros.

— Sei lá. Normal.

— Hm. E como é estar se sentindo normal?

— Acho que normal é a palavra errada — se corrigiu Noelle, ainda concentrada em apertar a bolinha.

— Qual seria a palavra certa?

— Confusa?

— Confusão é mesmo um sentimento normal — concordou dona Mirela, ainda sorrindo. — Na verdade, não há uma forma anormal de lidar com o luto. Cada pessoa reage a seu modo, e cada luto é diferente.

Noelle concordou com a cabeça, passando a bolinha para a outra mão.

— Quer conversar um pouco sobre essa confusão que você sente? — insistiu dona Mirela.

Noelle fez uma pausa, ponderando o que queria ou podia explicar, apertou a bolinha uma última vez e a deixou cair de volta na mesa. Cruzou as mãos no colo e olhou para baixo antes de responder.

— Não sei por onde começar — disse, suspirando.

— Pode começar pela primeira coisa que te ocorrer. Não precisa se preocupar com contar uma história linear — assegurou a psicopedagoga.

— Eu odiava Pedro e Guga — falou, a primeira coisa que veio à sua cabeça. — Quer dizer, não odiava! Não a ponto de ficar feliz que eles tenham morrido. Eu só... odiava eles. Mas não tanto.

Noelle corou, apertando mais as mãos, uma contra a outra.

— Por que você odiava eles? — perguntou dona Mirela, sem demonstrar qualquer surpresa.

— Você deve saber, não? Os professores notam quando os alunos brigam feio. Não notam? — perguntou Noelle, arriscando olhar para dona Mirela por um instante.

— Às vezes notam. Mas não importa o que eu acho que sei, o que importa é o que você quer me contar.

Noelle suspirou, voltando a olhar para baixo. Era mais fácil falar daquelas coisas se fingisse que estava sozinha.

— Eu era amiga deles. Isso você sabe, porque se não soubesse eu não estaria aqui. Mas eu não parei de ser amiga deles só porque eles... morreram. Até porque talvez as pessoas continuem chamando amigos mortos de amigos. Tipo, "um amigo meu morreu". No meu caso, eu não diria isso, acho. Eles não eram meus amigos de verdade.

Ela fez uma pausa, mas dessa vez dona Mirela não perguntou mais nada, só fez um som para indicar que estava escutando.

— Quantos detalhes você precisa que eu dê? — perguntou Noelle.

— Eu não preciso de detalhe nenhum. Isso não é um julgamento, nem uma entrevista. Estou aqui para conversar sobre como você está se sentindo, e falar sobre o que aconteceu pode te ajudar a desembolar um pouco esse sentimento de confusão.

— Tá — respondeu Noelle, respirando fundo. — Tá bom. Então. Eu gosto de meninas. Ou de uma menina, pelo menos, mas provavelmente de outras, assim, como grupo, como conceito.

Mais uma vez, arriscou olhar para dona Mirela. Mais uma vez, encontrou um sorriso encorajador. Não voltou a olhar para baixo.

— Eles descobriram, sabe? Não só o conceito geral, mas a menina

específica. Que é a Luisa. Sabe a Luisa? Você vai conversar com a Luisa, né? Talvez já tenha conversado, até. Talvez ela já tenha te contado...

— Sei quem é a Luisa. O que ela me contou ou planeja me contar não importa. Estou te ouvindo agora — interrompeu dona Mirela. — Pode continuar.

— Tá! Tá. A Luisa... Eu achava que ela gostava de mim também. Porque, assim, a gente se beijava. Às vezes. Então eu achei que... bom, em geral se você quer beijar alguém e a pessoa também quer te beijar, isso significa... Mas eles descobriram. O Pedro e o Guga. E o resto também, os outros meninos. Mas foi o Pedro primeiro, quem descobriu. Ele viu a gente e... ele filmou. Não dá para ver muita coisa no vídeo, sabe, está escuro e a música está alta e o Pedro gravou tudo tremendo porque já devia estar bem bêbado, porque foi naquela festa na casa da Alice e o Otávio tinha levado uma garrafa de vodca importada que a irmã comprou pra ele no free shop. Mas dá para ver que a gente está se beijando. E o Pedro filmou e mandou para todo mundo. Pro Guga, pro Otávio, pro Marcelo, pro Dudu, pra Alice, pra Celina, e pra mais um monte de gente. Todo mundo do colégio deve ter visto. Um monte de gente de outros colégios também.

Noelle parou para respirar, um pouco zonza. Não tinha contado tudo para ninguém até então. Não tinha para quem contar – Alice e Celina tinham vivido a situação, e ela se recusava a dar detalhes para sua mãe, se atendo a dizer que tinha brigado com os amigos. Era bom colocar tudo para fora, explicar a situação, ver que fazia sentido. Por isso, continuou.

— O pior nem foi isso, na verdade. O pior foi a Luisa. Porque ela ainda é amiga deles, sabe? Quer dizer, era. Antes de... antes das mortes. O Marcelo, o Otávio e o Dudu não me surpreenderam, mas a Luisa... Ela estava no vídeo. Ela gostava... eu achei que ela gostasse de mim também. Mas ela riu. Quando o vídeo chegou nela, ela riu. Disse para os meninos que estava doida de vodca importada, implicou com eles por terem aproveitado o show e explicou que era tudo minha culpa, que eu tinha chegado nela, que... Não consegui fazer a mesma coisa. Porque é verdade, sabe? Eu gosto... gostava mesmo da Luisa. Eu gosto mesmo de meninas, assim, como grupo, como conceito, e dela. Não deu para fingir, nem se eu tentasse eles iam acreditar. Nela eles acreditaram, claro. Mas em mim... Pelo menos a Alice e a Celina ficaram do meu lado.

Noelle expirou profundamente, como se soltando todo o peso que ainda afundava seu estômago. Expirou e, finalmente, se permitiu chorar. Os olhos marejados de repente, as lágrimas escorrendo com força, os soluços que vieram pouco depois. Dona Mirela empurrou uma caixa de lençinhos para perto dela, encheu um copo d'água e esperou.

A polícia conectou o massacre a duas outras mortes acontecidas em semanas anteriores à festa: Pedro Moreira e Gustavo Lobo, parte do mesmo grupo social das vítimas, cujas mortes tinham sido atribuídas a suicídio, motivando inclusive uma reação intensa na mídia sensacionalista, que noticiou um suposto jogo macabro com consequências fatais que seria popular entre adolescentes.

— Trecho da reportagem "Uma festa infernal", escrita por Escobar Martins, publicada na revista on-line *Investigadores Anônimos* em 18 de novembro de 2018.

A assembleia tinha sido um tédio. Noelle, Alice e Celina se sentaram no fundo do auditório, perto do canto, e fizeram um esforço consciente para se manterem acordadas, o que era mais do que muitos dos outros alunos, que dormiam profundamente. A psicóloga especializada em luto repetia frases de efeito em um tom exageradamente animado e não parecia fazer ideia de quem eram Pedro e Guga, ou das particularidades de suas mortes. Era um pacote pronto de "falar sobre luto para adolescentes" que provavelmente custava caro e ficava bonito na reunião de pais, mas não tinha efeito nenhum.

Estavam todos tão distraídos que demoraram para notar que a psicóloga tinha declarado sua última frase de efeito. Com alguns segundos de atraso, palmas educadas soaram de alguns cantos do auditório, rapidamente sufocadas pelo barulho de cadeiras sendo empurradas enquanto os alunos corriam para ir embora.

— Que saco — resmungou Alice, bocejando e se espreguiçando ao levantar da cadeira.

— Não acredito que estou dizendo isso, mas preferia ter tido aula de geografia — concordou Noelle, ajeitando a mochila em um ombro.

— Essa doutora está de parabéns por ter conseguido transformar uma das experiências mais profundas e doloridas da existência humana em um blábláblá insuportável — acrescentou Celina.

— Só essa sua descrição de luto já seria melhor do que qualquer coisa que ela disse — respondeu Noelle. — Na próxima vez deviam te contratar.

— Espero que não tenha uma *próxima vez* — retrucou Celina, fazendo uma careta. — Já basta.

— Nunca se sabe — interveio Alice. — Estão dizendo que foi um pacto bizarro de um jogo, vai que ainda está rolando?

Noelle franziu a testa, respondendo:

— Pedro e Guga não pareciam o tipo de gente que participaria de um jogo desses.

— Esses jogos nem existem! — exclamou Celina.

— Como eu disse: nunca se sabe — insistiu Alice. — Se é um jogo bizarro, a gente escolheu a hora certa pra se livrar desses idiotas.

Daquilo Noelle não pôde discordar.

COMO SE NÃO HOUVESSE AMANHÃ: A FESTA

Vamos comemorar a vida do jeito que nossos amigos mais gostavam: com muita música e bebida! Dia 2 de novembro, a partir das 22h, na casa do Gera. Aproveitando que o Halloween tá perto, a festa é À FANTASIA!

LEVEM BEBIDA!!!!!!!!!!

— Mensagem de WhatsApp encontrada no celular de uma das vítimas, recebida no dia 29 de outubro de 2018.

— Você vai no Gera? — ouviu Noelle, de dentro da cabine do banheiro.

— Achei meio mórbido, mas vou, né? — veio a resposta de outra garota, seguida de uma risadinha.

— Eu estava pensando em me vestir de Mulher Maravilha — comentou a primeira voz. — Porque é fácil, né? Tem maiô estampado vendendo em tudo quanto é loja ainda.

— Hmm, verdade. Eu nem pensei ainda... Posso reaproveitar aquela fantasia que usei na festa da Lila, já faz um tempão. Sei lá.

— É, ninguém vai notar — concordou a amiga, a voz ficando mais distante e acompanhada de passos enquanto elas deixavam o banheiro.

Noelle saiu da cabine e abriu a torneira para lavar as mãos. Procurando sabão em alguma das pias, não notou que Luisa entrara no banheiro até ouvir sua voz.

— E você, vai?

— Para uma festa aleatória do Gera para a qual não fui convidada? — rebateu Noelle, finalmente encontrando uma saboneteira cheia na pia do canto. — Acho que vou deixar para a próxima.

— Está todo mundo convidado, o que inclui você — insistiu Luisa.

— Bom, eu não recebi meu belo convite escrito à mão e entregue por fadinhas para todas as moças do reino, nem um sinal telepático avisando da festa. Então até agora não fui convidada — respondeu Noelle, secando as mãos em mais toalhas de papel do que precisava.

— Noelle Paiva, venho por meio desta convidar formalmente a senhorita para a enorme festividade à fantasia celebrando a vida de nossos queridos amigos na casa do ilustre Geraldo Ramos, no sábado, dia dois de novembro de dois mil e dezoito, começando às dez horas da noite — declarou Luisa, com pompa exagerada. — É considerado gentil fornecer ao anfitrião uma oferenda na forma de bebida alcóolica. Por favor, confirme sua tão desejada presença assim que possível.

Noelle finalmente se virou para Luisa. Pronta para revirar os olhos e ir embora, foi pega de surpresa pela aparência da antiga amiga. O cabelo, normalmente solto e brilhante, estava preso em um rabo de cavalo, disfarçando a falta de vida. Olheiras mal escondidas por maquiagem marcavam seus olhos avermelhados, e seu rosto estava visivelmente cansado. Além disso, tinha perdido peso de repente, e a camiseta do uniforme, que elas tinham encurtado juntas na máquina de costura no começo do ano, parecia larga demais.

— Vamos, Nel — insistiu Luisa. — Vai ser tranquilo. Ninguém nem lembra.

— Engraçado, porque eu lembro bem — retrucou Noelle, se apoiando na bancada da pia e encarando Luisa.

— Nel... Vamos deixar isso para lá? Fala com a Alice e a Celina! Vamos todas juntas pra festa do Gera!

— Fala você com elas. Eu não tenho interesse nessa sua tentativa de fingir que nada aconteceu.

— Eu tentei, mas acho que elas me bloquearam... — explicou Luisa, um pouco envergonhada. — E é tão mais chato ir pra essas festas só com os garotos!

— Você fez por onde. Agora pode aproveitar a festa do Gera sozinha.

*Seria fácil atribuir os assassinatos a influências da cultura pop, em uma sociedade excessivamente violenta. A narrativa poderia ser simplesmente construída: a série *Scream* no histórico da Netflix, a letra da música "The Killing Type" rabiscada em uma folha de caderno, uma pilha de livros de fantasia com capas demoníacas. O que é culpa da arte e o que é culpa de mentes perturbadas?*

— Trecho da reportagem "Uma festa infernal", escrita por Escobar Martins, publicada na revista on-line *Investigadores Anônimos* em 18 de novembro de 2018.

— Acho que a gente devia ir — foi a resposta surpreendente de Alice quando

Noelle contou o que tinha acontecido com Luisa no banheiro.

— Quê? — perguntou Noelle, incrédula.

— Ela está nessa desde hoje cedo — explicou Celina, revirando os olhos.
— Também não entendi.

Alice soltou uma gargalhada.

— Acho que vai ser divertido, é só isso.

— Divertido *como*? — perguntou Noelle.

Celina deu de ombros, como se tivesse desistido de tentar entender.

— Você não quer ver essa tentativa ridícula de fingir que eles estão acima da morte? Não acha irônico um monte de jovens comemorarem a perda de dois amigos bebendo até cair, como se nada pudesse acontecer com eles, justamente no dia de finados?

— Não sei se a definição de "irônico" se encaixa... — murmurou Celina, mas parou de falar ao notar o olhar de desprezo de Alice.

— Nada disso me parece muito divertido — insistiu Noelle. — Divertido, para mim, é a gente ir ao cinema, talvez comer uma pizza, até fazer uma maratona de filme de terror se vocês estiverem no clima de Halloween.

— Ir a essa festa vai ser que nem ver um filme de terror, mas ao vivo! — declarou Alice, rindo.

— De novo, você não está fazendo nada soar divertido.

— Eu falei que ela ia achar uma ideia ruim — resmungou Celina.

— Vamos, gente! — insistiu Alice, sorrindo e segurando uma mão de cada amiga. — A gente pode pensar em uma fantasia em grupo! Se estiver mesmo muito chato, a gente vai embora e faz uma maratona de filme de terror lá em casa. Mas eu estou muito curiosa para ver essa festa. E não tem graça nenhuma ir sem minhas melhores amigas. Por favor?

Noelle sustentou o olhar de Alice em silêncio por alguns segundos, mas finalmente abriu um sorriso derrotado.

— A gente pode ir de Meninas Superpoderosas? — perguntou, como resposta.

— Claro, Docinho — disse Alice, com uma piscadela, e se virou para Celina. — E você, Lindinha, vamos?

Mordendo o lábio e olhando para o lado, Celina fez que sim com a cabeça.

"como se vingar"

"planos de vingança"

"filmes de terror"
"como saber se estou apaixonada"
"halloween"
"fantasias halloween"
"meninas superpoderosas"
"dicas de autoconfiança"

— Trechos do histórico de pesquisas no computador de Noelle Pimenta, noticiados na televisão no dia 8 de novembro de 2018.

A casa de Celina era a mais próxima da de Gera, apesar de ainda ser preciso pegar um táxi para chegar lá. Por isso, tinham combinado de se encontrar na casa da amiga para se arrumarem juntas, como sempre tinham feito antes das festas do Gera. Noelle tocou a campainha do apartamento e quem abriu a porta foi Alice, sorridente e animada.

— A Celina ainda está tomando banho — explicou, dando meia-volta e se encaminhando para o quarto, de onde vinha o som de música pop. — Atrasada, pra variar. — Riu.

Noelle atravessou a sala atrás de Alice, carregando a mochila com sua fantasia.

— Não tem mais ninguém em casa? — perguntou, olhando ao redor.

— E quando que os pais da Celina estão em casa? Por isso que posso ficar andando por aí desse jeito — respondeu Alice, dando de ombros e indicando o roupão florido que vestia.

Entrando no quarto, Noelle largou a mochila no chão e se sentou na cama, enquanto Alice voltou direto para a frente do espelho de corpo inteiro que ficava dentro da porta aberta do armário. Sua bolsa de maquiagem estava apoiada em uma prateleira, entre as camisetas de Celina. Cantarolando junto com a música que saía da caixinha de som portátil na escrivaninha, Alice penteava o cabelo longo e liso, tentando prender o rabo de cavalo alto com um laço de fita vermelho exagerado.

— Melhor você começar a se arrumar, para não atrasar ainda mais do que a Celina — falou Alice. — Se precisar de uma dose de ânimo, eu batizei a Coca-Cola — continuou, apontando para a garrafa de plástico em cima da mesinha de cabeceira, cheia só até a metade.

Noelle levantou as sobrancelhas, mas não disse nada. Tirou da mochila o vestido de malha verde que usaria na festa e, se certificando de que Alice seguia concentrada no próprio cabelo, começou a trocar de roupa timidamente.

— Eu não sou a babaca da Luisa, você pode trocar de roupa na minha frente, tá? — comentou Alice, sem tirar o olhar do espelho. — Não precisa ficar cheia de frescura.

Noelle fez uma careta, desconfortável.

— Eu sei — respondeu, puxando o vestido rapidamente por cima da cabeça, meio de lado para a amiga mesmo assim.

Enquanto fechava o cinto preto para finalizar o traje, viu Celina entrar no quarto, enrolada em uma toalha. Ela parecia distraída, distante, como se a Coca batizada de Alice não tivesse conseguido o efeito desejado.

— Tá tudo bem? — perguntou Noelle.

Celina fez que sim com a cabeça e respondeu com um "uhum" desatento, largando a toalha em cima da cama sem pudor.

— Viu, a Celina não liga para trocar de roupa na nossa frente! — insistiu Alice, enquanto a amiga vestia uma calcinha e puxava do cabide um vestido azul.

— Quê? — perguntou Celina, fechando o zíper lateral do vestido. — Azul definitivamente não é minha cor — reclamou, se olhando no espelho em frente ao qual Alice terminava de ajeitar o cabelo.

— Bom, e esse tom de rosa não é a cor de ninguém, mas a fantasia é essa, né? — respondeu Alice, vestindo o tubinho justo de malha.

— Celina, você tem uma meia branca para me emprestar? Acho que esqueci a minha — perguntou Noelle, revirando a mochila.

— A gente podia ter escolhido uma fantasia melhor, né? Não acredito que vou tão ridícula para essa festa — resmungou Celina, ignorando o pedido.

— Você não era obrigada a aceitar, podia ter reclamado antes! — retrucou Alice, dando uma voltinha e se admirando no espelho.

Celina soltou uma risada amarga, sacudindo a cabeça.

— Boa piada, Alice.

— Bom, desculpa pela minha ideia idiota de fantasia — interveio Noelle, irritada com o humor das amigas. — Eu nem queria ir a essa festa para começo de conversa!

— Ai, meu deus! Parem com isso! — exclamou Alice, se virando para as amigas. — A gente vai e, como eu já disse, se ficar chato a gente pode voltar para comer pizza e ver filme, tá?

Abrindo um sorriso carinhoso, acrescentou, com a voz mais suave:

— E vocês duas estão lindas, nada ridículas. Vem cá, Celina, que eu te ajudo com a maria-chiquinha. A Noelle pode pegar uma meia na sua gaveta, não pode?

Celina expirou lentamente, esfregou os olhos com as mãos, como se

lutando contra o cansaço, e fez que sim com a cabeça. Resignada, se sentou na cama em frente a Alice, deixando que ela ajeitasse seu cabelo.

Noelle, ainda um pouco irritada, foi até a gaveta de meias de Celina e pegou um par branco. Antes de voltar para onde tinha deixado os sapatos, passou pela garrafa de plástico e tomou um longo gole da Coca-Cola batizada.

CODEPENDÊNCIA: O VERDADEIRO PERIGO

Os horrores do caso recente de massacre em uma festa de jovens trouxeram à tona um assunto muito importante: a codependência entre adolescentes. Mais uma vez, convidei o especialista Dr. Rangel para dar sua opinião sobre o tema. "É um dos problemas centrais da juventude, sem sombra de dúvida", confirma o Dr. Rangel. "Adolescentes codependentes se incentivam no consumo de drogas, na promiscuidade e, em casos extremos, até em atos de violência, como homicídios."

— Trecho do post "Codependência: o verdadeiro perigo", publicado no blog *Mamãe Sabe Tudo* no dia 30 de novembro de 2018.

Gera morava em uma casa grande, em uma rua residencial. Ainda no começo do quarteirão, apertadas no banco de trás do táxi, Noelle, Alice e Celina conseguiam ouvir a batida da música escapando para a rua. Pagaram com dinheiro, cada uma tirando notas amassadas do fundo da bolsa e arredondando para cima, e saíram do carro.

Nervosa, Noelle segurou as mãos de Alice e Celina, uma de cada lado, antes de atravessar o portão destrancado. Passaram por um grupo – composto por um diabo, um esqueleto, uma fada e um duende – que fumava perto da entrada e seguiram a música pelo caminho que contornava a casa, levando ao espaçoso quintal dos fundos onde as festas costumavam acontecer. A portinha que levava à piscina estava fechada, mas Noelle sabia que antes do fim da festa a água estaria cheia de jovens bêbados, alguns mais vestidos do que outros. Dois garotos, um vestido de múmia e outro de hippie, jogavam bolinhas de guardanapo em um casal de Minions que se beijava animadamente contra uma árvore, sem sucesso na estratégia de distração. Perto da churrasqueira, uma garota com orelhas de gatinho misturava bebidas sem critério aparente em uma jarra de plástico.

Entraram na casa e avistaram Gera, vestido de rei, com capa, cetro e coroa, às gargalhadas com uns amigos do terceiro ano perto da porta da cozinha.

Uma pequena fila já se formava em frente ao único banheiro do primeiro andar. Noelle sabia, também, que em breve a escassez de banheiros levaria os mais apertados a desrespeitarem a única regra da casa: não subir para o segundo andar. Terminaram o tour e voltaram para o quintal, onde se sentaram em um amontoado de almofadas perto da grade. Luisa, Otávio, Marcelo e Dudu ainda não pareciam ter chegado. Talvez ainda estivessem na pré na casa de Dudu, enchendo a cara com bebida boa demais para ser compartilhada com a festa.

— E agora? — perguntou Noelle, olhando ao redor.

— Só faz um mês que a gente não vai a uma festa e você já esqueceu como funciona? — perguntou Alice, rindo. — Agora... a gente pega uma bebida. Você quer uma bebida?

Noelle deu de ombros.

— Pode ser — respondeu.

— E você? — perguntou Alice para Celina.

— Não sei, não acho que estou me sentindo muito bem.

Noelle olhou para a amiga, preocupada. Celina realmente estava pálida, parecendo um pouco enjoada.

— Você só está nervosa! — retrucou Alice. — Uma bebida vai ajudar. Vou lá buscar para a gente. Se comportem!

Noelle riu do jeito de Alice, procurando um olhar cúmplice em Celina. No entanto, a amiga desviou um pouco o rosto, olhando para o chão.

— Vocês beberam tanto assim antes de eu chegar na sua casa? — perguntou Noelle, com preocupação.

— Não tanto — murmurou Celina.

— Será que você está ficando doente?

— Talvez. Tem sempre essas viroses por aí, né? — respondeu Celina.

— Tem... — concordou Noelle, pouco convencida. — A Alice está certa? É nervosismo? Porque, se for, eu entendo. Também estou nervosa de estar aqui — confessou Noelle. — E essa história toda do Pedro e do Guga... É muito estranho, né?

Celina concordou com a cabeça, devagar. Mais uma vez, esfregou os olhos, dessa vez como se contivesse o choro.

— Você gostou de conversar com a dona Mirela? — continuou Noelle. — Aposto que ela te receberia se você quisesse conversar mais... Às vezes ajuda, sabe? Falar com ela me ajudou bastante, acho que...

— Não, não, não quero falar mais com a dona Mirela — interrompeu Celina, sacudindo a cabeça.

— Tudo bem! — concordou Noelle, colocando uma mão no ombro da amiga. — Não precisa falar com ela. Pode falar comigo, se você quiser. Eu te

amo, tá? Estou aqui se você quiser conversar. Sei que a Alice não é das melhores para papos emocionais... — acrescentou, rindo.

Celina riu um pouco também e Noelle foi pega de surpresa por um abraço apertado da amiga.

— Você quer ir embora? — perguntou Noelle, dando um tapinha no ombro de Celina.

— Ei, que história é essa de ir embora? — interrompeu Alice, chegando com um copo em cada mão e uma garrafa de cerveja debaixo do braço. — Vamos ficar pelo menos mais um pouco, né? Nem deu tempo da gente beber ainda!

— Acho que a Celina tá passando meio... — começou Noelle.

— Não, não, estou bem — insistiu Celina, se afastando do abraço tão rápido quanto tinha se aproximado. — Só um pouco nervosa mesmo, é besteira!

— Isso! Vamos ficar — concordou Alice. — Agora por favor alguém pega um desses copos, senão vou acabar derrubando tudo.

Olhando de Celina para Alice, Noelle estendeu o braço e pegou um dos copos descartáveis que a amiga trazia. Cheirou o líquido e fez uma careta.

— O que tem nisso? — perguntou.

— Alguma invenção da gatinha ali — respondeu Alice, apontando com a cabeça para a garota que cuidava dos drinques perto da churrasqueira. — Em resumo: álcool.

— E você não vai provar essa alquimia? — perguntou Noelle, vendo Alice abrir a garrafa de cerveja depois de entregar o outro copo para Celina.

— Eu não quero ir embora agora, então posso ir devagar — respondeu, sorrindo.

Com mais uma careta, Noelle tomou um gole.

RECEITA: ZUMBI MATADOR

Ingredientes por medida:

1 rum branco

1 tequila

1 cachaça

1 água tônica

1 suco de laranja

Modo de preparo:

Misture tudo com gelo.

A mistura era forte e, depois de um copo, Noelle parou de vigiar o portão com ansiedade. Celina também parecia mais relaxada, mas ainda desanimada. Alice, por sua vez, sorria animada, mantendo a conversa entre elas fluindo como se fosse uma festa qualquer, como se nada tivesse mudado, como se fosse um mês atrás. Noelle se sentia agradecida.

— Alice — chamou, baixinho, interrompendo uma história que a amiga contava. — Celina.

As duas se viraram para ela simultaneamente, como se treinadas. Alice parecia curiosa, Celina apreensiva.

— Eu só queria agradecer, sabe? Por terem ficado do meu lado nessa confusão toda — disse, sorrindo. — Não sei como eu teria sobrevivido sem vocês duas. Sabem que eu amo vocês, né?

Ela esperava que Alice fosse reagir com alguma piadinha, implicar com ela por ser uma bêbada sentimental, mas em vez disso o sorriso no rosto da amiga se suavizou. Celina, ao seu lado, se encostou em Noelle em um meio abraço. Alice, que estava ajoelhada na frente das duas, se jogou em cima das amigas, apertando Noelle com força.

— A gente também te ama, Noelle — murmurou Celina.

— A gente faria qualquer coisa por você — concordou Alice.

"como limpar qualquer mancha"

"prescrição assassinato"

"meninas superpoderosas fantasia"

"fazer novos amigos"

"terapia on-line"

— Trechos do histórico de pesquisas no computador de Celina Lobo, noticiados na televisão no dia 8 de novembro de 2018.

O terceiro copo nem tinha mais gosto, mas a música estava ótima, talvez fosse a preferida de Noelle só por fazer seu coração bater daquele jeito, por fazer com que ela dançasse tanto, suando no vestido verde, borrando a maquiagem, sorrindo sem parar. Que horas eram? Quanto tempo fazia desde que Alice e Celina tinham ido ao banheiro? Ou pegar bebidas? Mais bebidas, provavelmente. Mais bebida parecia uma boa ideia. Noelle bebeu mais um gole do copo descartável. Tinha gente ao seu redor, tanta gente dançando, mas ninguém olhava para ela, ninguém ligava para ela, todo mundo tinha outros problemas,

outras preocupações, ninguém ligava para o que ela tinha feito com Luisa, para o que ela sentia, para quem ela era. Onde estava Luisa? Já devia ter chegado, já devia estar por ali, com Otávio, com Marcelo, com Dudu. Sem Pedro, sem Guga, porque Pedro e Guga nunca mais iriam a uma festa, nunca mais beberiam aquela mistura nojenta-deliciosa de álcool barato, nunca mais dançariam a música preferida de Noelle, que ela nem sabia como se chamava, mas que tinha que ser a sua preferida, porque nenhuma outra música podia ser tão boa.

Ela deveria procurar Luisa. Ou Alice. Ou Celina. Ou as três, talvez as três estivessem juntas, no banheiro. Quer dizer, pegando mais bebida. Ela deveria procurar mais bebida. Ou as amigas. Ou tudo. Tudo junto parecia bom.

Só ia esperar essa música nova acabar, porque era ainda melhor que a anterior, era sua nova preferida.

Como se não houvesse amanhã // A PLAYLIST

"Homemade Dynamite", Lorde

"I Really Like You", Carly Rae Jepsen

"Look What You Made Me Do", Taylor Swift

"YOUTH", Troye Sivan

"Break The Rules", Charli XCX

"How To Be a Heartbreaker", Marina and the Diamonds

"Hurricane", Halsey

"Cannibal", Kesha

"Bitch Better Have My Money", Rihanna

"Sorry", Justin Bieber

"Gold Guns Girls", Metric

"Kiss With a Fist", Florence + The Machine

"Kill My Boyfriend", Natalia Kills

"I Don't Wanna Live Forever", ZAYN + Taylor Swift

— Trecho da *playlist* que tocava na dita “Festa Infernal”, noticiada na televisão no dia 10 de novembro de 2018.

Noelle não encontrou Alice, nem Celina, nem Luisa na mesa perto da churrasqueira, mas encontrou a jarra de plástico cheia de bebida misturada, que parecia infinita. Encheu mais um copo, satisfeita. Olhou ao redor, mas não viu nenhuma das amigas. Voltou para dentro da casa, atravessando a massa de gente que ainda dançava. Considerou parar para dançar um pouco, mas sacudiu a

cabeça, tentando voltar à sua missão.

Rodou o primeiro andar e o quintal inteiros, dando golinhos do copo descartável. Muita gente se beijando, muita gente dançando, muita gente bebendo, muita gente rindo alto. Otávio e Marcelo, vestidos, respectivamente, de gladiador e zumbi, estavam virando doses de cachaça, mas sozinhos. Finalmente, avistou uma garota saindo do banheiro fantasiada de Sandy, de Grease, que parecia ser Luisa. Tentou chamar seu nome, mas sua voz se perdeu em meio à música. Correu na direção do banheiro, mas correr já não era sua especialidade, principalmente de salto, e quase levou um tombo. Quando chegou, já tinha perdido a provável Luisa de vista.

— Merda! — reclamou e virou o resto do copo descartável, que largou, vazio, no primeiro móvel que apareceu na sua frente.

Estava começando a se preocupar com Alice e Celina. Será que tinham ido embora sem ela? Não, não fariam isso. Elas eram amigas. Não a abandonariam desse jeito. Só restava procurar no segundo andar, onde elas provavelmente tinham ido ao banheiro por causa da fila enorme do primeiro.

Tentando ser discreta, Noelle andou devagar até a escada, conferindo se Gera estava por perto para impedi-la de subir. Constatando que a barra estava limpa, correu escada acima, antes que notassem que ela estava subindo.

O longo corredor do segundo andar estava escuro, as portas dos quartos todas fechadas. No entanto, como ela suspeitara, uma luz escapava pela fresta da porta do banheiro. Noelle se aproximou e bateu na porta. Sem resposta. Encostando o ouvido na madeira, tentou escutar algo além da música que fazia o chão tremer. Água corrente, uma torneira aberta.

— Oi? — chamou, batendo de novo. — Alice? Celina?

Nada de resposta. Franziu a testa e bateu com mais força. Talvez elas também não estivessem escutando. Tentou girar a maçaneta, mas a porta estava, previsivelmente, trancada.

— Tudo bem aí dentro? — insistiu, começando a se preocupar. — Quer que eu chame alguém?

Finalmente, veio a resposta.

— Tudo bem! Já vou sair! — gritou Celina.

Noelle suspirou de alívio por ter encontrado a amiga.

— Você está passando mal? Precisa de ajuda?

— Não! Já falei que tá tudo bem!

— Vou esperar aqui, ok? — falou Noelle, se sentando no chão em frente à porta. — Assim posso te ajudar se você precisar.

— Não precisa! — berrou Celina. — Volta pra festa!

— Prefiro te esperar aqui — insistiu Noelle. — Prefiro saber que você

está bem.

Celina não respondeu, mas destrancou a porta alguns segundos depois. Sem nem ficar de pé, Noelle estendeu o braço e girou a maçaneta, abrindo a porta lentamente e colocando só a cabeça para dentro.

O banheiro estava surpreendentemente limpo, apesar de com o chão um pouco molhado, como se alguém tivesse saído do chuveiro. Como se *Celina* tivesse saído do chuveiro, o que ficou mais claro quando Noelle viu a amiga, de cabelo ainda molhado, sentada no chão, ao lado do vaso sanitário. Estava tão pálida que chegava a parecer esverdeada, com a expressão exausta de quem tinha acabado de vomitar tudo que podia.

Engatinhando, Noelle entrou no banheiro, fechou a porta e chegou perto de Celina. A amiga estava com o vestido azul, mas tinha perdido a faixa preta da cintura e as meias brancas, apesar de estar de sapatos, também molhados. Antes que Noelle chegasse perto demais, Celina deu descarga no vaso mais uma vez. Noelle agradeceu silenciosamente, sentindo uma onda de náusea só de pensar em ter que ver o que estava ali antes.

— Oi, Lindinha — cumprimentou, dando um abraço rápido em Celina.

Em resposta, a amiga soltou um grunhido e abraçou os joelhos.

— A gente devia mesmo ter ido embora aquela hora, né? — perguntou Noelle, fazendo carinho nas costas da amiga.

Celina fez que sim com a cabeça enfaticamente.

— Quer ir agora? A gente pode ir agora — sugeriu Noelle. — Quer dizer, daqui a pouco. Sabe, quando o banheiro estiver girando menos. Porque é difícil andar numa casa que gira.

Noelle sentiu as costas de Celina se sacudirem sob sua mão.

— Você está rindo? Ou chorando? — perguntou, franzindo a testa. — Não precisa chorar, a casa já já para de girar, eu tenho certeza. Não dá para girar pra sempre, né? Ou a gente se acostuma. A gente já se acostumou com tanta coisa nos últimos tempos, acho que uma casa que gira não é tão grave.

Celina começou a se sacudir mais. Agora Noelle ouvia soluços, claramente um choro. Fez uma cara triste também e continuou o carinho nas costas da amiga.

— Tudo bem, pode chorar. É importante às vezes — disse, com um tom reconfortante. — E parece útil para esperar essa última volta do banheiro.

"EU ODEIO TODOS ELES. A LUISA ESPECIALMENTE. SE EU PUDESSE MATARIA TODOS!!!", dizia Noelle Pimenta em uma página de seu diário, uma

reação exacerbada à briga que tivera com os amigos. Em outros momentos, demonstrava alternar raiva e uma preocupação superficial com roupas, programas de televisão e comida. Além disso, elogiava suas amigas que considerava "leais", Alice Mendes e Celina Lobo.

— Trecho da reportagem "Uma festa infernal", escrita por Escobar Martins, publicada na revista on-line *Investigadores Anônimos* em 18 de novembro de 2018.

Quando Noelle e Celina chegaram de volta ao primeiro andar, deram de cara com Luisa – realmente fantasiada de Sandy – em frente à escada.

— Vocês viram o Otávio? — perguntou Luisa.

— Da última vez que vi, ele estava bebendo com o Marcelo lá fora — respondeu Noelle. — Você viu a Alice?

— Vi, vindo para cá com o Otávio — respondeu Luisa. — Eles não estão lá em cima?

Noelle franziu a testa.

— Por que estariam? — perguntou.

Luisa ergueu uma sobrancelha e, depois de um instante, riu.

— Provavelmente um *revival* daquele casinho do ano passado. Sei lá — explicou Luisa. — Quem liga? Eu só queria achar o Otávio.

— Bom, a gente acabou de descer e não viu ninguém lá em cima — insistiu Noelle.

— Celina, você viu alguém? — perguntou Luisa.

— A Celina não está se sentindo bem, caso não dê para notar — respondeu Noelle. — Não tem ninguém lá em cima, eles só devem estar perdidos por aqui. Mas pode subir para procurar, se quiser.

Noelle deu um passo para o lado, abrindo a passagem.

— Não! — interferiu Celina, falando pela primeira vez desde que Noelle entrara no banheiro atrás dela. — Não precisa subir. O Otávio não é aquele ali? — perguntou, apontando para o outro lado da sala. — Vestido de gladiador?

Luisa se virou para a direção que Celina apontava, apertando os olhos. Noelle olhou, também, mas não encontrou.

— Não estou vendo nada — disse Luisa.

— É que ele se misturou àquela galera ali — insistiu Celina, com um gesto. — Mas eu vi, ele está com um troço na cabeça, né? Bem ali.

— Bom, problema resolvido. Pode correr atrás do Otávio — resmungou Noelle para Luisa, puxando Celina pela mão. — Agora a gente vai achar a Alice

para ir embora.

— Já? — perguntou Luisa. — Nem deu tempo da gente conversar...

— Bom, vai ficar para outro dia. Minha prioridade é cuidar das minhas amigas — disse Noelle, indicando Celina. — Mas acho que você não entende bem esse conceito.

Ela se virou e caminhou, puxando Celina para andar mais rápido.

— Não vou atrás de você! — gritou Luisa, irritada.

Noelle levantou a mão livre e mostrou o dedo do meio, sorrindo satisfeita.

— Droga, eu esqueci minha bolsa lá em cima — resmungou Celina, quando elas chegaram no quintal.

— No banheiro? — perguntou Noelle.

— Acho que sim.

— Vou lá buscar. É aquela de couro preta, né? Com a alça comprida?

— Não! Quer dizer, é. Mas não precisa ir. Eu vou.

— Não precisa, fica aqui, eu já volto! — insistiu Noelle.

— Não, eu faço questão — disse Celina.

— Bom, vamos juntas, então — propôs Noelle.

— Noelle — falou Celina, soltando a mão da amiga. — Eu posso buscar minha bolsa. Já volto. Continua procurando a Alice.

Antes que Noelle pudesse protestar mais uma vez, Celina se embrenhou na multidão na direção das escadas.

A preocupação com Celina estava cancelando o efeito da bebida. Agora a festa parecia cheia demais, a música alta demais, uma grande confusão no meio da qual ficava perdendo uma amiga atrás da outra. Precisava se animar, se tranquilizar, se concentrar. Encheu mais um copo da jarra perto da churrasqueira e deu um gole longo. O calor reconfortante percorreu seu corpo. Melhor assim.

Olhou ao redor, lentamente, tentando prestar atenção em cada pequeno grupo de amigos fantasiados, buscando o rabo de cavalo de Alice, o laço vermelho, o vestido cor de rosa. Até nos casais que se agarravam nos cantos ela se atentou, mesmo que achasse pouco provável que Alice estivesse entre eles. A sugestão de Luisa, de que Alice tinha reatado com Otávio, era ridícula, mas, de qualquer forma, Noelle tentou ver se encontrava algum sinal do garoto vestido de gladiador.

Sua busca foi interrompida por um grito. Não um grito qualquer, mas um berro agudo, estridente, enregelante. Um grito que atravessou todos os outros sons da festa, a batida da música, as gargalhadas, as vozes. O grito durou um, dois, três, quatro, cinco segundos, tempo demais, suspendendo a festa até parar. Com um pouco de atraso, a reação começou.

Algumas pessoas corriam para o portão, mas outras iam em outras direções, tentando ver o que tinha acontecido, ou procurando amigos. Noelle foi jogada no chão em meio ao caos, derrubando também seu copo de bebida, e engatinhou até debaixo da mesa. Pegou o celular, guardado no bolso do vestido, e mandou uma mensagem para o grupo do WhatsApp com Alice e Celina.

*cadê vocês??????
estou debaixo da mesa
churrasqueira
quintal*

Nenhuma das duas visualizou a mensagem imediatamente, e Noelle tentou ligar primeiro para Alice, depois para Celina. Os dois números chamaram até cair na caixa postal.

— Merda — resmungou. — Merda! — repetiu, mais alto.

Precisava descobrir onde Alice e Celina estavam. Precisava descobrir o que estava acontecendo. Precisava ir embora dali.

Com cuidado, saiu de debaixo da mesa, se encostando contra a churrasqueira, por onde não tinha tanta gente passando. Na verdade, a festa parecia ter esvaziado consideravelmente. Era mais fácil encontrar caminhos entre as pessoas que ainda procuravam amigos, que tinham caído no chão ou que estavam bêbadas demais para entrar em pânico. Um pouco perdida, notou uma diferença em meio ao caos: a entrada para a piscina estava aberta. Desviando de um garoto vestido de joaninha que tentava ajudar uma garota vestida de abelha a levantar, passou pela portinha que levava à piscina.

A primeira coisa que viu foi Luisa, na água. A segunda coisa que viu foi no que Luisa se segurava: Dudu, inerte, boiando. Demorou para entender a cena, vidrada na imagem, nas manchas vermelhas rodopiando na água esverdeada, na roupa que já fora branca no corpo de Dudu, nos movimentos erráticos de Luisa, nos sons que ela fazia, resquícios de gritos, como se ela não tivesse mais o que berrar.

Quando absorveu o que tinha acontecido, Noelle vomitou.

Depois de botar tudo para fora, pulou também na piscina. Nadou até Luisa, tentando puxá-la de volta.

— Lu... Lu, vamos embora. Vamos sair daqui. Lu... — insistia, se segurando à amiga e batendo os pés.

Com insistência, conseguiu se aproximar da beirada, arrastando Luisa, balbuciante. No entanto, o corpo de Dudu viera junto, como se Luisa fosse incapaz de soltá-lo, incapaz de tirar o olhar dele.

— Lu, a gente precisa ir — insistiu Noelle, sacudindo o braço de Luisa.

— Não — murmurou Luisa. — Não, não, não.

— Lu, é importante. Me escuta. A gente vai sair da piscina, tá?

— Não! — gritou Luisa, tentando se desvencilhar de Noelle, se segurando com mais força no corpo de Dudu, como se fosse uma boia salva-vidas.

Noelle segurou a amiga ainda mais forte, puxando-a pela cintura. Se precisasse, a arrancaria da piscina à força.

— Luisa! — chamou, com firmeza. — Solta o Dudu. Por favor. Vem comigo!

— Não, não, não — continuou Luisa, sacudindo a cabeça freneticamente.

Exasperada, Noelle deu um puxão repentino em Luisa, desestabilizando a amiga, que afrouxou o apoio em Dudu. Aproveitando, Noelle puxou mais uma vez e, por garantia, fazendo uma careta, levantou uma perna na água e chutou o corpo. Com um calafrio, tentando ignorar o grito rouco que saía da garganta de Luisa, subiu os degraus largos que saíam da piscina, puxando a amiga junto.

No seco, Luisa parou de gritar e deitou no chão, soluçando silenciosamente. Noelle se sentou ao lado dela, sem soltar sua cintura completamente. Precisava pensar. Quem quer que tivesse atacado Dudu talvez ainda estivesse por aí. Precisava ir embora. Precisava levar Luisa para longe dali. Precisava encontrar Alice e Celina.

Enfiou a mão livre no bolso, mas, antes mesmo de encontrar o que procurava, se deu conta de que o celular devia estar inteiramente estragado. Não tinha sido feito para um mergulho na piscina. Tentou fazer funcionar, mas a tela estava manchada e não respondia ao toque. Irritada, arremessou o aparelho de volta na piscina. Não tinha jeito mesmo.

— Lu, você precisa ir. Alguém já deve ter chamado a polícia, ou os pais de todo mundo, ou os jornais. Alguma coisa. Alguém já deve ter chamado alguma coisa.

Noelle notava que o que dizia não fazia sentido, mas precisava confiar que tinha ajuda a caminho.

— Você está com o celular? — perguntou para Luisa, que só sacudiu a cabeça, ainda deitada no chão.

Olhou a fantasia de Luisa, notando que a legging de couro falso não tinha bolsos, e olhou ao redor, em busca de uma bolsa. Nada. Onde quer que Luisa tivesse largado o celular, não valia a pena procurar.

Precisava mesmo encontrar Alice e Celina.

— Vem, Lu. Por favor — insistiu, puxando a amiga de leve. — A gente não pode ficar aqui assim. A gente não pode deixar a Alice e a Celina.

Luisa se encolheu mais, segurando o braço que Noelle ainda passava por sua cintura. Desesperada, Noelle calculou o que precisava fazer e decidiu tomar um risco.

— Lu, Luisa. Você está me ouvindo? Faz sinal de que está me ouvindo.

Luisa balançou a cabeça, concordando, e soltou um som incompreensível. Noelle aceitou como sinal.

— Eu vou procurar a Alice e a Celina, depois volto aqui para te buscar. Você promete esperar? E, se aparecer qualquer outra pessoa aqui, você promete fugir? Ou se esconder?

Luisa sacudiu a cabeça em negativa, segurando o braço de Noelle com mais força.

— Lu, por favor, por favor. Ou você vai comigo, ou eu preciso ir. Não posso deixar minhas amigas em perigo para tomar conta de você!

Em um gesto brusco, Luisa soltou Noelle, rolando para o lado, se desvencilhando. Parecia ter ficado ofendida, mas Noelle não podia perder tempo resolvendo esse problema. Ficou de pé o mais rápido que pode e olhou para Luisa uma última vez.

— Lu, você promete, tá? Me espera. Eu volto — insistiu. — E não entra na piscina de novo! — acrescentou, correndo de volta na direção da casa.

"facas de cozinha preço"

"facas de caça preço"

"como amarrar fita de cabelo"

"passagens rio roma"

"passagens rio buenos aires"

"bullying defesa"

— Trechos do histórico de pesquisas no computador de Alice Mendes, noticiados na televisão no dia 8 de novembro de 2018.

A casa agora parecia inteiramente vazia. Uma música pop chiclete ainda tocava, alta demais, e Noelle considerou procurar como desligar a caixa de som, mas desistiu. Não queria perder tempo. Queria ir embora.

Sem saber o que a esperava, voltou alguns passos até a cozinha e abriu a gaveta, pegando a maior faca que encontrou. Armada, começou a percorrer o primeiro andar, tentando se manter sempre próxima das paredes. Ninguém na sala. Ninguém no escritório. Ninguém no banheiro. Ninguém no quintal.

Segurando a faca com toda a força que tinha, mesmo que conseguisse ver sua mão tremendo, começou a subir as escadas. Devagar. Colada na parede. No escuro. Escutou sons, talvez passos, talvez vozes, vindo do fundo do corredor, mas não sabia se era verdade ou paranoia. Tentou prestar atenção, se concentrar, mas a voz da Carly Rae Jepsen repetindo a palavra "really" mais de sessenta vezes encobria tudo.

Por um instante, pensou em descer, buscar Luisa, ir embora correndo como o resto. No entanto, não podia arriscar deixar Celina e Alice ali. Respirou fundo, firmou a mão no cabo da faca e subiu o último degrau. Deu um, dois, três passos e ouviu, dessa vez sem dúvida, uma comoção no fim do corredor. Assustada, se encostou contra a parede, se escondendo entre duas das estantes que ladeavam o corredor. No escuro, só viu movimento de um quarto para outro, ao fundo. Esperou, tentando controlar a respiração, se agarrando à faca como se sua vida dependesse disso. Depois de um bom tempo de aparente silêncio no corredor, avançou novamente e entrou no primeiro quarto, do irmão mais novo de Gera.

Seus olhos demoraram para se ajustar ao escuro, mas alguma luz entrava pelas persianas semiabertas na janela. Quando começou a enxergar, deu mais um passo para dentro do quarto, olhando ao redor. Um monte de livros tinham caído de uma prateleira. Ao lado deles, um copo de vidro quebrado.

Mais um passo e Noelle sentiu o carpete afundar de um jeito diferente. Parecia... molhado. Olhando para baixo, viu uma poça viscosa e escura e, logo à frente, Otávio. Diferente de Dudu, ele não estava inteiramente inerte. Ofegava baixinho, agarrado à própria barriga, de onde parecia escorrer a maior parte do sangue. Noelle se ajoelhou ao lado dele, tentando examinar a situação.

— Otávio? Otávio, respira. Aguenta firme — falou, tentando ser encorajadora, mesmo que aguentar firme não parecesse solução para nada. — Otávio, você está me ouvindo?

— Tô, tô — respondeu Otávio, com a voz pastosa, antes de tossir.

Noelle não sabia se o que saía do canto da boca dele era vômito ou sangue. Talvez fosse os dois.

— Otávio, o que aconteceu? Quem... Quem fez isso?

— Você veio acabar? — perguntou Otávio, tossindo de novo. — Acabou?

— O que acabou? — insistiu Noelle. — Eu vim te ajudar! Mas eu preciso saber o que aconteceu. Me diz qualquer coisa. Um nome, alguma coisa.

— Você é uma daquelas... Amorzinho? Fofinha? Qual é você? — perguntou Otávio, puxando com uma mão ensanguentada a barra do vestido de Noelle.

— Quê? Otávio, se concentra. Por favor. Um nome.
— Florzinha! Né? Florzinha — falou, arregalando os olhos.
— Minha roupa? É a Docinho, Otávio. Mas por favor... Me diz um nome. Quem fez isso com você?
— Ah, Lindinha, isso, Lindinha — balbuciou Otávio, antes de tossir uma última vez.
— Otávio. Otávio? Otávio! — chamou Noelle, sussurrando e sacudindo o ombro do antigo amigo.
Não adiantou. Otávio já não estava mais respirando.

As fantasias de Meninas Superpoderosas, personagens do desenho animado exibido no canal pago Cartoon Network até 2016, foram fruto de muita especulação. Noelle Pimenta usava um vestido verde, indicando ser a personagem Docinho, que, apesar do nome irônico, é a mais violenta das pequenas super-heroínas animadas. Seria uma escolha ao acaso? Ou, talvez, uma decisão deliberada de tirar forças da inspiração infantil?

— Trecho da reportagem "Uma festa infernal", escrita por Escobar Martins, publicada na revista on-line *Investigadores Anônimos* em 18 de novembro de 2018.

No chão ao lado de Otávio, em uma poça de sangue, Noelle notou um telefone celular. Pegou o aparelho e tentou usá-lo, mas estava bloqueado. Fez uma careta de nojo e, cuidadosamente, segurou a mão direita de Otávio, tentando encostar seu polegar na tela para desbloquear com a digital. Não funcionou, a mão provavelmente molhada demais com o sangue. Rapidamente, Noelle esfregou a mão de Otávio em um pedaço limpo do carpete, tentando secar o quanto podia, e pressionou novamente o polegar no celular. Dessa vez, o aparelho desbloqueou.

Com um suspiro de alívio, Noelle procurou o número de Alice na agenda e ligou. Chamou, chamou, chamou, caiu na caixa postal. Procurou, então, o número de Celina. Mais uma vez, chamou, chamou, chamou e caiu na caixa postal. Ficou de pé, segurando a faca em uma mão e o telefone em outra.

Pisando o mais leve que conseguiu, saiu do quarto, voltando para o corredor, sem se preocupar com as manchas de sangue que espalhava pelo carpete. Tentou pensar no que conhecia da casa de Gera. Já tinha estado ali várias vezes, mas era diferente assim, tremendo de adrenalina, sem a tranquilidade de se jogar no primeiro quarto disponível para flertar ou fofocar. O

corredor tinha mais quatro portas: o banheiro, que estava aberto e Noelle verificou sem precisar entrar; o quarto de hóspedes, a seguir; o quarto dos pais de Gera, em frente; e o quarto de Gera, na ponta.

Com cuidado, abriu a porta do quarto de hóspedes, que estava vazio. Não se preocupou com fechar a porta de novo e se voltou para as duas outras. O movimento que tinha visto quando estava escondida entre as estantes era na direção dessa ponta, o que significava que quem quer que tivesse atacado Otávio provavelmente estava em algum dos dois quartos. No melhor dos casos, o assassino tinha fugido enquanto Noelle estava com Otávio. No pior dos casos, estava ali, com os corpos inertes de Alice e Celina, só esperando Noelle entrar.

Noelle não sabia escolher uma porta. Não tinha coragem de se mexer. Fez unidunitê em silêncio três vezes. Ignorou o resultado três vezes. Queria fugir, queria sair correndo, mas nunca se perdoaria se Alice e Celina estivessem ali, atrás de uma daquelas portas, e ela as abandonasse por medo. Fez unidunitê mais uma vez, determinada a obedecer o resultado dessa vez. Largou o celular de Otávio no bolso molhado e estendeu a mão esquerda para a maçaneta da porta do quarto dos pais de Gera.

Escancarou a porta em um movimento só, erguendo a faca e prendendo a respiração, mas o quarto estava vazio. Ninguém ali, nenhum sinal de sangue, de morte, de ataque.

Antes que pudesse se virar para o quarto de Gera, ouviu a porta atrás dela se abrir.

— Noelle, querida, pode largar a faca — falou Alice.

No depoimento de Celina Lobo, a acusada confessou ter planejado os assassinatos. "A gente estava tomando milkshake, conversando sobre a raiva que estávamos sentindo por terem tratado a Noelle [Pimenta] desse jeito. Aí a Alice [Mendes] perguntou, eu lembro exatamente: 'E se a gente matasse eles?' Naquela hora me pareceu a solução óbvia. Justa, sabe? Então eu só respondi 'Por que não?'"

— Trecho da reportagem "Uma festa infernal", escrita por Escobar Martins, publicada na revista on-line *Investigadores Anônimos* em 18 de novembro de 2018.

Lentamente, Noelle virou o rosto na direção da voz. Alice estava ali, no corredor, também segurando uma faca. A lâmina provavelmente brilhava antes

de ser coberta por sangue viscoso, que cobria a mão firme de Alice, manchava seu vestido, respingava em seu pescoço, encharcava suas meias, afundadas no carpete.

— Alice? — perguntou Noelle, confusa. — Você se machucou? Você se salvou?

Alice soltou uma gargalhada.

— Eu te salvei, bobinha — corrigiu, com um tom afetuoso.

— Quê? Eu não sabia que... Eu não fui atacada. Quem fez isso tudo? Você está mesmo segura? Cadê a Celina?

— Você é mesmo a melhor amiga que eu poderia ter, sabia? — disse Alice, em vez de responder. — Sabia que valia a pena me arriscar para te proteger.

— Se arricar? Alice, esse sangue todo é seu? Você está machucada? Vamos sair daqui!

Noelle deu um passo na direção de Alice, mas a amiga ergueu a mão vazia.

— Que tal soltar essa faca antes, Noelle? — sugeriu Alice.

— Quê?

Noelle olhou para a própria mão, para a faca que ainda segurava com força. Sacudindo a cabeça, tentou se acalmar. Alice estava ali, estava segura, tinha dito que estava tudo bem. Não precisava mais disso. Abriu a mão, deixando a faca cair no chão macio.

— Isso, melhor — reagiu Alice. — Agora vem.

Sem pensar, Noelle andou na direção da amiga. Foi então que viu, atrás de Alice, sinais da cena no quarto de Gera. Sangue, muito sangue. Tanto, tanto, tanto sangue.

— Alice, o que... — começou a perguntar, avançando mais, até entrar no quarto.

No chão, três pessoas. Três corpos. Mortos? Não. Não todos. Marcelo, definitivamente morto, retorcido em um ângulo impossível, dilacerado e imundo de tal forma que Noelle agradecia pela fantasia de zumbi disfarçar o que era real e o que era maquiagem. Meio jogado em cima dele, de bruços, estava Gera, também provavelmente morto, mas menos aparente, coberto pela longa capa vermelha de sua roupa de rei. A coroa estava caída ao seu lado, e o cetro, amassado e também sujo de sangue, parecia ter sido arremessado para outro canto do quarto.

O canto no qual Celina, encolhida e, para alívio de Noelle, viva, segurava o braço direito, que estava visivelmente deslocado e sangrando.

Instintivamente, Noelle se ajoelhou na frente da amiga.

— Ei, ei, está tudo bem. A Alice disse que está tudo bem. Você se machucou, mas vai ficar bem — insistiu, tocando o ombro esquerdo de Celina. — Eu vou ligar para a emergência agora, tá? Aí vai ficar tudo bem.

Noelle tirou o celular do bolso, mas só então notou que a tela estava bloqueada de novo. Podia voltar para o quarto onde Otávio estava, mas, agora que a adrenalina começava a baixar, parecia um ideia horrível.

— Esquece — falou, largando o telefone. — Vamos embora. Vocês estão com os celulares? A gente vai embora e liga para a emergência. Ou talvez já tenha alguém vindo. Já devia ter alguém vindo, né? Já faz quanto tempo que todo mundo fugiu? Vamos, vamos — insistiu, ficando de pé e puxando Celina de leve. — A gente só precisa buscar a Luisa no caminho.

Noelle, de pé, começou a andar na direção da porta, mas Celina não se levantou.

— Aquele babaca deslocou meu ombro — resmungou Celina, esfregando o braço, ainda olhando para baixo.

— Foi o Gera? O Gera que fez tudo isso? — perguntou Noelle, tentando encaixar as informações.

Nada fazia sentido, mas não precisava fazer sentido naquele momento. Ela só precisava sair dali, tirar Alice, Celina e Luisa dessa casa, e depois elas podiam juntar o que sabiam, explicar para a polícia, entender. Entender era para depois, não era prioridade.

— Vamos, gente! — insistiu Noelle, olhando para Alice, encostada no batente da porta, ainda segurando aquela faca, ainda tão coberta de sangue. — A Luisa está lá embaixo esperando, a gente tem que ir...

— Lá embaixo onde? — perguntou Alice, de repente interessada.

— Na piscina. Ela não quis... O Dudu, vocês viram o que aconteceu com o Dudu?

— A Luisa está na piscina?

— Sim! A gente precisa descer!

— Claro, claro — concordou Alice. — Vamos lá.

— Não, eu quero ficar aqui — declarou Celina, com o tom de uma criança petulante.

— Celina, a gente precisa ir embora! — insistiu Noelle.

— Foda-se, deixa ela aí — respondeu Alice, a voz gélida. — Se ela quer ficar chorando do lado de cadáver, o problema é dela.

— Alice! — exclamou Noelle, horrorizada.

No entanto, Alice a ignorou, seguindo pelo corredor na direção da escada.

— Celina, vamos? — chamou Noelle mais uma vez.

— Vai! Corre! Sai daqui! — berrou Celina, balançando o braço esquerdo.

Alice já tinha sumido de vista. Celina estava, bem ou mal, segura. Então Noelle saiu do quarto e desceu as escadas o mais rápido que pode. Foi direto na direção da piscina, seguindo os passos ensanguentados de Alice. Quando chegou, foi pega de surpresa pelo que esperava ser a última vez daquela noite, enquanto as peças do quebra-cabeça começavam a se encaixar.

O sangue. O que Alice dissera. O sumiço no meio da festa. A insistência para ir à festa. Os copos e mais copos de bebida forte que dera para Noelle. Onde Alice estava quando Guga morreu? E Pedro? Noelle tentou recapitular as últimas semanas na vida da amiga, mas não tinha detalhes o suficiente para formar uma imagem clara da situação, para ter certeza.

O que tinha na sua frente era a visão de Alice atracada com Luisa em uma briga desigual. Retomando seu poder de reação, Noelle correu e se jogou em cima das duas, tentando afastar Alice, que apertava o pescoço de uma Luisa desesperada, jogada na beira da piscina. Conseguiu, com o susto, empurrar a amiga o suficiente para Luisa voltar a respirar, ofegante.

— O que foi isso? — gritou Alice, indignada, massageando o braço sobre o qual tinha caído.

— Você está completamente doida! — berrou Noelle de volta, tentando se manter entre as duas, protegendo Luisa com o corpo.

— Eu? Você que está protegendo a Luisa!

— Você está matando gente!

— Eu estou te defendendo! Essa "gente" não ligava se você estava viva ou morta, Noelle. Essa "gente" te desprezava! — explicou Alice, se ajoelhando e tateando o chão ao seu redor, encarando Noelle.

Os olhos de Alice brilhavam com o reflexo da luz da piscina, brilhavam mais do que a lâmina da faca que Noelle sabia que a amiga buscava.

— E a Celina? — perguntou Noelle, tentando distrair Alice, tentando manter a conversa fluindo, torcendo para alguém chegar, para ser salva. — Você deixou ela lá em cima porque planeja voltar para matar ela também?

Alice gargalhou, parando de buscar a faca para massagear mais uma vez o braço dolorido.

— Só eu que tenho cara de malvada, é isso? — perguntou, rindo de novo. — Esse daí foi todo da Celina — falou, apontando para o corpo de Dudu, que ainda flutuava na piscina. — O Guga também! Ela se atrapalhou um pouco, é verdade. Mas ela também te ama, Noelle. Ela também sabia que você precisava da gente.

— Eu não preciso de ninguém! Eu sei me cuidar sozinha — retrucou Noelle.

— Ah, querida — disse Alice, sorrindo, curvando o corpo para frente, como se para chegar mais perto.

Instintivamente, Noelle se inclinou para trás, cobrindo ainda mais o corpo de Luisa, que ainda não estava completamente consciente.

— Você faz essa pose de ser forte, independente, girl power — continuou Alice. — Mas o que é uma garota sem suas amigas, hein? A gente está aqui para você, por você. Amiga de verdade é assim, não é? Melhores amigas para sempre? Até que a morte nos separe?

Noelle se afastou mais um pouco, se apoiando nas mãos e, ao se ajeitar, tocou algo gelado. Melado. Afiado. A faca de Alice, surgindo debaixo de Luisa. Tentando ser discreta, continuou mexendo a mão, acompanhando a lâmina, procurando o cabo.

— Qual era o plano, então? — perguntou Noelle, encorajando o monólogo.

— Não ia muito além daqui. Quer dizer, ainda falta a Luisa para fechar, né? Mas era só isso mesmo. Você sabe que nunca fui muito boa em planos de longo prazo — falou Alice, dando de ombros e rindo. — Mas confesso que eu achava que ia envolver mais agradecimentos — continuou, franzindo o nariz.

— Posso perguntar mais uma coisa? — disse Noelle, finalmente encontrando o cabo da faca. — O que o Gera fez contra mim?

Alice suspirou, parecendo genuinamente arrependida.

— O Gera, coitado, não tinha nada a ver com a história. Quer dizer, além de ter uma casa ótima para assassinatos! Realmente impressionante. O aparelho de som, a piscina, o chuveiro potente, os quartos vazios... Podiam alugar para filme de terror! Mas, além disso, ele só entrou no quarto na hora errada. Azar o dele.

— Azar o dele? — repetiu Noelle. — Você matou alguém e foi azar o dele?

— Olha, só uma morte não planejada no meio de seis me parece uma boa média, tá? Não precisa ser tão crítica — se defendeu Alice. — Agora a gente terminou de papear? Porque eu queria mesmo acabar com essa história ainda hoje!

Noelle franziu a testa, como se refletisse sobre o assunto. Então, com toda a força que encontrou, empurrou Luisa para trás com o cotovelo e ergueu a faca, se jogando em Alice.

Alice gritou, se debatendo, e Noelle gritou, atacando. Não sabia mais o que estava fazendo, ou o que Alice estava fazendo. Só se concentrava em sobreviver, sacudindo a faca, usando as unhas da outra mão, chutando e cotovelando em todas as direções. Finalmente, algum dos seus gestos funcionou.

Alice parou de se defender. Noelle rolou para o lado, segurando a faca ensanguentada, e viu um último movimento da amiga levá-la para a água.

Ofegante, Noelle ouviu o som das sirenes na rua, dos passos entrando na casa, dos gritos da polícia, dos bombeiros, dos enfermeiros. Não se mexeu.

Tânia Costa: *Você sabia do plano das suas amigas?*

Noelle Pimenta: *Não, eu não fazia ideia.*

TC: *Segundo registros de mensagens entre vocês, elas disseram "a gente mata eles pra vc [sic]" e sua única resposta foi "hahahahaha obrigada".*

NP: *Era uma brincadeira! Eu achei que fosse uma brincadeira.*

TC: *Quer dizer que você não queria que elas tivessem feito isso por você? Em seu nome?*

NP: *...*

TC: *Você acha que elas estavam corretas em assassinar seis adolescentes a sangue frio por sua causa?*

NP: *...*

TC: *Não?*

NP: *Eu teria feito o mesmo por elas.*

— Trecho da entrevista "EU TERIA FEITO O MESMO: Noelle Pimenta revela tudo sobre a Festa Infernal", concedida a Tânia Costa, da revista *Rolling Stone*, em 11 de dezembro de 2018.

Roda-gigante

Iris Figueiredo

A banca de jornal era parada obrigatória a cada quinze dias. Naqueles tempos, as pessoas ainda liam revistas com frequência, repassando as edições mais recentes de suas publicações favoritas furtivamente em sala de aula. Era tudo feito com muita cautela, ninguém queria ser flagrado e ir parar na coordenação, encarando a fúria de uma das irmãs.

Seu José, o jornaleiro da esquina do colégio, já me conhecia.

— Separei a sua, Rebeca — disse ele, me estendendo um exemplar da nova edição da *Superteens*.

A capa, em tons de preto e roxo, era comemorativa. Uma atriz da novela das sete, *Poção do amor*, estava fantasiada de bruxinha. Abaixo, uma chamada: “Sete simpatias para conquistar o gatinho”. Eu precisava admitir que o conteúdo da *Superteens* era levemente questionável.

Entreguei uma nota amassada e dei uma última espiada na capa. “Criatividade é tudo: fantasias baratas para você arrasar no Halloween”. Já podia me imaginar rezando dez ave-marias se alguma irmã me visse com aquela edição especial de dia das bruxas em mãos.

— Obrigada, seu José! — agradeci, enfiando a revista, ainda dentro do plástico, na mochila.

Daquele hábito quinzenal, guardo a saudade da sensação de abrir a embalagem de uma edição novinha, ainda com cheiro de papel recém-impresso e intocado. Esperar quinze dias para saber o que minhas celebridades favoritas tinham feito — porque os programas de fofoca mal se interessavam por elas —, ler meu horóscopo, a crônica na última página e a coluna sobre sexo que falava coisas que minha mãe jamais me diria: era um ritual gostoso, que me enchia de expectativa.

Ao chegar à escola, vi que não fui a única a ter comprado a edição nova. Tirei a revista da mochila e rasguei o plástico, jogando-o na lixeira mais próxima. Duas meninas do segundo ano liam a revista perto do chafariz, cochichando uma com a outra. Eu estava prestes a abrir a minha quando o sinal tocou e Melissa, minha melhor amiga, passou por mim, me puxando pela mão.

— Você não sabe o que aconteceu... — disse ela.

Essas palavras eram sempre a chave para o meu cérebro desligar. Enquanto caminhávamos até a sala de aula, ouvi meio por alto a história sobre o

último menino que ela beijou e que com certeza era o grande amor de sua vida. Os dramas amorosos de Melissa me cansavam um pouco, mas eram um preço pequeno a pagar por sua amizade. Estudávamos juntas há tantos anos que não conseguia imaginar como seria nossa vida quando a escola acabasse, em poucos meses.

Melissa queria ser jornalista. Assim como eu, era viciada na *Superteens* e, no fundo, era por isso que tinha escolhido a profissão. Se alguém dissesse aquilo, ela se faria de ofendida e diria que não, que se imaginava cobrindo guerras civis em países distantes, mas todo mundo sabia que sua motivação tinha surgido com a ideia de entrevistar famosos e ir a shows e sessões de cinema de graça.

Já eu não estava tão certa do futuro, mas o curso de economia era a minha opção porque parecia viável e próximo, algo que agradaria meus pais. A ideia não era muito animadora, mas era tudo o que tinha em mãos.

— ... então é isso, a gente deve ir ao cinema amanhã — concluiu.

Melissa jogou a mochila ao lado da carteira e se sentou. Nós sempre escolhíamos o mesmo lugar: coladas à parede direita, no meio da fileira.

— Que bom — respondi, sentando-me atrás dela.

Melissa se virou e disse:

— Você não ouviu uma palavra do que eu disse, não é mesmo?

— É que eu estava aqui pensando... que vou sentir falta até de você reclamando de seus romances no ano que vem!

Melissa fez uma careta.

— Não pense nisso agora, nossa amizade é pra sempre.

Eu sorri em resposta e ela sorriu de volta. Não tive tempo de pensar em muito mais, porque a professora de física entrou em sala e Melissa se virou para prestar atenção. Eu, por outro lado, peguei minha revista de dentro da mochila e a encaixei com cuidado dentro da apostila.

De onde a professora estava, ela veria uma aluna superconcentrada no material didático, mas na verdade eu só estava fazendo um teste para descobrir em qual comédia romântica eu viveria.

Eu tinha um repertório imenso de comédias românticas porque Melissa me obrigava a assistir a todas. Quando contei as respostas, conferi o resultado.

“Você viveria em *Imagine eu e você!*”

Recontei uma a uma. Era isso mesmo. Sem querer pensar muito no assunto, virei a página rapidamente.

Foi aí que dei de cara com o anúncio.

Li a página inteira, os tons de roxo, laranja e preto dançando diante dos meus olhos. E toda a saudade que eu sentia daquele lugar voltou de uma só vez.

— Psiu — chamei baixinho, esperando que Melissa me notasse. — Ei, Mel!

Ela permaneceu imóvel. A professora parou o que estava fazendo e olhou em minha direção, mas não esboçou nenhuma bronca. Eu me aprumei e esperei alguns segundos até que ela voltasse à sua fala e desviasse a atenção de mim.

Peguei um post-it no meu estojo e escrevi:

Olha esse anúncio!

Colei o papel rosa-choque na página, com a pontinha para fora. Acho que o hábito de trocar bilhetinhos em sala se perdeu assim como o de ler revistas, mas era a comunicação mais efetiva durante as aulas. Enrolei a revista como um canudo e cutuquei o quadril de Melissa com ela.

— O que foi? — perguntou num muxoxo.

— Só pega — respondi, passando a revista para ela com cuidado.

Melissa esperou a professora se virar para a lousa e abriu. Ela leu o anúncio e a vi rabiscar uma resposta no post-it. Minha amiga me devolveu apenas o papel rosa e guardou a revista debaixo do fichário, por precaução. Lá se foi minha distração até a hora do intervalo...

Não vou nesse parque nem se você me pagar, era o que tinha escrito em resposta.

Murchei na cadeira.

Tinha mostrado a ela uma propaganda do Mundo da Aventura, que faria uma programação temática de Halloween durante o mês.

Não sabia como o parque ainda tinha dinheiro para anúncios. Da última vez que ouvi falar sobre ele, soube que andava mal das pernas, afundado em dívidas e com alguns brinquedos fechados. Mas, se podiam pagar uma página inteira na *Superteens*, talvez a situação estivesse melhorando.

Quando a aula acabou, resgatei minha revista e tentei convencer Melissa no caminho até a cantina.

— Qual foi a última vez que você me viu empolgada com alguma coisa?

— Quando saiu o trailer do novo *Velozes e Furiosos* — respondeu.

— Está vendo? Isso é tão importante quanto *Velozes e Furiosos*! — rebati. — E você sabe que nada na minha vida é maior do que *Velozes e Furiosos*.

— Eu não sei como você não tem vergonha de admitir isso.

Dei de ombros. *Velozes e Furiosos* era uma obra-prima que só seria reconhecida de verdade no futuro.

— Você sabe que eu não sou muito fã de parques de diversão — prosseguiu.

— Mel, você comemorou seus quinze anos na Disney.

— Disney é Disney, né? Eu fui pra tirar fotos com as princesas.

— Eu não sei como você não tem vergonha de admitir isso — rebati.

Ela ignorou meu comentário.

— Além do mais, a Disney não estava caindo aos pedaços.

— Sabe por que a magia da Disney continua viva? Por que as pessoas vão lá! Não podemos deixar o Mundo da Aventura morrer — falei, com um pouco mais de paixão do que pretendia.

— Antes o parque morrer do que eu — respondeu. — Não foi lá que o cara caiu da montanha-russa?

— Ele não morreu, só quebrou a perna em três lugares — respondi prontamente.

Melissa me olhou com horror, pronta para fazer uma objeção. Eu a impedi.

— Por favor, Mel. — Encarei minha melhor amiga com meu melhor olhar de súplica. — Você sabe o quanto esse parque é importante para mim. Queria muito que fosse comigo.

Algumas das minhas melhores lembranças da infância e da pré-adolescência estavam atreladas ao parque. Meus tios moravam em um condomínio na Barra da Tijuca, não muito longe do Mundo da Aventura. Era comum que minha mãe me levasse para passar o dia no parque com meus primos, ou que meus tios fossem conosco durante as férias quando ficavam sem opção de lazer.

Só de falar no parque, sentia o gosto de açúcar derretendo na ponta da língua. Minha memória tinha sabor de algodão-doce e cheiro de amendoim caramelizado.

Foi no alto da roda-gigante que dei meu primeiro beijo, um selinho tão rápido que nem tinha certeza se era possível considerar meu primeiro beijo oficial. Foi em uma barraca de tiro ao alvo, no mesmo dia, que ganhei o urso de pelúcia antigo que ainda guardava em meu quarto e ninguém entendia por quê. Foi no trem-fantasma que torci o pé, ao tentar sair correndo do carrinho.

O parque era parte da minha história, um depósito de lembranças que me enchiam de nostalgia, medo, alegria e esperança. E, se as notícias fossem verdade, ele não ficaria de pé por muito tempo.

Melissa suspirou, levemente irritada.

— Certo, mas eu não vou ao Queda Livre de jeito nenhum — disse.

— Por quê?

— Porque ouvi dizer que uma pessoa gritou na hora da descida e, com a pressão, mordeu a língua. Aí a língua caiu lá em baixo, no chão! Eu não quero perder a língua.

— Olha, se você perdesse a língua não seria nada mal...

E, depois de levar um tapa no ombro, foi assim que convenci minha melhor amiga a me acompanhar em uma viagem no tempo.

— Não dá, nesse dia eu tenho que trabalhar — disse meu pai quando pedi que me levasse ao parque.

— Aquele lugar ainda existe? — perguntou minha mãe.

Eu não sabia que seria tão difícil convencer os dois que ir ao Mundo da Aventura era tão importante para a Rebeca de dezessete anos quanto foi pra de doze.

— Você já foi lá várias vezes, Rebeca — argumentou papai. — E sei lá, seus tios disseram que o lugar tá meio abandonado. Não é bom, né?

— Eu não dirijo na Barra — disse mamãe. — Muito longe, fico perdida naquele trânsito, odeio pegar a Linha Amarela...

Guardei toda a minha frustração e fui batendo pé até meu quarto. Era mais um item na lista de coisas que eu sentia saudade: a presença dos meus pais. Se fosse antes, eles não só concordariam com a ideia, como se ofereceriam para me fazer companhia.

Minha mãe tinha me dado lições importantes de coragem naquele parque. Ela segurou minha mão quando brincamos pela primeira vez no navio-pirata, me disse que não precisava temer os monstros na casa mal-assombrada e me fez companhia quando gritei sem parar na primeira vez em que andei de montanha-russa. Agora aquelas lembranças eram tão opacas quanto fotos expostas à luz do sol por muito tempo. Aliás, as fotos eram a única coisa que restava. Com os anos e os problemas da vida, nos distanciamos cada vez mais. Sentia saudades de ter minha mãe como uma das minhas melhores amigas.

Liguei o computador e esperei o MSN iniciar.

— Pode comemorar, Mel, não vamos mais ao parque — murmurei para mim mesma, chateada.

A janela abriu e procurei minha melhor amiga entre os contatos, mas ela não estava on-line. Comecei a digitar uma mensagem, torcendo para que Melissa só estivesse invisível, mas online, quando outra janela de conversa se expandiu.

Era Sabrina, uma de nossas colegas de sala.

Sabrina: Oi!

Olhei para os lados, como se temesse ser flagrada por uma câmera escondida.

Rebeca: Oi :)

Acrescentei a carinha ao final tentando soar simpática, porque não sabia muito bem como agir ao lado da Sabrina. Ela e Melissa nunca se bicaram, sempre discutiam por coisas bobas e eu não tinha muita paciência para aquela implicância infantil. Minha melhor amiga dizia apenas que o santo das duas não batia e, como não era bom contrariar alguém que claramente tem um parafuso a menos, simplesmente não mantinha muito contato com Sabrina.

Sabrina: Vc já tem dupla pro trabalho de Geografia?

Rebeca: Ainda não! A Mel vai fazer esse com o Mateus.

Mateus também era um dos meus melhores amigos — e motivo principal da implicância entre Melissa e Sabrina. A menina ficava com ele às vezes, mas Melissa dizia que seu amigo merecia coisa melhor. Era tão óbvio e ridículo, não sei como ela se recusava a enxergar o *verdadeiro* problema.

Sabrina demorou uns segundos para responder, então pensei que tinha dado a resposta errada citando os dois. Mas logo apareceu na tela que Sabrina estava digitando.

Sabrina: Quer fazer comigo?

Rebeca: Pode ser! Vamos marcar um dia na biblioteca?

Sabrina: Que tal dia 31? É um sábado que a gente não tem aula, mas a biblioteca está aberta.

Refleti por um segundo. Dia 31 era dia das bruxas, quando eu planejava ir ao parque — além de ser o único sábado que teria livre, era o último dia do mês temático e o Mundo da Aventura tinha planejado uma atração especial à noite.

Meus pais ainda podiam mudar de ideia...

Rebeca: Não sei...

Sabrina: Vc tem compromisso?

Rebeca: Acho que vou ao Mundo da Aventura

Sabrina: Nossa, esse parque ainda existe?

Rebeca: Existe! E vai ter programação especial de Halloween... mas tô vendo ainda se vou.

Sabrina: vc vai sozinha?

Rebeca: tinha chamado a Mel pra ir comigo

Sabrina: Ah...

Rebeca: Quer ir também?

Sabrina: Ah, a Mel não vai gostar.

Rebeca: Que nada, ela gosta de você!

Sabrina: conta outra...

Rebeca: Ok, talvez ela não seja sua maior fã, mas tanto faz. Sou eu que tô chamando!

Sabrina: Acho que vc tá querendo alguma coisa de mim!

Rebeca: Quem me chamou na janela pra pedir pra fazer dupla pro trabalho foi você... mas já que tocou no assunto: será que seus pais não podem dar carona pra gente?

E, por acaso, enfiei minha melhor amiga e sua archi-inimiga juntas num parque de diversões.

Não contei para Melissa quem nos daria carona até o parque, mas não era como se ela tivesse perguntado.

No dia 31, ela apareceu no meu prédio vestindo uma camiseta da Grifinória, tênis e calça jeans. Os cabelos lisos, que sempre estavam soltos, foram presos em um rabo-de-cavalo bem firme.

— O que é isso? — perguntei.

— O rabo-de-cavalo? Não quero que meu cabelo prenda num brinquedo e eu fique careca — respondeu.

Eu fiz uma careta de incompreensão.

— Hein? Não... isso é possível? — Quis saber, atormentada por aquela imagem mental. Imaginei alguém pendurado em uma montanha-russa pelo cabelo. Afastei a ideia. — Nossa, não, eu estava falando da camiseta.

Melissa olhou para baixo, como se só então lembrasse o que vestia.

— Ah, isso... é dia das bruxas, ué. Eu achei que deveria entrar no clima — respondeu.

Eu a puxei para dentro do apartamento e fechei a porta.

— O que eu fiz para merecer uma melhor amiga da Grifinória? — perguntei aos céus.

— O Harry Potter é da Grifinória.

— Exatamente.

— Cadê sua mãe? — perguntou Melissa, se jogando no sofá.

— Foi comprar doces. Travessuras ou gostosuras.

— Fazem isso no seu prédio? — quis saber, em tom de julgamento.

— Desde o ano passado.

Eu também não entendia muito o *conceito* de reproduzir um hábito norte-

americano, ainda mais no país que comemorava o dia de Cosme e Damião, mas quem era eu para julgar? Estava ansiosa para festejar o dia das bruxas em um parque de diversões. E, além de tudo, doces nunca eram demais.

— E seu pai?

— Trabalhando — respondi.

— Ué, a gente vai como? — Melissa quis saber.

— Arrumei uma carona.

Isso não era uma pergunta direta, era?

Antes que a conversa pudesse se estender, o interfone tocou.

— Nossa carona chegou — avisei.

Olhei pela janela, observando o carro estacionado em frente ao prédio. Era a hora da verdade. Eu esperava continuar viva até o fim do dia.

Melissa congelou na portaria quando viu Sabrina encostada na porta do carro, vestindo uma camiseta quase igual à dela, mas com uma diferença: tinha as cores e o brasão da Sonserina.

Ai.

— O que é isso, Rebeca? — sussurrou.

— Nossa carona — respondi, dando um risinho nervoso.

Eu continuei a andar, mas ela não saiu do lugar.

— Eu não vou entrar no carro dela!

— Melissa, pelo amor de Deus.

— Pode me dizer como você chamou essa menina pra ir com a gente ao parque e não chamou o Mateus? — disse, referindo-se ao nosso amigo.

Eu tinha até comentado, por alto, para ver se não queria nos acompanhar, mas ele descartou na mesma hora. Mateus estava obcecado com o vestibular, não tinha um segundo de descanso. No aniversário da Melissa, até conseguimos convencê-lo a ir comemorar, mas ele teve a audácia de levar livros e cadernos para um churrasco! Ainda bem que medicina nem passou pela minha cabeça, as pessoas ficavam meio loucas...

— O Mateus não sai da toca por nada nesse ano, você sabe disso. E os pais dele não dariam carona pra gente.

— E desde quando você e a Sabrina são amigas?

Melissa não era muito boa em fazer amigos. Mateus e eu éramos parte principal da vida dela, que até tinha um colega ou outro, mas não era muito apegada a outras pessoas nem se dava ao trabalho de tentar novas amizades. Às vezes, me perguntava o que seria da minha melhor amiga no ano seguinte. Não

conseguia imaginá-la se aproximando de muitas pessoas na faculdade — e Mateus e eu seguiríamos caminhos diferentes dos dela.

— Nós vamos fazer o trabalho de geografia juntas — falei.

Minha vontade foi completar a fala com “porque você escolheu fazer com o Mateus e nem me perguntou se eu tinha com quem fazer”, mas me contive. Ao menos eu sabia disfarçar o ciúme que sentia dos meus amigos!

— Então vai lá com a sua amiguinha... ela é até sonserina!

Bufei, cansada daquele ciúme bobo. A impressão que ficava em certos momentos era que ela estava muito preocupada vendo as outras garotas como possíveis vilãs em seu conto de fadas, sempre à procura de um final feliz.

Sabrina observava a cena de longe. O desentendimento entre as duas era antigo o suficiente para ter ideia da nossa conversa, mas isso não parecia deixá-la abalada. Continuava com a mesma expressão impassível.

— Mel, você precisa deixar sua implicância de lado — respondi. — Um dia só, ninguém vai morrer por isso. Por mim.

A situação já beirava o ridículo. Melissa suspirou, resignada, deu uma olhada para o carro, com o pisca-alerta ligado, e para Sabrina, que permanecia de pé ao lado do veículo, esperando a boa vontade da minha amiga.

Sem me dirigir a palavra, Melissa seguiu pisando duro até o carro, murmurou um bom-dia entre os dentes e abriu a porta, mas parou antes de entrar.

Eu vinha logo atrás. Olhei para dentro do veículo, tentando entender o motivo da pausa.

Havia uma menina no banco traseiro. Ela se virou para nós duas e sorriu, mas o sorriso murchou assim que nossos olhares se encontraram.

— Rebeca, Melissa, essa é a Paula, minha prima. Espero que não se importem que ela vá com a gente.

Eu sabia quem era a Paula. Afinal de contas, era difícil esquecer a pessoa em quem você tinha dado seu primeiro beijo, no topo de uma roda-gigante.

Meu primeiro beijo era um segredo muito bem guardado.

A história que todo mundo sabia era a seguinte: a primeira pessoa que beijei foi o Lucas, na festa de quinze anos de uma das nossas colegas de sala. Namoramos durante o primeiro ano e eu ainda tinha sentimentos por ele, que volta e meia eram revisitados meio sem querer.

O beijo na pista de dança teve direito a língua e mão boba. Durou mais que um segundo. Eu estava cercada por pessoas que conhecia, que sabiam dos meus sentimentos por ele, que notavam os olhares que lançava entre as aulas ou

como minhas mãos tremiam sempre que ele me pedia um lápis emprestado.

Era algo que todo mundo conseguia entender, inclusive eu. Parecia real, palpável. Já o beijo na roda-gigante, nem tanto.

Era difícil encontrar uma palavra para entender o que estava acontecendo comigo, porque ninguém parecia disposto a falar sobre isso. Quando minhas colegas sabiam de alguma história parecida, faziam uma careta, como se fosse algo de outro mundo. Eu me encolhia, sem entender muito bem o que tinha acontecido comigo. Eu tentava me afastar o máximo possível daquela história.

Era mais fácil esconder e fingir que nunca aconteceu. Que não passei as férias inteiras olhando para a vizinha do meu primo. Que não passei tempo demais me ajeitando em frente ao espelho quando descia para conversar no *play* do condomínio. Que não senti minhas pernas bambas quando vi que ela ia conosco ao parque de diversões. Que não corei quando ela ganhou um urso de pelúcia no tiro ao alvo e me entregou, dando de ombros, dizendo que não podia ficar porque tinha alergia. Que não senti um frio na barriga assim que os meninos nos deixaram sozinhas para ir à montanha-russa e ela sugeriu que fôssemos à roda-gigante.

Mas foi só sentar ao lado dela no banco traseiro do carro para sentir as lembranças escapando das gavetas que, pensava eu, estavam trancadas. Sentir a presença de Paula tão perto era como voltar alguns anos no tempo.

Quando a mãe da Sabrina deu uma freada brusca para não ultrapassar o sinal, meu corpo lembrou do tranco da roda-gigante ao parar no topo.

Era quase como sentir o tempo se desdobrar, a memória voltando com tudo. A sensação da mão quente em minha coxa, sua voz dizendo num sussurro:

— Calma, é normal.

Eu sabia exatamente a qual normalidade ela se referia, mas as palavras tinham um duplo sentido.

Era normal aquele frio na barriga?

Em minhas lembranças, eu segurava sua mão. E então a olhava por alguns segundos, de um jeito que continuava sem saber explicar muito bem.

— Estou com medo — falei.

Sentia medo da altura, medo do mundo abaixo de nós, medo do que estava sentindo, porque eu não entendia o que estava acontecendo comigo.

— Tudo bem — disse ela, e se inclinou.

Foi um leve toque, quente e suave, rápido e fugaz. E durante um tempo tentei me convencer que sua intenção foi me dar um beijo na bochecha para me tranquilizar. Que nossos lábios se tocaram por um milésimo de segundo apenas por engano.

— Desculpa... — disse ela, e soltamos a mão na mesma hora.

Olhamos para lados opostos, tentando nos evitar. Eu não sabia pelo que ela estava se desculpando, mas o constrangimento pairou sobre nós, pesado, como uma barreira que nos dividia no assento tão estreito do brinquedo.

Quando colocamos os pés no chão, foi como deixar de flutuar. A terra firme tinha sons de realidade, não era silencioso como no alto da roda-gigante, onde eu jurava que Paula seria capaz de ouvir meus pensamentos. Entre gritos de crianças, murmurinhos, o barulho das engrenagens e o cheiro característico de pipoca que parecia estar em todo lugar, decidi que aquele era um episódio atípico e que deveria ser deixado de lado.

Não trocamos uma só palavra no restante da noite e mantivemos uma distância segura quando encontramos o restante do grupo.

No dia seguinte, voltei para casa. Quando visitei meus primos pouco depois, descobri que ela tinha se mudado. E achei que era isso — um pequeno erro de cálculo, nada que valesse a pena ser mencionado. Porque, afinal de contas, eu tinha sentimentos fortes por meninos, já tinha sentido aquele frio na barriga por alguns garotos e era isso. Só isso. Um ponto fora da curva.

Mas o cheiro de pipoca sempre me lembrava daquela noite.

E agora ela estava ali, no mesmo carro que eu, indo para o parque onde tudo começou. Olhei de soslaio. Paula parecia concentrada demais no que via pela janela, preocupada demais em olhar para o lado.

Pela expressão corporal dela e por minha reação, entendi que nunca foi um erro de cálculo. Nós duas sabíamos, lá no fundo, o que tinha acontecido.

Ninguém soltou um pio durante o trajeto, o silêncio nunca me perturbou tanto. Quando cruzamos o portal que dizia BEM-VINDOS AO MUNDO DA AVENTURA, foi como voltar para casa depois de uma longa e cansativa viagem.

Mas a casa não se parecia mais com a das minhas lembranças.

Para começar, a placa de boas-vindas estava quebrada. Metade da letra “O” da palavra “mundo” havia caído e o último “A” estava um pouco torto.

O estacionamento, que antes vivia lotado, tinha poucos carros e um ou outro ônibus de excursão. Não deu trabalho algum encontrar uma vaga.

— Bom, chegamos — anunciou Tânia, mãe da Sabrina. — Eu vinha tanto aqui quando era mais nova!

— Você nunca me trouxe aqui — reclamou Sabrina.

— Foi antes de você nascer — disse ela, dando de ombros, como se evocasse uma memória muito antiga. — Vou na frente comprar os ingressos, podem se ajeitar com calma — completou, descendo do carro.

Sabrina desceu atrás da mãe, dando uma corridinha para alcançá-la. Paula saiu do veículo, mas não acompanhou a tia e a prima.

Ao saltar do carro, Melissa parecia um animalzinho assustado preso por muito tempo em uma jaula — ela permaneceu ao lado do automóvel, contida, como se esperasse instruções.

— Está tudo bem? — perguntei, ao lado dela. Ela assentiu.

Olhei para a fachada, admirando-a, tentando comparar a realidade velha e desbotada às minhas memórias vívidas da infância e início da adolescência.

A voz de Paula soou atrás de mim:

— Parece um pouco diferente, né?

— Acho que é pra combinar com o clima de Halloween — respondi.

Tinham pendurado uma caveira na entrada, mas o restante não parecia proposital. As grades do portão estavam um pouco enferrujadas e uma das bilheterias estava fechada, com o vidro de proteção trincado.

— Hoje tem até gente voltando dos mortos — disse ela, dando uma risadinha amarga.

Encarei Paula, que não parecia muito diferente de quando tinha treze anos. Seus cabelos crespos haviam crescido um pouco mais, mas ela continuava muito alta, gordinha, seus lábios grossos e escuros desenhados com perfeição. Mas havia algo além — ela parecia saber quem era e isso me intimidava.

Ao mesmo tempo, dissemos:

— Não sabia que você era prima da Sabrina.

— Não sabia que você era amiga da minha prima.

Não tinha como adivinhar, é claro. Quem poderia prever? Paula costumava existir apenas nos limites da Barra da Tijuca, entre o parque e o condomínio. Acho que, nas férias, costumávamos nos esquecer de nossas origens — quem somos, de onde viemos, para onde estamos indo — e apenas aproveitávamos o momento. Nunca soube muito sobre ela, era um pedaço da minha vida encapsulado entre brinquedos de parques de diversão e o *play* do prédio dos meus primos. Sua presença foi fugaz, ela sumiu de vista tão rápido quanto apareceu.

E, de repente, estava ali mais uma vez, ligada a uma pessoa que estudava no mesmo colégio que eu há anos. Era estranho perceber o quanto o mundo era um ovo.

Paula ia dizer mais alguma coisa, mas a mãe da Sabrina gritou, sacudindo as pulseiras de livre acesso aos brinquedos no ar:

— Ei, meninas, vamos! — apressou Tânia.

Paula tomou a dianteira e foi até a família, me deixando para trás. Melissa caminhou ao meu lado, mais devagar, e perguntou:

— Vocês pareciam se conhecer — afirmou. — De onde?

— Ela morou no prédio do meu tio — respondi.

Era uma meia-verdade, mas era melhor guardar os detalhes de toda aquela confusão para mim — ao menos até entender o que estava sentindo.

— Meninas, eu não vou ficar — disse Tânia, quando nós quatro nos reunimos ao seu redor. — Volto à noite para buscar vocês. Vou aproveitar para ir à casa de uma amiga aqui perto que não vejo há tempos e talvez dê uma passada no shopping. Qualquer coisa, é só me ligar.

Ela nos ajudou a colocar as pulseiras e estalou um beijo na bochecha de cada uma, mesmo que tivesse conhecido Melissa e eu apenas durante a viagem de carro.

— Se cuidem, hein? Eu coloquei protetor solar na sua bolsa, Sabrina, não vai ficar toda ardida que nem um tomate depois — comentou.

Sabrina, que já era branquela, deixou os fios loiros caírem sobre o rosto para esconder as bochechas pegando fogo.

— Mãe... — gemeu.

— Escondi a maçã no fundo da sua bolsa — sussurrou Tânia para Paula. — Só tem porcaria para comer lá dentro.

— Obrigada, tia — agradeceu Paula, mas sua expressão não era das melhores.

— Tem que comer direito, menina. Só fica se entupindo de comida ruim, assim não vai conseguir emagrecer...

— Chega, mãe — cortou Sabrina, antes que a mãe terminasse a frase.

Senti Paula soltar o ar, aliviada. E também percebi, naquele instante, o apoio e o amor entre as primas, cúmplices que sabiam a hora de vir em socorro uma da outra.

Quando Tânia terminou sua palestra e distribuiu mais uma rodada de beijos, foi embora.

Sabrina e Paula seguiram à frente para a entrada, Melissa e eu fomos logo atrás, a uma distância segura. Minha amiga enrolou o próprio rabo-de-cavalo num coque, secou a testa e se abanou com as mãos. Suas bochechas, sempre pálidas, tinham adquirido um tom rosado. Ela se virou para mim e disse:

— Você podia ter me contado.

Engasguei com minha própria saliva e comecei a tossir. Melissa deu um tapa nas minhas costas e, tentando encontrar as palavras, perguntei:

— Contado o quê?

— Da Sabrina, ué. Em que planeta você tá viajando?

— Sei lá, você pergunta as coisas do nada — respondi.

Senti uma gota de suor escorrer pelo meu pescoço. Não sabia se era pelo calor que fazia ou reflexo do meu nervosismo.

Esticamos a mão para o funcionário da entrada, que carimbou um globo-

terrestre estilizado nela. O símbolo de um parque que tinha marcado gerações.
Aquele seria um longo dia.

No passado, a alameda principal cheirava a algodão-doce. Agora ela parecia morta, com o chafariz central desligado, e a música ambiente ainda tentando trazer um pouco de vida àquele lugar que costumava pulsar.

— Meu Deus, isso daqui tá parecendo um cemitério — comentou Melissa.

Não queria dar o braço a torcer, mas de fato parecia. Quem dera fosse por conta da decoração do dia das bruxas — as vassouras, teias-de-aranha e abóbora tentavam, em vão, reavivar o lugar.

Ao fim da alameda, era possível ver o Queda Livre, um dos meus brinquedos favoritos e o pavor da minha melhor amiga.

— Vamos na lojinha de souvenir! — sugeriu Sabrina.

Ela convidou todas nós, mas seu olhar se demorou em Melissa. Ninguém precisava conhecê-la a fundo para saber que amava lembrancinhas e que aquela seria, provavelmente, a parte mais empolgante do passeio para quem não gostava de adrenalina.

Dei uma cotovelada nas costas da minha melhor amiga, incentivando-a a seguir em frente. Quando ela abriu a porta, um sininho soou.

Nas minhas memórias, um funcionário sorridente costumava aparecer, mostrando todas as novidades entre os brindes do Mundo da Aventura — materiais de papelaria, chaveiros, canecas que mudavam de cor dependendo da temperatura, cartelas de figurinhas, revistinhas —, mas ninguém veio nos recepcionar.

Boa parte das prateleiras estava vazia, com uma camiseta genérica aqui e uma plaquinha sem graça acolá. O vendedor atrás do balcão usava um boné nas cores do parque e uma maquiagem que eu não sabia se era seu visual diário ou se havia a intenção de deixá-lo parecido com um vampiro.

Nos dois casos, não funcionava.

Melissa bateu o olho pelas prateleiras, pegou uma caneca, mas logo a devolveu à estante, espirrando. Estava cheia de poeira.

— Parece que isso aqui não vê um espanador há séculos — reclamou Sabrina, evitando encostar nos itens expostos.

— Vamos embora — disse Melissa, pela primeira vez. Eu sabia que não seria a última.

Tentei entender se Paula tinha o mesmo sentimento que eu em relação a

tudo aquilo, mas quando me virei, ela estava muito concentrada em um mapa do parque.

— Um segundo, vou comprar isso aqui — falou, erguendo o mapa.

— Você conhece cada canto desse lugar — disse Sabrina.

— Por isso mesmo. Eu sempre tenho um mapa comigo — rebateu.

— Dinheiro ou cartão? — perguntou o rapaz do caixa, com a voz monótona.

Acho que éramos as primeiras — e provavelmente últimas — clientes do dia.

— Dinheiro.

— Ih, moça, não tenho troco — rebateu ele, ao ver a nota de cinquenta na mão de Paula.

Peguei outro mapa e fui até o caixa.

— Bate junto. É no débito — falei. Paula ia abrir a boca para um protesto, mas respondi: — Depois você me paga outra coisa. Eu também gosto de guardar os mapas.

Nós quatro saímos da loja prontas para encarar o parque. Do lado de fora, os postes estavam decorados com bandeirinhas em tons de roxo, laranja e preto, para dar o tom de dia das bruxas, mas o parque carregava o clima de abandono consigo. Ele, por si só, já parecia algo perdido no tempo, uma velha casa abandonada prestes a desmoronar.

— Deu saudades da pipoca — disse Paula.

— Estava pensando nisso agora — respondi.

Melissa e Sabrina nos olharam.

— Quando eu era criança, esse lugar parecia muito mais legal — comentou Sabrina.

— Mas você não disse que tia Tânia nunca te trouxe? — quis saber Paula, estranhando.

— Vim com o colégio — respondeu, dando de ombros.

— Crianças ficam admiradas com pouco — respondeu Melissa, com seu desdém por parques de diversão (e pela Sabrina) na ponta da língua.

Paula revirou os olhos. Ao ver a expressão da prima, Sabrina prendeu o riso. Ela estava se esforçando para não discutir com Melissa e eu achava a atitude louvável. Desde o início do dia, eu mesma precisei me conter algumas vezes para não dar uma resposta atravessada. Melissa ficava insuportável com ciúmes.

— Por que você veio? — perguntou Paula, com uma curiosidade genuína.

— Porque eu gosto de deixar minha amiga feliz — disse Melissa,

prontamente.

— Então tente aproveitar um pouquinho mais, tenho certeza que isso basta.

Melissa nada disse, ela parecia ter perdido as palavras — algo raro para ela, que odiava não ter uma resposta pronta.

Eu olhei para Paula, realmente olhei para ela, e então sorri. E aí ela sorriu de volta.

Depois de levar uma bronca, Melissa tentou ser mais agradável. Paramos em frente ao Queda Livre, nosso primeiro brinquedo, e ela estendeu os braços, dizendo:

— Podem me fazer de guarda-volumes.

Ao ver o estado do parque, cogitei fazer companhia à Melissa. O Mundo da Aventura não se parecia mais com aquele das minhas lembranças, e comecei a temer despencar lá do alto. Mas a ideia do passeio tinha sido minha e aquela poderia ser minha última vez em cada um daqueles brinquedos.

Joguei minhas coisas no colo da minha melhor amiga e acompanhei Paula e Sabrina.

Quando o operador do brinquedo desceu a trava de segurança, ignorei todo o resto — minha melhor amiga emburrada, o parque caquético e a presença daquela menina que fazia os pelos da minha nuca eriçarem. Eu senti o peso da trava contra o meu corpo, o frio na barriga durante a subida do carrinho em linha reta e meus pés balançando no vazio.

Minhas mãos se agarravam ao brinquedo com força e, do alto, pude ver o mundo que fez tanta parte de mim enquanto o primeiro estalo soava. Seriam três estalos, três segundos para me desligar de tudo e olhar de cima o parque que tanto amei. E que parecia trazer minhas dúvidas de volta, tempos depois.

De onde estava, via o castelo no meio do parque, desativado há tempos. Segundo estalo. O que antes tinha sido um restaurante agora era apenas um elefante branco de pintura descascada, cercado pelas águas turvas do lago artificial e pelo mato alto que não era aparado há tempos. A ponte que permitia que os visitantes fossem até lá estava interditada.

Então, veio o último estalo. Não reparei em mais nada. O carrinho descia rápido, meu corpo sentia toda a pressão, e da minha garganta saía um grito longo que só se calou quando o brinquedo desacelerou antes de encostar no chão.

De vez em quando, era bom estar em queda livre.

De todos os brinquedos, Melissa só quis entrar no carrinho de bate-bate.

— Mas você não vai aproveitar nada e ficar só carregando nossas coisas? — perguntou Sabrina.

Não havia julgamento em sua voz — na verdade, ela soava quase decepcionada ao ver que uma de nós não estava se divertindo tanto. Melissa deu de ombros.

— Eu já tinha dito à Beca que não gosto muito dessas coisas — respondeu ela.

Estávamos sentadas em frente a uma lanchonete, cansadas depois de Melissa bater com seu carrinho repetidas vezes em cada uma de nós. Havia outros grupos de adolescentes barulhentos à nossa volta — e muitas, muitas abelhas tentando mergulhar nos copos de refrigerante, seus zumbidos se sobrepondo à trilha sonora do parque.

— Que pena — comentou Sabrina, dando um gole em sua bebida.

— Minha ex também não gostava — disse Paula, com uma naturalidade que me fez cuspir refrigerante pelo nariz.

Paula nem se abalou. Sabrina também parecia completamente acostumada àquilo. Melissa, por outro lado, arregalou os olhos e disse:

— Seu ex?

Algo no tom dela fez meu coração se apertar. Era surpresa e um pouco de... incômodo? Ela tinha trocado o pronome, como se tentasse consertar o que Paula disse e se certificar que tinha entendido errado.

Paula me olhou, ergueu uma sobrancelha e disse:

— Hm, não. Minha ex-namorada. A Carol. Ela odiava parques de diversão. Sempre vomitava em montanha-russa.

— Eca, Paula, eu tô comendo — resmungou Sabrina, muito mais abalada pela menção à vômito do que pela existência de uma ex-namorada.

Eu permaneci quieta, tentando entender aquele sentimento sufocado em minha garganta. Não era sobre a Paula, mas tinha a ver com ela. Encostei os dedos nos lábios, por reflexo. *Ela sabia o que estava fazendo*, pensei. Será que me isentava de ter repassado aquele instante tantas vezes na minha cabeça ao longo dos anos? Será que redimia a culpa que sentia sempre que escondia aquela parte da minha vida, como se eu soubesse que estava disfarçando algo pequeno, mas que foi muito grande?

— Vocês namoraram por muito tempo? — perguntou Melissa, colocando a mão no queixo, pronta para ouvir.

Ela parecia ter se recuperado do choque e agora estava muito mais preocupada em conhecer mais uma história de amor. Típico.

— Por uns quatro meses — respondeu. — Pouco tempo.

Melissa murmurou um “uau”, porque nenhum dos seus relacionamentos tinha durado tanto quanto aquele.

Entre uma mordida e outra no hambúrguer, ela queria saber um pouco de tudo. Como elas tinham se conhecido, se alguém da família dela — além da Sabrina — sabia e quando Paula se deu conta de que gostava de meninas.

— Mel, pare de ser intrometida — reclamei.

— Só fiquei curiosa — respondeu, na defensiva.

E, por mais que estivesse levemente curiosa para saber as respostas, aquele tema me incomodava.

— A gente se conheceu no colégio — disse Paula, brevemente. — Minha mãe conheceu a Carol, ela sabia, mas não nunca tocou muito no assunto — continuou. — E sobre a última parte... eu sempre soube, acho que só não me dei conta.

As palavras ecoaram na minha cabeça. “Eu sempre soube, acho que só não me dei conta”. Elas diziam tanta coisa.

— Legal — respondeu Melissa, e voltou ao próprio sanduíche como se nada tivesse acontecido.

Como se, com aquelas perguntas, ela não tivesse feito uma bagunça na minha cabeça.

Doce de abóbora com coco era uma das maravilhas da culinária brasileira. Doce de abóbora com coco e chocolate deveria ser algo tombado como patrimônio gastronômico da humanidade.

Comprei três em uma barraquinha antes de voltarmos aos brinquedos. Ofereci a Melissa sem pensar, que mordeu e engoliu na mesma hora.

— Ah, droga! *Tem chocolate nesse negócio!* — gritei. — Cospe, Melissa!

— Rebeca, *eu não acredito* — disse minha amiga, cuspendo no chão. — Você sabe que eu não posso!

Sabrina e Paula nos olharam sem entender o que estava acontecendo.

— Eu já — *cospe* — engoli — *cospe* — essa — *cospe* — porcaria!

— Mel é alérgica — expliquei rapidamente.

— Vamos pra enfermaria! — exclamou Sabrina, puxando-a pela mão.

— Não — reclamou. — Não quero atrapalhar o dia de vocês. Vamos torcer pra não dar em nada.

— Mas e se você tiver um choque anafilático? — perguntou Sabrina,

preocupada.

— Isso não acontece — respondeu.

— Ela só tem dor de barriga — falei, só então me dando conta que o nervosismo tinha me feito dizer aquilo em voz alta.

Melissa me fuzilou com o olhar.

— Tem certeza que está tudo bem? — Paula quis se certificar.

— Tenho — respondeu minha melhor amiga, constrangida. — Vai ficar tudo bem.

Não ficou tudo bem.

Paula e eu queríamos muito ir a um brinquedo, mas éramos as únicas.

— Topo tudo, menos ficar de cabeça para baixo — protestou Sabrina.

Olhei para Melissa, que sentou no chão próximo à fila do brinquedo.

— Você está bem? — quis saber.

— Estou. Acho — respondeu. — Já vai passar, vai lá.

— Tudo bem se for só a gente? — perguntei a Paula, atropelando as palavras, um pouco ansiosa pela resposta.

Ela simplesmente deu de ombros.

Deixamos as duas para trás; Sabrina ajeitando o cabelo e Melissa apertando a própria garrafa d'água com força.

— Será que ela tá passando mal? — Paula me perguntou. Já estávamos na fila, que andava rápido.

— Não sei — falei. — Esqueci de avisar que tinha chocolate.

— Que saco, né? — comentou. — Eu amo chocolate, não consigo imaginar não poder comer.

Enquanto eu parecia prestes a explodir por dentro, ela puxava assunto com uma naturalidade tão grande que chegava a me assustar. Apenas balancei a cabeça, concordando. Não tinha muito o que dizer e fiquei feliz quando um funcionário fez sinal para entrarmos no brinquedo.

Quando a estrutura virou e todo o meu sangue veio à cabeça, vi a cena: Melissa levantou, colocou a mão na barriga, e Sabrina se pôs de pé no mesmo instante. O brinquedo sacudiu de novo e as perdi de vista. Estava torcendo para Sabrina acompanhá-la até o banheiro.

Nada como dor de barriga para unir duas pessoas que não se davam muito bem.

Quando desci do brinquedo, ainda um pouco tonta, éramos só nós duas.

— Esperamos aqui? — perguntou.

Eu assenti. Desviei meu olhar, me concentrando na caveirinha de papel pendurada no poste. A decoração de dia das bruxas do meu prédio era mais bonita que aquela espalhada pelo lugar.

— Eu gostava muito daqui — falei.

— Eu vinha sempre, quando morava aqui perto.

— Onde você mora agora?

Minhas perguntas pareciam seguir um roteiro meio tímido. Tinha certeza que ela podia farejar meu desconforto.

— Fomos pra Cambonhas — disse. — A gente morou aqui na Barra pouco tempo, meu pai cansou logo, ficou com saudades de Niterói, aí voltamos.

— Ah, sim... — disse.

Tão perto esse tempo todo..., pensei.

— Achei que seria bom voltar, sabe? — perguntou.

Pisquei, confusa.

— Pro parque — esclareceu.

— Ah, sim — repeti. — Pensei a mesma coisa — completei, soltando o ar devagar.

Outra onda de silêncio nos cobriu. Eu tinha plena consciência da presença de Paula e isso era aterrorizante. Porque estar ali, ao lado dela, ainda por cima naquele parque, me fazia questionar quem eu era. Colocava para fora todas aquelas dúvidas que tinha enterrado lá no fundo e tentado não pensar a respeito.

Ia dizer alguma coisa — qualquer coisa — quando vi Melissa e Sabrina voltarem, juntas.

— Você está bem? — perguntei assim que minha melhor amiga se aproximou.

— Tive que ir ao banheiro.

— Acha que aguenta ficar mais?

— Eu falei que, se ela quiser, eu ligo pra minha mãe — disse Sabrina. — Não tem problema. Se eu tomar leite, fico igualzinha.

As duas tinham dado uma trégua. Dentro do parque, não havia espaço para a pequena rixa que tinham criado entre si por causa de Mateus, que àquela altura provavelmente estava com a cara enfiada nos livros, sem ter a menor ideia do que estávamos fazendo. Aquilo me deixava feliz, mesmo que a bandeira branca só ficasse erguida por algumas horas.

— Não precisa — garantiu Melissa. — Já estou melhor. Só me avisa sobre o chocolate da próxima.

— Sabe o que eu acho? — perguntou Paula. — Que a Melissa precisa ir a um brinquedo com a gente.

— Nem vem! — exclamou minha amiga.

— Não vai dizer que você tem medo do chapéu mexicano?

Paula fez a frase soar como um desafio.

Era aterrorizante olhar para aquela garota. Ela emitia tanta confiança que era quase impossível não ceder.

Melissa apertou os lábios, como se ponderasse os prós e os contras de aceitar a brincadeira.

— Ah, quer saber? Já estou aqui mesmo — falou.

Sabrina e Paula soltaram um gritinho empolgado.

— Mas se eu borrar as calças de medo, a culpa é de vocês — completou, brincando.

— Mentira, a culpa vai ser do doce de abóbora com chocolate que a Rebeca te deu.

Conseguimos arrastar Melissa para dois brinquedos sem que nenhum incidente acontecesse.

Tinha me esquecido do que mais gostava em lugares como aquele — a sensação de nunca estar sozinha, de partilhar uma experiência. Entre os gritos de desespero da minha melhor amiga e as risadas de Sabrina, senti nosso laço se estreitar.

Um pouco pela adrenalina, um pouco pela sensação de que o mundo fora do parque poderia esperar, eu me sentia parte de um todo. Era muito bom estar no meio de um grupo de garotas se divertindo.

O sol foi desaparecendo no horizonte, as luzes do parque se acendendo em contrapartida. O dia estava quase chegando ao fim, mas ainda faltava o principal. Dava para sentir no ar a atmosfera de antecipação: a música ficou um pouco mais sombria, como a trilha sonora de um filme de terror.

A grande atração de dia das bruxas era um desfile que terminava na casa mal-assombrada, que abriria apenas depois do pôr-do-sol.

— Eu tenho dois limites — disse Sabrina, sentada no meio-fio da alameda principal. — Ficar de cabeça para baixo e entrar numa casa mal-assombrada.

— São só atores! — respondeu Paula.

Ela pegou uma garrafinha de água e deu um gole. Estaria mentindo se negasse que fiquei um pouco hipnotizada com a cena.

— Eu entendo a Sabrina — disse Melissa. — A atmosfera deixa a gente com medo.

— Não sei porque vocês sempre implicaram tanto uma com a outra — falei. — São iguaizinhas!

— Nunca impliquei com ninguém! — defendeu-se Melissa.

— Ah, tá — respondeu Sabrina, com deboche.

As duas se olharam com estranheza. Sabrina pegou a garrafa d'água da mão da prima e bebeu.

Não tinha o mesmo efeito. Embora, analisando bem, a Sabrina *era bem bonitinha*. Meu Deus, o que estava acontecendo comigo?

— Vocês moraram pouco tempo aqui, né? — perguntou Sabrina, tentando desconversar. — Acho que nem chegamos a visitar.

— Uhum. E aqui era praticamente o meu quintal — disse Paula. — Bons tempos.

Sabrina me ofereceu a água e eu aceitei.

— Muito doido vocês terem se conhecido aqui! — exclamou Melissa.

Eu arregalei os olhos e Paula me olhou, confusa.

— Você contou para elas? — perguntou.

Ela sorriu, parecendo entusiasmada. Meu coração estava prestes a sair pela boca. Engoli rápido, tentando encontrar o que dizer. E se Paula falasse algo e, sem querer, contasse tudo?

— Ah, eu falei pra Mel que você morou no prédio do meu tio.

Paula me olhou, como se fosse possível captar minha mensagem no ar. *Por favor, não fale nada*. Percebi uma nota de tristeza em seus olhos castanhos.

Um segredo. Um momento breve varrido para debaixo do tapete, a sensação constante de torcer para que ninguém notasse.

Será que ela também se sentira assim em algum ponto? Escondendo até de si mesma uma parte essencial, até uma pequena fagulha ser acesa e ela se confrontar com as lembranças?

Pela sua expressão, poderia jurar que sim.

— É, morei.

Os outros visitantes do parque se aglomeraram na alameda, todos se preparando para a grande atração de dia das bruxas.

Nos colocamos de pé assim que ouvimos o som de uma buzina. Logo em seguida, a risada de uma bruxa ecoou pelo parque. Sons de ventos e uivos distantes a acompanharam, uma atmosfera fabricada, mas reforçada pelo estado do Mundo da Aventura, que parecia dar seus suspiros finais.

Os brinquedos rangiam implorando por óleo, os funcionários pareciam cansados e as cores estavam indo embora. Aquela trilha sonora era para o desfile de Halloween, mas parecia o som do parque se despedindo.

Meu coração se apertou.

O gemido de uma horda de zumbis se espalhou pela alameda, as criancinhas nos ombros dos pais gritando assustadas ao ver aquele grupo moribundo se arrastando, a maquiagem bem-feita, as roupas rasgadas.

Meus olhos começaram a lacrimejar.

O barulho de uma bombinha foi acompanhado por uma cortina de fumaça. Uma banda atravessou a alameda marchando, cada um dos instrumentistas fantasiado de um ser diferente: o monstro de Frankstein, uma bruxa, um lobisomem... tinha de tudo. As crianças, antes assustadas com os zumbis, agora faziam festa. Fogos explodiram no céu enquanto os personagens do parque acenavam.

A atmosfera de encantamento ainda estava ali. Uma centelha do que o parque fora por parte da minha infância e adolescência, mas olhei ao redor e percebi que a empolgação parecia diminuir à medida que a idade do espectador aumentava.

Eu não queria perder a capacidade de me deslumbrar.

A primeira lágrima caiu tímida. Melissa me olhou, percebendo que meu choro era de emoção. Mas ela não sabia tudo o que tinha guardado dentro de mim. Ela passou o braço ao meu redor e me puxou para perto.

— O parque é realmente mágico — sussurrou.

Eu limpei a lágrima e sorri.

— Obrigada por ter vindo comigo — falei.

— De nada. Desculpa ter sido uma idiota.

— Tudo bem, estou acostumada.

Ela me empurrou com o ombro e riu.

Mais uma leva de fogos de artifício foi acesa e eu me senti, finalmente, voltando para casa.

Quando a banda passou, as crianças se dispersaram e a casa mal-assombrada abriu para visitantes.

— Vocês têm certeza que não querem ir? — perguntei mais uma vez para Melissa e Sabrina.

— Eu tô cansada.

— Eu tenho medo — admitiu Melissa.

Olhei para as duas, com suas camisetas de Harry Potter e claramente cansadas. Quase desisti da ideia, mas eu amava a casa mal-assombrada, era meu brinquedo favorito.

— Eu vou com você — ofereceu-se Paula.

Não havia nada implícito ali, mas eu ainda estava tentando lidar com os conflitos que restaram daquela vez em que ela me convidou para ir a um brinquedo, só nós duas.

— Vigia minhas coisas — pediu Paula.

Melissa e Sabrina assentiram, mas as duas pareciam mais mortas do que vivas.

Eu prendi o ar, caminhando pela alameda até a casa mal-assombrada, temendo qualquer aproximação. Acho que o passado era minha maior assombração.

— Fiquei surpresa em te ver.

Paula quebrou o silêncio. Sempre ela, fazendo o que eu não tinha coragem de fazer.

Gostava tanto de parques porque me sentia destemida, capaz de desafiar a altura e a gravidade, mas estava se provando o contrário: aquele lugar me deixava vulnerável. Ou talvez minha própria mente me deixasse assim.

— Também fiquei — respondi.

A roda-gigante estava acesa, piscando em um arco-íris de cores.

— Ela é linda, né? — perguntou.

— Sim.

— Você só sabe concordar?

— Sim... — falei. E então ri.

Ela riu também e o som da sua risada era uma melodia doce.

— Essa roda-gigante nunca saiu da minha cabeça — confessei, num sussurro.

Queria pegar as palavras de volta, mas era tarde demais. Paula tinha escutado. Ela suspirou e disse, simplesmente:

— Lembro muito dela também.

Viramos a esquina, a casa mal-assombrada imponente e sombria na noite do parque. As pessoas caminhavam até lá, os zumbis estavam do lado de fora, posando para fotos com os visitantes. A cena toda era um pouco ridícula.

— Me pergunto por que eu gostava tanto daqui — falei.

Acho que Paula era a única capaz de compreender minha relação com o parque. Os dias de ócio transformados em voltas infinitas na montanha-russa. Uma série de lembranças enfileiradas na prateleira adquiridas depois de atirar em alvos com uma pistola de brinquedo.

— Acho que eu gostava a ideia de tudo ser possível — respondeu.

Inclusive um beijo roubado no alto da roda-gigante.

Entramos na fila lado a lado, mas não falamos. De fora, era possível ouvir os gritos do lado de dentro. Sustos planejados, passos, pessoas correndo.

Era tão fácil brincar com as emoções humanas e controlá-las em um espaço como aquele.

Um grupo saiu da casa. A primeira a chegar ao lado de fora foi uma garota, que correu até a calçada como se estivesse sendo perseguida por um assassino. Ela tentava recuperar o ar, voltando aos poucos à realidade.

A mulher que controlava a fila sinalizou. Entramos em seguida. Um grupo foi se formando atrás de nós e sussurrei para Paula:

— Você acha que a Melissa já matou a Sabrina a essa altura?

— Por que ela parece tão incomodada com a minha prima? — devolveu.

— O que você acha? — falei. — É o Mateus, um cara da nossa turma. A Melissa jura de pés juntos que não quer nada com ele, mas ficou se mordendo desde que ele e a Sabrina ficaram.

No escuro, eu me sentia mais protegida. A atração ainda não tinha começado. As pessoas à nossa volta pareciam ansiosas e cochichavam em expectativa. Um menino já parecia prestes a chorar.

— Aff, eu não acredito — disse Paula.

As portas atrás de nós se fecharam, as luzes piscaram e uma voz deu algumas instruções mecânicas. A caminhada estava prestes a começar.

— Sabe — cochichou —, ainda bem que não gosto de garotos.

— E isso te poupa alguma dor de cabeça? — perguntei, surpresa com minha ousadia.

— Não, só me dá novas — respondeu.

Não enxergava um palmo à frente do meu nariz.

— Puta que pariu — xingou alguém.

— Olha a boca — reclamou outra pessoa.

— Shiu — pediu Paula.

Todo mundo ficou em silêncio. Eu estava impressionada com a autoridade da Paula, que com um simples “shiu” foi capaz de deixar o grupo de boca fechada.

Do lado de fora, a casa parecia barulhenta. Mas, trancadas na antessala claustrofóbica, era impossível ouvir qualquer outro som que não fosse o da respiração de quem estava lá dentro.

A porta se abriu com um rangido artificial, o som das trancas enferrujadas controlado por algum funcionário que escolhia a música na hora certa.

O grupo caminhou devagar e em unidade, acompanhado por um silêncio

pesado e ansioso. Setas fosforescentes indicavam o caminho. Tropecei na menina à minha frente e estava prestes a pedir desculpas, mas então algo caiu em cima de mim.

— Tira isso de mim! — gritei, como uma criança desesperada e assustada, mandando às favas toda a minha maturidade.

Me debati, afastando aquilo que não sabia muito bem o que era. Sem enxergar direito, senti um emaranhado de linhas, que rasguei com meus dedos.

Uma porcaria de uma teia de mentira.

Paula puxou a teia e abafou um risinho.

— Já começou?

— Fica quieta — resmunguei.

— Estou brincando — disse, ajudando-me a me livrar da teia de tecido.

O grupo seguiu um pouco à frente, enquanto nós duas ficamos para trás. Alguém deu um grito que foi ecoado por todos os outros, mas eu não prestava atenção em mais nada, porque os dedos de Paula tocaram minha pele de leve e meu corpo reagiu no mesmo instante, se contraindo.

— Pronto, podemos seguir.

A casa pareceu escutar. As portas atrás de nós se fecharam assim que nosso grupo passou por elas, mas aquelas que ficavam à frente permaneciam abertas. Foi só Paula abrir a boca para elas se fecharem com um barulho seco.

— Ah, droga — resmungou.

Fui à frente e tentei empurrar. Nada.

Então outra coisa aconteceu. A casa ficou muda. Até aquele instante, não tinha me dado conta que uma música ambiente nos acompanhava. O dia no parque era acompanhado de uma trilha sonora incessante, que com o passar das horas se tornava um ruído branco, tão comum aos ouvidos quanto o zumbido de mosquitos ou o barulho de um ar-condicionado.

— O que tá acontecendo? — perguntei, tentando empurrar a porta mais uma vez.

— Deve ser coisa da atração — disse Paula, mas pela primeira vez no dia, senti sua voz hesitar.

Respirei fundo, soltando o ar devagar. *Está tudo bem*, disse para o meu cérebro.

— Shiu, escuta só — disse Paula.

Fiquei irritada. Ninguém fazia “shiu” pra mim.

— Eu não tô ouvindo nada — falei.

A música tinha cessado, o som das engrenagens também. Eu só ouvia... gritos. Distantes, abafados pela porta. E não só dentro da casa, mas do lado de fora.

— Exato — respondeu. — Acho que faltou luz.

A respiração de Paula era pesada.

— Eu não acredito — reclamei. — Mas isso não justifica a porta trancada.

Paula usou a lanterna do celular para iluminar o cubículo que estávamos presas.

— É eletrônica — falou. — Olha.

Olhei para o alto, para o lugar que ela apontava com a lanterna. Caminhando normalmente pela atração, eu não repararia, mas ela tinha razão. Havia um motor que controlava a porta abrir e fechar.

— Merda.

— As meninas devem estar preocupadas.

— E se alguém se machucou na montanha-russa?

— Não tem sinal aqui dentro.

— Meu Deus, a Melissa tinha razão, alguém pode ter morrido.

— Não consigo ligar pra Sabrina.

— Quando será que vão resgatar a gente?

Falávamos juntas, sem parar, uma não prestando muita atenção no que a outra tinha a dizer. Presas entre duas portas automáticas, eu me sentia impotente.

— Estou com falta de ar — choramingou Paula.

Parei de falar e me virei para ela.

Sua respiração, antes pesada, agora estava ofegante.

— Paula, respira com calma.

Ela não respondeu, só continuou respirando mais forte.

— E... se... esquecerem a... gente... aqui...? — perguntou, entre uma respiração abafada e outra.

— Não, ninguém vai nos esquecer aqui — falei. — Mel e Sabrina não vão deixar.

Me aproximei. O espaço entre nós era mínimo. *Pensa, Rebeca, pensa.* Estiquei meu braço e toquei em seu ombro, com um pouco de medo e receio. Fiz um carinho de leve, tentando tranquilizá-la.

Paula continuava ofegante.

— Paula, puxa o ar devagar — orientei. Ela obedeceu. — Agora solta pela boca. Não, não. Devagar. Não rápido assim. Isso. Só faltou luz. Volta logo.

— E se alguém ficou preso nos outros brinquedos? Você falou isso.

— Nós também estamos presas. Não podemos fazer nada.

Ficamos em silêncio. Eu conseguia ouvir pessoas conversando do outro lado, mas não tinha certeza se sabiam que estávamos para trás ou não. Era melhor não tocar no assunto — Paula certamente ficaria mais ansiosa. Pensei em

bater na porta e alertar quem tivesse do outro lado, mas não tinha certeza se conseguiriam me ouvir.

Encostei na parede e escorreguei até o chão, derrotada. Paula me acompanhou.

— Eu não acredito que um lugar desses não tem gerador — reclamei.

Paula parecia mais calma, sua respiração voltando ao normal aos poucos.

— Eu não acredito que estou presa com você aqui dentro.

Eu ri.

— É nisso que você está pensando?

— Que voltei para o parque de diversões que fez parte da minha vida só para encontrar a primeira menina que eu beijei e ficar presa com ela dentro de uma casa mal-assombrada? Sim.

A primeira menina que eu beijei...

— Então...

— É isso mesmo que eu falei.

— Você roubou meu primeiro beijo.

— Roubei?

— Roubou. Com que direito?

— Eu... não sei? Pareceu certo.

Fiquei quieta. Do lado de fora, passos distantes. Ali dentro, um abismo entre duas meninas que não se viam há anos, marcadas por uma roda-gigante.

Como não respondi, Paula disse:

— Perdão.

— Como...?

— Não entendi — falou, com calma. — Como o quê?

Puxei o ar. Aquele lugar estava começando a parecer pequeno demais para mim. Eu seria a próxima a sufocar.

— Como... você sabia?

— Foi o que eu disse pra Melissa mais cedo e...

— Não. Como você sabia... que eu queria? — Paula não respondeu. — Como? Se até agora nem eu sei direito?

Pensei em Lucas, meu ex-namorado, em como eu gostava de segurar a mão dele e rir ao seu lado. Em como era bom colocar minha cabeça em seu ombro e sentir seu peito subir e descer no ritmo da sua respiração. Nas suas mãos acariciando meus cabelos e o seu beijo que tinha sabor de bala de cereja. Sempre pareceu tão... certo. Nunca duvidei de nenhum sentimento que tive por ele, por isso empurrei aquele beijo roubado no alto da montanha-russa e os sentimentos pela menina do condomínio para longe, em um pedacinho tão escondido da minha cabeça que nem me lembrava.

E então ela resolveu aparecer no dia das bruxas, um fantasma do passado arrancando os assuntos mal resolvidos do armário. Não era possível sentir as duas coisas ao mesmo tempo. Era?

Paula deu um suspiro cansado.

— Não sei, Rebeca. Não sei explicar. Eu só fiz. E então fiquei com vergonha, no dia seguinte você foi embora, pouco depois eu me mudei e achei que era isso.

— Eu achei que você queria beijar minha bochecha.

Paula riu, um riso abafado e debochado.

— Não, pode ter certeza que não.

— O que é isso, então?

— O quê?

— Isso. A gente.

— Acho que você sabe — disse ela. — Mas sei lá. Não sei, não posso responder por você. Ninguém soube responder por mim.

— Mas você é uma menina...

— ... e você também. É isso?

— É — falei.

— Bom, é isso. Às vezes, acontece.

Queria que houvesse luz naquele instante. Que eu pudesse olhar para Paula e entender o que estava acontecendo dentro de mim, as perguntas que não fiz e as dúvidas que voltaram à tona durante aquele dia.

Mas ela tinha razão. Só eu poderia responder por mim mesma.

— Você não precisa de todas as respostas agora — disse ela. — Nem eu sei se tenho as minhas.

No escuro, não havia defesas. Paula soava vulnerável, quase confusa.

— Eu nunca contei sobre aquilo pra ninguém.

— Deu pra perceber.

Não detectei amargura em sua voz, mas ela também não soava feliz. Soava... resignada.

— Quando te vi, foi tipo voltar no tempo, sabe? Acho que de primeira não acreditei muito que era você. Porque nunca quis pensar muito a respeito, acho que era mais fácil fingir que tinha sido um engano do que algo feito de propósito. Do que... um beijo que eu corresponderia.

— Como pode um beijo criar tanto caso? — perguntou.

— Nem foi um beijo de verdade — falei. — Foi só um selinho.

— Foi real pra mim — respondeu.

Agora sim ela soava amarga.

— Quer dizer... foi real. Muito. Só que... ah, não sei explicar. Ficou no

ar? Foi difícil de entender.

— E você quer entender?

Meu coração acelerou. O que eu estava fazendo? Já tinha me desligado de tudo. Naquele instante, não éramos mais duas meninas presas em um brinquedo no parque de diversões. Eu não me preocupava com quem estava do lado de fora, com as possíveis pessoas presas nos brinquedos, com minhas amigas preocupadas à nossa espera.

Não, não havia nada, apenas nós duas, naquele cômodo escuro, distantes da realidade.

— Quero — respondi.

E daquela vez, fui eu que me adiantei. Tateando no escuro, encostei no braço macio de Paula, levei minha mão até seu rosto e toquei os lábios dela com a ponta dos dedos, como se tentasse decorar seu contorno. Meus dedos passearam por seu rosto, acariciaram sua bochecha, se acostumando com sua forma.

E então, eu a puxei para perto.

Pairamos um segundo ainda longes uma da outra, como se eu reunisse a coragem que me faltava para avançar, mas Paula não tomou a iniciativa. Ela estava esperando. Se eu queria entender, cabia a mim fazer aquilo.

Então nossos lábios se tocaram. Primeiro de leve, quase sem querer, como naquele beijo roubado anos antes. Mas, então, a boca dela se abriu e minha língua explorou o caminho — primeiro tímida, então segura.

A boca de Paula tinha gosto de doce de abóbora. Um dos melhores sabores do mundo.

Ela me puxou para mais perto pela nuca e eu deixei meu corpo responder por mim. E então comecei a entender todas as dúvidas que fingi não ter durante tanto tempo.

Eu não me importava que Paula fosse uma menina. Quer dizer, eu me importava, mas não do jeito que pensei que me importaria.

Era bom porque ela era uma menina. Eu não desejava que ela fosse ninguém além dela mesma. E isso não parecia mudar quem eu tinha sido até ali — só parecia acrescentar mais uma camada.

De repente, ouvi um barulho estranho e nós duas nos afastamos, sobressaltadas, mas não confusas. A música voltou, gritos de euforia chegaram até nós abafados pela acústica da parede e, então, me dei conta de que a luz tinha voltado.

Mas a luz tinha voltado para mim um pouco antes — enquanto ainda beijava Paula. Tudo se encaixava, como num jogo de Tetris, as peças se ajustando aqui e ali. Porque não foi só o beijo, mas uma percepção clara e

simples que, independentemente de quais fossem as respostas às minhas dúvidas, eu havia entendido um pouco mais de mim mesma.

A porta eletrônica se abriu, dessa vez sem rangidos. Me surpreendi ao ver, do outro lado, dois bombeiros nos esperando, assim como alguns funcionários do parque.

Mas não tive a menor surpresa quando vi Sabrina e Melissa logo atrás deles, abraçadas, apreensivas. Quando nos viram, as duas correram e nos puxaram em um abraço quádruplo e desajeitado.

— Saiu todo mundo da casa...

— ... menos vocês duas!

— Achei que você tinha morrido — disse Melissa. — Batido a cabeça, tropeçado, caído, sido atingida pela serra elétrica do doido lá!

Ela apontou para um dos funcionários que estava fantasiado de Jason, mas ele segurava um facão, não uma serra elétrica. Ri do exagero de Melissa.

— Para te deixar mais tranquila, nem tivemos tempo de encontrar com um deles. Ficamos trancadas entre dois portões eletrônicos, esperando a luz voltar — explicou Paula.

— O que aconteceu? — perguntei. — Foi no parque todo?

— Não, foi só aqui. A fase da casa queimou, ninguém entendeu muito bem por que as portas permaneceram travadas.

Eu e Paula nos entreolhamos. Será que era o fantasma dos relacionamentos mal resolvidos querendo nos dar um ponto final?

— Nos outros brinquedos, então, tá tudo bem? — perguntou Paula.

— Sim, mas chega de emoções por hoje — cortou Sabrina. — Eu quero ir embora.

— Nunca imaginei que fosse dizer isso, mas... concordo com a Sabrina.

Paula e eu rimos.

— Sabe, vocês duas teriam muito mais a ganhar se passassem a se enxergar como amigas — intrometeu-se.

Sabrina e Melissa se entreolharam. Alguma coisa havia mudado entre elas, enquanto esperavam por nós. Aquele dia no parque não foi um milagre — tinha certeza que era só o rosto de Mateus aparecer para as duas se engalfinharem de novo —, mas era uma prova para ambas de que elas poderiam conviver bem.

Tinham até se apoiado enquanto esperavam por nós.

— Aí você já tá querendo demais — brincou Sabrina.

— Quem sabe um dia? — perguntou Melissa.

E em sua voz eu consegui sentir algo genuíno, a esperança mágica que só ganhava forças em um lugar tão surreal quanto um parque de diversões.

Mas ainda havia algo faltando. Paula e eu nos olhamos, e eu sabia que sua mente pensava no mesmo que eu.

— Têm certeza que não querem ir com a gente? — perguntei mais uma vez, só para garantir.

— Eu não acredito que vocês vão morrer num parque de diversões — disse Melissa.

— Nós não vamos morrer — garantiu Paula.

— Acho que ainda temos que viver mais um pouquinho — completei.

— Boa morte, meninas — disse Sabrina, com um aceno.

Enganchei meu braço ao de Paula, minha pele clara contrastando contra a dela, tão escura. Havia cumplicidade naquele gesto — e uma memória que precisava ser encerrada, o fim de um ciclo.

Aquilo só poderia acontecer na roda-gigante.

Desviamos de alguns grupos de adolescentes e lá estava ela, brilhando com luzes de todas as cores, o ponto de partida daquela nossa louca aventura.

Luzes laranjas, vermelhas, roxas, verdes, azuis... um festival de cores, tornando a roda-gigante visível a quilômetros de distância, do lado de fora do parque. Quantas vezes, ainda criança, presa no engarrafamento ao voltar da casa dos meus tios, não desejei estar nela, vendo o mundo da minha janela?

Não havia nenhum conhecido por perto, então Paula pegou minha mão. Sua mão estava tão gelada quanto a minha — será que seu coração também havia acelerado ao pensar que estávamos indo terminar o que nossas versões mais novas e completamente perdidas tentaram começar?

Quando entramos e nos ajeitamos, roda-gigante foi subindo. Mais uma vez, via as luzes inteiras da cidade, a cacofonia do parque, o movimento nas avenidas do lado de fora.

Mais uma vez, Paula estava ao meu lado.

A roda-gigante deu um tranco. Estávamos em seu ponto mais alto, lado a lado, observando a cidade.

Dessa vez, o primeiro toque foi meu. Estiquei a mão e apertei a dela.

— Não tenho mais medo — respondi.

— Acho que você tinha a impressão de que eu era destemida — falou.

— Depois do seu *showzinho* na casa mal-assombrada, não posso mais defender essa tese — brinquei.

— Acho que encontramos coragens em tempos diferentes. E dividimos uma com a outra. Isso é bom.

Nossos pés balançavam e a altura parecia não ter fim. Aqueles minutos pareciam infinitos.

— De volta ao ponto de partida.

— Acho que é hora de mostrar o que eu realmente queria ter feito daquela vez — respondeu Paula.

Ela puxou meu rosto e, levemente desajeitada pela posição, me deu um beijo profundo. Eu me acostumaria fácil aos lábios dela. Ao cheiro de frutas cítricas em seu pescoço e à textura macia de seu cabelo. Não teria a menor dificuldade de me adaptar a ela.

E foi assim, com um beijo no topo da roda-gigante, cujas luzes explodiam em cores, que colocamos um ponto final naquela história iniciada nas férias, anos antes.

Não tinha respostas completas para as minhas dúvidas, mas agora confiava menos em minhas certezas, porque elas mudavam o tempo inteiro. Eu estava em estágio de constante mudança — não sabia o que fazer no vestibular, se gostava mais de meninos ou meninas, se precisava mesmo escolher ou sequer o que almoçaria no dia seguinte. Mas era só continuar procurando. Talvez um dia eu encontrasse.

Na viagem de volta para casa, Paula e eu não evitamos nos olhar, pelo contrário.

A mãe da Sabrina tagarelava alguma coisa, Melissa cochilava e acordava, alheia a tudo. Mas Paula e eu nos olhávamos. Dessa vez, o mundo poderia esperar. O mais importante não estava do lado de fora da janela — estava ali, ao nosso lado.

Quando nos despedimos, Sabrina me deu um abraço apertado.

— Obrigada pelo convite — disse. — Foi divertido.

— Desculpa te jogar na toca de lobos — brinquei, apontando para Melissa.

— Ela é uma ótima companhia às vezes — admitiu Sabrina.

Dei um beijo na mãe de Sabrina, agradecendo pela carona, mas então só me restava mais uma despedida.

Paula me puxou para um abraço, bem mais contido do que aqueles que

trocamos no parque.

— Obrigada por fechar meu ciclo — falou.

— Obrigada por me ajudar a encontrar respostas — agradecei.

Então, a família toda entrou no carro e foi embora. Eu fiquei ali, na calçada do meu prédio, observando-os partir.

— Você quase me matou do coração — disse Melissa.

— Sorte a sua que um dos nossos melhores amigos quer ser médico — respondi.

— Ficou tudo bem, não é? — quis saber, ansiosa.

— Ficou tudo muito mais que bem.

Melissa me deu o braço e, juntas, entramos no prédio.

Encontrei Paula pouco depois daquele dia no parque. Nós saímos algumas vezes e ela me deu um ursinho de pelúcia que conseguiu arrematar em uma loja de jogos no shopping, naquelas maquininhas de gancho. Ela era ótima naquilo.

Uma das vezes, saímos até em quarteto: eu, Melissa, Paula e Sabrina; fomos todas ao cinema e fizemos um lanche depois. Melissa e Sabrina não se estranharam, Paula e eu fingimos ser apenas boas amigas.

No fim, a ex-namorada reapareceu. Eu saí de fininho e deixei que as duas resolvessem as próprias pendências. Se fosse obra do destino, nos cruzaríamos de novo, na hora certa, em algum lugar inesperado.

Nunca contei à Melissa. Ou a ninguém. Ainda não tinha todas as respostas e não queria ser confrontada com perguntas que não queria responder. Não ainda.

O bom de estar com Paula era que ela costumava me entender e sabia, melhor do que ninguém, que alguns dias eram confusos, outros não. Que no momento certo, eu faria o que bem entendesse, da melhor forma.

Porque ninguém fazia “shiu” para mim.

Três druidas

Dayse Dantas

CONVOCAÇÃO PARA ASSEMBLEIA
POR MEIO DESTA, TODOS OS MEMBROS ESTÃO CONVOCADOS
A COMPARECER À ASSEMBLEIA DA PRÓXIMA QUARTA-FEIRA, 19 DE
NOVEMBRO DE 2003, A FIM DE VOTAR NA DECISÃO DE
DESLIGAMENTO DAS ASSOCIADAS ISIS CASTRO E JULIANA
CASTRO.

CORDIALMENTE,
DIREÇÃO DO CONSELHO REGIONAL

Tudo o que realmente vocês precisam saber, por Juliana Castro (comentários adicionais de Isis Castro)

Ai, gente. Não precisava desse auê todo, né. O Conselho Regional gosta de fazer um drama, vou te falar. Tipo, não é como se a gente tivesse trazido toda uma produção de *reality show* para dentro da Sede e filmado um especial de duas horas com os bastidores da Sociedade (imagina se tivesse um *reality show* sobre a Sociedade? Seria como aqueles programas da MTV, mas um pouco menos engraçado, com personagens um pouco menos estranhos, e uma burocracia muito mais enjoada. Pensando bem, não seria um programa assim tão bom, não.)

O que a gente fez foi uma coisinha besta. Uma exposiçãozinha de nada. *Le petit exposé*. Numa escala de zero à Joana d’Arc (sim, ela era druida. Vidente, para ser mais exata ou pelo menos é o que todos os dados apontam), a nossa tão criticada “exposição” foi, sei lá, o desaparecimento de Amelia Eahart. Todo mundo concorda que foi algo estranho, mas ninguém realmente sabe o que aconteceu.

Vamos combinar que tudo isso começou porque o Renan é incapaz de superar um incidente insignificante de eras passadas (sim, Renan, a gente sabe que foi você que entrou em contato com o Conselho Regional para nos acusar!), mas independentemente do que ele falou, o problema real aqui é que o Conselho Regional está predisposto a acreditar no pior vindo da gente, só porque nós tivemos um Reconhecimento precoce.

(Reconhecimento é o processo de afloração de dons de um druida. É

meio que “ei! Eu consigo fazer magia!” e, por simplesmente saber — ou reconhecer — esse fator, você consegue fazer magia. Normalmente, esse processo acontece quando a pessoa tem uma ideia de autoimagem mais amadurecida, mas na nossa família costuma aparecer cedo. Com a nossa mãe não foi tão escandaloso, apesar de incomum: aos 12 anos. Comigo e com a Ju aconteceu aos cinco anos, mas o recorde mesmo pertence a nossa irmã mais velha, Fernanda, que se Reconheceu antes mesmo de completar três anos).

[Por que você está falando de Reconhecimento? Eles já sabem!]

(Não necessariamente)

[Sabem sim, Reconhecimento é mencionado logo na Carta de Convocação, não lembra?]

(Lembro, mas o que eu quis dizer é que não necessariamente serão membros da Sociedade que estarão lendo isto)

[Claro que vão ser os membros da Sociedade que vão ler isso. Caso contrário, todo processo de acusação por exposição que eles querem jogar em cima da gente vai ter um motivo, ou então toda a ideia de anonimato deve ser balela!]

(Talvez, mas eu me refiro a registro histórico mesmo. Vai que alguém no século XXV está estudando a nossa história?)

[Bem, acho improvável, mas dane-se. Só não fica adicionando explicação muito longa ou o povo vai perder interesse e deixar de ler as partes importantes]

(Quem disse que as explicações não são importantes? São elas que explicam as coisas!!!!)

Mas tudo bem, se fazem tanta questão de perseguir a gente, certamente estão esperando o óbvio: só que não vamos aceitar caladas. Se vão nos acusar de exposição, então vamos expor mesmo!

E acho que o melhor lugar para começar é a reunião de planejamento do nosso aniversário.

E AÍ, GAROTADA. ADIVINHA? VOCÊS TÊM O PRIVILÉGIO DE TEREM SIDO ESCOLHIDOS PARA AJUDAR A PLANEJAR O MAIOR EVENTO DO ANO: NOSSO ANIVERSÁRIO!!!! EU SEI QUE NOS ÚLTIMOS ANOS AS COISAS FORAM RELATIVAMENTE DESAPONTANTES, MAS É EXATAMENTE POR ISSO QUE PRECISAMOS DA SUA AJUDA! ESTAMOS COM UMA IDEIA QUE VAI FAZER ESSA NOITE INESQUECÍVEL! ENTÃO, SE VOCÊS PUDEREM COMPARECER NA NOSSA REUNIÃO DE PLANEJAMENTO NESTA SEXTA, RESPONDAM

COM EUFORIA, SE NÃO, RESPONDAM COM DESÂNIMO. PARA QUEM ESTIVER INDECISO: ISIS DISSE QUE VAI FAZER BOLO COM CALDA DE BRIGADEIRO (NÃO SE PREOCUPE, LAÍS, ELA DISSE QUE ACHOU UMA RECEITA SEM GLÚTEN!)

Existe uma certa apreensão quando se fala do nosso aniversário. E, claro, ninguém quer isso no próprio aniversário. E nós não somos exceção à regra. Mas não tem como negar que as pessoas têm motivos para ficarem ansiosas com a proximidade da data. O fracasso das nossas festas é conhecido na cidade inteira.

Primeiro foi nossa sessão de filmes de terror. Uma tempestade uma hora antes da festa começar apagou a cidade toda por dois dias.

Depois foi o desastre da festa onde cada convidado faria a sua própria pizza. Um *incendiozinho* de nada foi o suficiente para murchar a empolgação de todo mundo.

No ano seguinte a gente decidiu não inventar nada de diferente, só uma reunião com música e amigos. Mas a merenda da escola tinha algum ingrediente vencido e todo mundo faltou a festa para poder exorcizar seus demônios diante do trono de porcelana, inclusive nós duas que tivemos que revezar o banheiro (a Laís foi a única que se deu bem por nunca lanchar na escola por causa de sua dieta livre de glúten).

Aí a gente decidiu talvez ir para uma pousada, nossos pais até contrataram uns coordenadores de atividades para deixarem as coisas mais animadas com brincadeiras e esportes. Só que um deles estava demonstrando uma brincadeira que envolvia corrida, tropeçou e caiu. Nada como uma imagem traumática de um osso exposto para destruir o clima de festa.

Finalmente, ano passado, a gente não fez festa nenhuma. Pedimos para nossos pais nos dar um dia completo no spa mais chique que a gente conhece, que fica a uns 50 minutos da cidade. Quando chegamos lá para nosso tratamento, o lugar estava interditado porque o dono tinha sido exposto em uma operação Federal como lavador de dinheiro, surtou e fez todo mundo dentro do spa de refém.

Eu sei. Parece mentira.

Mas era precisamente por isso que a gente estava desesperada para colocar um fim nessa série de eventos desastrosos acontecendo no dia do nosso aniversário. Principalmente levando em consideração que era o meu aniversário de 15 anos (e o meu de 16! Uma data importante para mim, porque sempre quis votar).

Na nossa cabeça, a gente tinha sofrido cinco anos de acidentes e coincidências infelizes, mas certamente não estávamos condenadas para sempre. Quão difícil seria conseguir planejar uma festa perfeita? Certamente seria trabalhoso, mas não impossível.

(Para ser honesta, a gente também estava contando que finalmente Os Destinos iam estar do nosso lado. A gente já tinha sofrido o suficiente, onde estava o equilíbrio? Qual o sentido de ter duas irmãs druidas não gêmeas nascendo um dia das bruxas atrás do outro se elas não seriam capazes de comemorar a altura?)

De qualquer forma, estávamos determinadas a fazer desse ano um sucesso. Eu escrevi um e-mail para nossos amigos mais próximos (um pouco constrangedor que ela começou com um “e aí, garotada”, mas acho que isso é apenas mais uma evidência do nosso desespero) para planejarmos a festa de aniversário mais bem-sucedida da história dessa cidade, sem nenhuma brecha para acidentes. Foi tudo bem organizado, a Isis até redigiu uma pauta e depois uma ata (que Juliana está usando agora para lembrar dos detalhes e montar a nossa defesa, de nada), tudo bem meticoloso, do jeito que os chatos da Sociedade gostam.

As primeiras a chegarem foram nossas melhores amigas, Laís e Melila.

— Eu trouxe sal grosso! — Laís foi entrando toda dramática.

Melila demorou um pouco mais se despedindo dos pais na rua antes de se juntar a gente. Como sempre, ela carregava o peso de todos os medos do universo em sua expressão.

— Já te disse que sal grosso não parece ser a solução — Eu falei, trancando a porta.

— Mas não custa nada tentar.

— Nós somos druidas, Laís. — Isis declarou. — Você acha que essa casa já não é completamente regada em sal grosso?

Mesmo assim, Laís derramou sal grosso em volta de toda a sala de jantar, onde a reunião aconteceria. Depois pegou um punhado e jogou por cima do ombro esquerdo.

— Hein, gente... — Melila começou cautelosamente, se sentando à ponta da mesa. — Não tem como alguém do clube de vocês dar uma verificada se de fato não estão amaldiçoadas? Nada contra o aniversário de vocês, claro, eu já até comprei os presentes. Mas, sabe como é... não sei se é uma boa ideia planejar alguma comemoração levando em consideração todo o histórico...

(A pobre da Melila sempre foi, de certa forma, a vítima mais direta dos nossos desastres. Ela já levou choques, desmaiou, vomitou, foi quase atropelada, entre outras coisas. Tudo como consequência direta de algo relacionado ao nosso

aniversário. Talvez a amaldiçoada seja ela, né.)

— Besteira! — Eu disse, confiante. — Esse ano nós temos um plano!

— Que tipo de plano? — Melila questionou. — Tipo um ritual?

— Não! Mas, de certa forma, exige um sacrifício.

— Que tipo de sacrifício? — Laís quis saber.

— Nós vamos convidar o Renan — Isis confessou, resignada. Melila e Laís gemeram, infelizes. — Pois é, a gente sabe. Mas é a única forma de determinar, de uma vez por todas, se ele nos sabotou de alguma forma por pirraça.

— Você acha mesmo que o Renan, O RENAN, tem a capacidade de fazer tanto estrago durante tanto tempo? — Laís comentou com desdém.

— Não sei — Isis retrucou. — Mas não custa nada tentar.

(Acho importante parar por aqui e explicar que apesar de Laís e Melila não serem parte da Sociedade e não serem druidas, o conhecimento delas sobre a gente é completamente legal. Nós passamos por todos os trâmites do processo de Autorização Para Conhecimento — um processo incrivelmente ridículo, diga-se de passagem — e o fato de a gente conversar abertamente com elas sobre nossa vida druida de forma alguma significa que nós estávamos “confabulando com órgãos externos em possíveis tramoias para a exposição da Sociedade”, como descreveram no relatório que nos acusa. Francamente, órgãos externos? Última vez que Melila tentou organizar um grupo foi um clube do livro que ela abandonou porque achou a história assustadora demais.)

Aos poucos nossos amigos foram chegando, a conversa sobre a festa foi ficando mais séria (afinal, tínhamos uma pauta para seguir). No total, eram cinco tópicos que precisávamos discutir:

- 1) Localização/Decoração;
- 2) Música/Equipamentos;
- 3) Comemoração e bebidas;
- 4) Entretenimento;
- 5) Lista de convidados.

Tudo isso, claro, dentro do orçamento que nossos pais tinham sido generosos o suficiente para liberar para a gente. (Nosso pai é médico aqui e em outra cidade, nossa mãe, além de ser embaixadora da Sociedade e viver viajando para conferências e tal, também tem uma loja de cristais — que, a propósito, fornece muitos dos cristais que o pessoal da Sociedade usa — e nenhum dos dois tem tempo de nos ajudar com esse tipo de projeto.)

Como vocês podem ver, não há nada de suspeito nessa lista. Apenas coisas normais que pessoas costumam discutir para uma festa. Porém, foi o tópico número quatro que deixou o Conselho com fogo no rabo, confabulando conspirações que nem mesmo os cantos mais sombrios da *deep web* seriam

capazes de competir (um exagero, claro. Nada é mais sombrio que a *deep web*).

O fato de termos previsto um palco no nosso orçamento aparentemente é uma evidência “irrefutável” de que estávamos planejando aquele “show” desde o começo (o Conselho deveria seriamente rever o próprio conceito de “irrefutável”, já que no fim das contas a gente nem montou o palco, devido a covardia da nossa irmã Fernanda, que Juliana vai expor daqui a pouco).

Para começo de conversa, que tipo de gente o Conselho acha que a gente é para considerar *aquilo* bom entretenimento? Não me refiro nem ao mau gosto, mas se tivesse sido planejado, seria um acontecido bem sem graça, né. Foi sem graça, para falar a verdade, só está tendo repercussão porque o Conselho gosta de um drama.

Pois bem. Queríamos mesmo um palco na nossa festa. Não para expor a Sociedade, mas para expor a banda que íamos contratar.

(No primeiro rascunho disso, a Juliana ia deixar por isso, mas em favor da transparência, eu consegui convencê-la a contar o motivo *integral* do palco)

Tá. A gente também queria fazer uma apresentação.

Desde crianças, Isis e eu temos um plano para a minha festa de 15 anos. Juntas, nós três faríamos um número especial, eu como vocalista, minhas irmãs como vocal de apoio. O plano era: vestir roupas bem luxuosas e clássicas, estilo Celine Dion, e cantar, com toda garra e sentimento, *I’m Not a Girl (Not Yet a Woman)* da Britney Spears. Infelizmente, no último momento a Fernanda decidiu dar para trás, o que acabou fazendo todo o plano ficar sem graça para mim e para a Isis. No fim a gente cancelou a ideia de cantar e de contratar uma banda. Logo, um palco parecia desnecessário.

[Eu só quero deixar claro que minha hesitação de falar sobre isso não tem nada a ver com estar envergonhada. Eu tenho orgulho do nosso plano! Eu acho que teríamos arrasado! Mas ainda me magoa lembrar que Fernanda não confiou nem na gente e nem nela mesma para levar nosso plano adiante] (É, isso aí que ela falou!)

Uma semana antes do nosso aniversário, nós conhecemos a Elisa.

(Mais uma evidência de que não planejamos isso com antecedência! A gente nem conhecia a Elisa quando começamos a planejar nosso aniversário. Mas aí eles colocaram no relatório essa coisa absurda! Vou até colar aqui: “apesar de ser improvável o envolvimento da terceira participante nos planejamentos das irmãs Castro, é irrefutável o fato de que ela acabou participando do acontecido eventualmente, e isso é um componente nesse

incidente que merece uma investigação própria.” Ah fala sério! Eles quiseram dizer que a Elisa não estava “planejando” com a gente, mas depois ela talvez estivesse planejando também?!? Isso não faz sentido nenhum! E é claro que ela acabou participando do acontecido! ELA É O ACONTECIDO!!! E o Conselho apenas está mordido porque foi uma falha no próprio sistema que permitiu que aquilo acontecesse.)

Nós estávamos ajudando na Cristais Castro, a loja da mamãe, quando uma menina tímida entrou quase pedindo desculpas pelo barulho que o sino da porta fez para anunciar sua chegada.

— Boa tarde! — Isis disse sorrindo. — Posso ajudar?

A menina balançou a cabeça e murmurou baixinho:

— Só dando uma olhada.

— Tudo bem! Fique à vontade! — Isis respondeu e voltou a mexer em umas planilhas no computador ao lado do caixa.

Infelizmente, eu sou uma daquelas vendedoras chatas que quer ficar puxando assunto com o cliente para tentar descobrir o que ele está buscando. Eu sei que muitas vezes o pessoal gosta de ser deixado em paz, mas eu não consigo me conter, sinto muito, é a mais pura verdade. Eu vejo um cliente, eu sinto a obrigação, a necessidade, de ir falar com ele.

(Pode soar dramático, mas é uma descrição bem precisa. Uma vez eu tentei conter a Ju FISICAMENTE. Na frente do cliente. No fim das contas todos concordaram que teria sido melhor apenas deixar a Juliana fazer o que ela sempre faz: perturbar as pessoas)

— Essa é uma boa pedra. — Eu comentei, vendo que ela tinha pegado uma Turmalina Preta para inspecionar de perto. — É boa para proteção.

A menina sorriu de lado, mas mal fez contato visual comigo, devolvendo a pedra apressadamente à prateleira.

— Você está procurando alguma coisa para você ou para presente? — Eu insisti.

A menina deu de ombros, incerta.

— Você conhece Olho de Tigre? — Eu me estiquei para pegar uma pedra de um tom marrom-dourado na prateleira acima da gente. — É ótima para confiança, sucesso e dinheiro.

Eu dou uma piscadela para ela, mas, mesmo assim, nada.

— Que tal uma Calcita Laranja? — Eu sugeri, pegando a outra pedra. — Ótima para percepções e memória. Você pode estudar para sua prova sem medo de esquecer o que estudou. Ou então pode guardar rancor daquele menino chato da escola que toda menina já teve que aturar.

Finalmente, um risinho. Finalmente, ela olhou para mim.

— Como o seu menino chato se chama? — Eu perguntei.

— Juca — ela respondeu com uma careta.

— O meu, ou melhor o nosso — eu apontei para Isis e para mim —, se chama Renan. Oficialmente a pior pessoa do mundo.

— Ninguém é pior que o Juca — Ela fez careta de novo, ainda mais enojada.

— Então talvez uma Turmalina Preta seja uma boa ideia. Para se proteger e tudo mais.

A garota pegou a pedra de novo para inspecionar, mas não parecia mais estar pensando no tal Juca. Algo no fundo do meu estômago começou a me incomodar.

— Como você se chama? — Eu perguntei.

— Elisa — ela respondeu, um pouco menos tímida. Provavelmente por estar distraída em seus próprios pensamentos.

— Elisa... você tem o que, uns 10 anos?

— Doze — Ela respondeu, tímida de novo. — Todo mundo é pequeno na minha família.

— E todo mundo é enorme lá em casa! Principalmente essa daí. — Isis disse, apontando para mim. — Mas nada disso impede que a gente saia gritando loucamente toda vez que aparece uma lacraia no quintal.

Elisa riu de novo. E tudo que eu queria, por algum motivo, era deixá-la mais confortável com a gente. Que ela confiasse na gente.

— Que tal se eu te der essa Turmalina de presente? — Eu sugeri.

— Não, não. — Apressadamente, Elisa devolveu a pedra para mim. — É melhor não. Meus avós... eles não gostam dessas coisas.

— Que coisas? Cristais?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Eles são muito religiosos?

Ela apenas deu de ombros.

— Eles não gostam disso. Acham que é bobagem. Que... — Ela parou de falar, claramente não querendo contar algo que ouviu em casa. — Enfim.

— Mas quer saber? — Eu disse. — Eu tenho um... instinto, isso, um instinto muito bom. Não é, Isis?

— Sim, um dos melhores. — Isis concordou.

— E algo me diz que essa pedra existe, desde a sua criação, milhões de anos atrás, estritamente para ser sua.

— Como assim? — Elisa perguntou, confusa e fascinada ao mesmo tempo.

— Algumas coisas são assim, sabe. — Eu expliquei. — Nem tudo, claro.

Mas algumas coisas existem estritamente para o benefício de uma pessoa só.

— Por quê?

Dessa vez, eu que dei de ombros.

— Talvez porque todo mundo precise de uma ajudinha cósmica em um ponto ou outro da vida.

Elisa pareceu pensativa.

— Você acha que precisa dessa ajudinha, Elisa? — Eu perguntei.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Então leva. — Eu mostrei a pedra mais uma vez para ela. — Qualquer coisa, é só deixar ela sempre escondida dentro do bolso.

Elisa olhou para minha mão estendida com a pedra e, depois de um momento de hesitação, a pegou. Por um segundo fugaz, eu percebi um brilho pequeno e sutil vindo dela, antes de ela colocar a pedra no bolso.

— Obrigada. — Ela disse e saiu correndo da loja.

— Fofa. — Isis comentou, ainda mexendo no computador.

— Liga pra mamãe ou para a Linda e pergunta se elas podem cobrir a gente agora. — Eu pedi, indo atrás do balcão para pegar minha bolsa.

— Por quê? — Isis disse, mas sendo proativa e já discando o número.

— A gente tem que dar um pulo na Sociedade. Eu tenho a leve impressão de que aquela menina é druida.

Nós chegamos na Sede uns 30 minutos depois. A trilha até a cachoeira é um desaforo, na minha humilde opinião. E o Conselho adooooora julgar a gente por não ter presença assídua nas reuniões. Mas ninguém sequer considera a possibilidade de mudar a sede da sociedade para um lugar mais acessível. Acham que uma caverna atrás de uma cachoeira é mais “místico”. Como se o fato de ter umas dezenas de pessoas que conseguem praticar magia no mesmo lugar não fosse místico o suficiente. (Mas aí eles não veem problema nenhum em instaurar centenas de regras absurdas e trâmites administrativos dentro da comunidade. Nada mais místico que burocracia.) [Isso mesmo, até a Isis, QUE É A ISIS, detesta a burocracia dentro da sociedade.]

— Boa tarde, Maurílio. Como estão as coisas aí? — Eu cumprimentei o porteiro.

— Oi, Juju! Isis! — O homem se levantou e apertou as nossas mãos. — Há quanto tempo! Vocês sumiram de vez, hein.

— A gente ainda tá meio amargurada com toda a situação da Núbia. — Eu expliquei, contrariada.

— Ah, mas as coisas são assim mesmo. — Ele disse, no jeito típico de tiozão otimista. — Mas tem que continuar batalhando até conseguir.

(Certo. A situação da Núbia. Uma das nossas maiores frustrações com a Sociedade. Ela ficou MESES pesquisando sobre druidas e outros povos mágicos ao redor do mundo para concluir o óbvio: que a nossa sociedade segue tradições europeias, incluindo o nome, e que não faz sentido as coisas serem assim num lugar onde europeu não vive. Então ela seguiu todas as burocracias exigentes para redigir uma petição a fim de diversificar as habilidades treinadas na sociedade. Ela fez tudo bonitinho, conseguiu mais do dobro das assinaturas necessárias — afinal, é uma causa ÓBVIA –, e o que o conselho fez? Colocou a petição numa pilha de papel que tem previsão para ser revisada daqui a exatamente nunca! Então eu e as minhas irmãs fizemos o que fazemos de melhor: BARULHO. Juntamos um pessoal do círculo e dos Ramos que são tão barulhentos quanto a gente e “tomamos” o auditório principal da sede. Ficamos 12 horas sentados esperando posicionamento do Conselho até eles cederem dizendo que dariam prioridade para avaliação da petição de Núbia, mas também nos puniram POR EXERCER NOSSO DIREITO DE LIBERDADE DE EXPRESSÃO e suspenderam a gente de toda e qualquer atividade na Sociedade por sete dias. A gente ficou tão revoltada que há sete semanas não dávamos a cara por lá.)

— Eu sei, eu sei. — Eu respondi com um suspiro. — Queria que pelo menos uma vez na vida as pessoas nos ouvissem sem a gente ter que ficar fazendo furdunço. Protestar dá trabalho, sabia?

— Tudo dá trabalho, mocinha. — Ele respondeu. — Mas vocês estão no caminho certo. Esses dias eu vi o Seu Marcelo falando com a organização nacional.

(Marcelo é um dos membros do Conselho. Não é a pessoa que a gente mais odeia nesse mundo, mas está perto. Não é comum o Conselho Regional conversar com o pessoal de fora. Cada Sociedade é bastante independente. Então uma ligação dessas poderia muito bem significar Grandes Mudanças™.)

— Mesmo? — Isis perguntou, interessada. — Falando o quê?

— Ah, é melhor eu não colocar a carroça na frente dos bois, não é mesmo? — Ele disse com uma piscadela. — Mas continuem com essa energia de vocês. Vocês estão no caminho certo.

— Obrigada, Maurílio. — Eu dei um meio sorriso. — Aqui, quem é que está de plantão hoje?

— Aconteceu alguma coisa? — Ele perguntou, preocupado.

— Não, não. Não necessariamente. Eu só quero tirar umas dúvidas sobre as próximas profecias e missões.

(Devido a política de transparência estabelecida na época da mamãe — que ela mesmo lutou para implantar —, grande parte dessas informações eram de acesso livre, a não ser que fosse algo com algum tipo de sensibilidade.)

— Ah, é a Luciana. — Maurílio respondeu. — Vão logo que eu acho que está quase terminando o turno, daí acho que quem vai entrar é o Renan.

Maurílio, Isis e eu fizemos uma careta juntos, cada um com sua particularidade especial, todos com o mesmo desgosto.

— Tá bom, valeu, Maurílio!

Nós entramos na Sede, atravessamos o auditório onde alguns druidas do círculo e dos Ramos tentavam praticar os seus talentos e subimos a escada até a salinha administrativa, que ficava acima do auditório. Sim, isso tudo dentro de uma caverna. Até hoje não sei se foi algum grande projeto arquitetônico ou apenas magia mesmo.

(Houve um pouco de magia incluída, mas no geral foi um feito arquitetônico. Uma das primeiras aliadas da nova reforma da sociedade druida era nada mais nada menos que Lina Bo Bardi, que, a propósito, é uma das minhas maiores inspirações. Eu quero me tornar uma arquiteta tão criativa quanto ela num futuro não tão distante.)

[Eu não sabia que a Lina Bo Bardi era druida! Por que você nunca me contou?]

(Na verdade, eu contei sim. Ela era do círculo e tudo mais, uma das nossas associadas mais notórias. Nossa avó conheceu ela! Mas, claro, ela era aliada mesmo da filial do Sul, só vinha aqui para o Centro-Oeste supervisionar a construção da sede e, depois, para algumas conferências. Eu já te contei isso, e eu sabia que você não estava prestando atenção! Você e a Fernanda vivem reclamando das minhas explicações, mas mesmo quando é algo que é de interesse direto de vocês, vocês não estão nem aí!)

[Meu Deus, relaxa. Desculpa. Prometo tentar prestar mais atenção de agora em diante]

(Falando nisso, acho que talvez essa seja a hora de fazer uma explicação sintetizada de como a Sociedade funciona. Juliana está usando alguns termos específicos da Sociedade que talvez possam causar confusão. Primeiramente, Ramos são subcategorias dentro da comunidade druida onde separam pessoas de acordo com as habilidades delas. Eu sou do Ramo dos Guias, a única, para ser sincera. Isso significa que tenho habilidades para me materializar e desmaterializar quando bem entender, e, com prática, levar e trazer coisas ou pessoas comigo. O fato de eu ser a única com esse dom na nossa Sociedade local — e de ter me afiliado tão nova — significa que eu sempre acabo viajando ou recebendo visita de druidas guias para treinar minha habilidade. Mas isso não

significa que eu prefira me desmaterializar e materializar para tarefas cotidianas, como ir à padaria, por exemplo. Usar nossas habilidades dessa forma é muito cansativo e acaba nos enfraquecendo. Inclusive, é por isso que temos cristais conosco o tempo todo. Para nos dar uma ajudinha. E é para isso que a Sociedade existe, apesar de todos os seus defeitos. Para ser um lugar seguro para druidas serem instruídos e treinados de acordo com suas habilidades. A Juliana é do Ramo dos Videntes. Ela normalmente tem visões sobre pessoas que se reconhecem e avisa para a Sociedade, para que esta possa entrar em contato com o druida recém descoberto e guiá-lo da melhor forma possível. Nossa irmã mais velha, Fernanda, é do Círculo Druida. Isso significa que ela tem habilidades mais amplas e cotidianas, como levitar coisas, causar pequenos danos físicos e até hipnotizar/encantar pessoas e animais. Pessoas do círculo normalmente são responsáveis pelas missões de rituais de esquecimento — rituais que acontecem quando pessoas querem reverter o que fizeram com o formulário de “Autorização de Conhecimento”. Existem outros Ramos variados e certas posições administrativas para manter a Sociedade funcionando. O conselho existe para assuntos mais delicados e difíceis. Por isso é tão absurdo que ele esteja tão insistente em perseguir a gente!)

— Oi, meninas! — Luciana sorriu ao nos ver. Ela já estava arrumando as coisas para ir embora. — Cansaram do protesto e decidiram voltar?

Apesar da condescendência de Luciana, a gente gostava dela. Ela nos achava muito dramáticas, mas pelo menos era justa e prestativa.

— Tem dia que a gente precisa reorganizar as prioridades pelo bem maior. — Eu respondi com orgulho.

— E qual é o bem maior da vez? — Ela perguntou, guardando seu computador na bolsa.

— Vocês têm uma lista de possíveis novos membros que possam acabar se reconhecendo nas próximas semanas?

— Ah, sim... — Luciana abriu um gaveteiro de metal e começou a procurar entre as pastas. — Tem uma lista provisória bem aqui, algumas das profecias não estão prontas, mas já dá para saber por cima. Mas eu vou te falar, é a coisa mais estranha, tudo anda meio parado nesse quesito.

— Ué... como assim? — Isis perguntou, sempre querendo entender as coisas da melhor maneira possível.

— Então — Luciana finalmente puxou um arquivo e o entregou para Isis dar uma olhada. — Em média a gente costumava ter umas cinco profecias para possíveis novos aliados se reconhecendo. Mas, nas últimas semanas, a gente anda tendo uma ou duas por semana. E as vezes nem isso!

— É mesmo... — Eu concordei, pensativa.

Eu sempre tinha uma visão ou outra toda semana, mas já tinha um tempo que não via nada. Como eu estava muito preocupada em ficar chateada com toda a situação da Núbia, acabei nem me dando conta.

Isis olhou para mim, provavelmente percebendo a mesma coisa. Geralmente quando eu tenho uma nova visão, eu comento com ela.

— Pois é. — Luciana continuou. — E eu não sei se Os Destinos estão cansados, mas, até quando recebemos profecias, o pessoal do Ramo dos Videntes vem reclamando que as visões não estão tão claras como costumavam ser. Quase nunca pegamos um nome, por exemplo. Olha aí na lista, acho que tem dois nomes sem informação útil nenhuma. Apenas comentários genéricos que irão dificultar a vida do pessoal do círculo na hora de realizar as missões.

Luciana era associada há mais tempo que minha mãe e, nesse tempo todo, ela sempre trabalhou na parte administrativa da Sociedade. Por isso, eu perguntei:

— Isso já aconteceu antes? Existe... sei lá, algum ciclo de cansaço dos Destinos? Em que as coisas ficam mais paradas e menos claras?

Luciana ficou pensativa por um tempo.

— Não necessariamente — Ela disse, por fim. — A Sociedade, desde a última reforma, tem tido uma rotina bem consistente. Apesar de todos os pesares, as coisas sempre aconteceram regularmente.

Eu peguei o arquivo da mão de Isis para dar uma olhada.

— Mas... — Luciana continuou. — Historicamente falando, existe uma interferência nas nossas habilidades quando estamos sendo perseguidos. Tipo na época da caça às bruxas. Não é que as druidas perdiam seus poderes, mas havia uma interferência, uma perda de equilíbrio.

— Mas a gente não está sendo perseguido agora... está? — Isis perguntou.

Luciana deu de ombros.

— Nunca dá para garantir, infelizmente.

Eu dei uma última olhada no arquivo, só para ter certeza. Mas definitivamente não encontrei nem nome e nem uma descrição que pudesse se referir a Elisa.

— Hoje veio uma garota na loja da minha mãe — eu comentei. — E eu tive um sentimento forte de que ela era druida. Isso só devia acontecer se ela estivesse perto do Reconhecimento, né? Se as habilidades dela estivessem prestes a aflorar.

— De novo, não necessariamente. — Luciana disse. — Na verdade, o mais comum é as pessoas demorarem um tempo longo para se reconhecer. Casos como os da sua família são raros. As pessoas não querem acreditar no que são e,

por conta disso, acabam vivendo muito tempo sem saber o que realmente está dentro delas. E, às vezes, elas até têm uma desconfiança, mas acabam sentindo medo de admitir. Ser diferente é difícil, né? As pessoas acabam com medo de ficarem sozinhas.

— Entendi... — Eu respondi, ainda com um sentimento forte de que algo estava errado.

— Vocês precisam de mais alguma coisa? — Luciana perguntou, colocando a bolsa no ombro. — Eu tenho que ir buscar minha filha, mas acho que o Renan já deve estar chegando.

— Não, só isso! — Isis e eu dissemos ao mesmo tempo e saímos apressadas com Luciana, antes que o bocó aparecesse.

Incrivelmente, a Elisa voltou para a loja no dia seguinte.

— Olha só quem é! — Isis anunciou, me fazendo olhar por cima do meu mangá.

— Oi, Elisa! — Eu cumprimentei, colocando a revista em cima do balcão e me aproximando dela. — Decidiu pegar mais alguns cristais?

Elisa deu de ombros e sorriu timidamente.

— Elisa, deixa eu te perguntar uma coisa...

— Juliana... — Isis alertou, já meio que adivinhando o que eu queria.

— Pode perguntar. — Elisa disse para mim.

Eu olhei para Isis que só deu de ombros.

— Você disse que seus avós são muito religiosos, né? Que eles não gostam dessas coisas? — Eu gesticulei para as prateleiras de cristais da loja.

Elisa fez que sim com a cabeça e desviou o olhar, envergonhada.

— Mas e sua mãe? Ou seu pai? O que eles acham? — Talvez se a mãe dela fosse uma druida não associada, esse sentimento no fundo do meu estômago teria uma explicação.

— Minha mãe fugiu quando era adolescente... — Ela revelou em voz baixa. — Daí quando eu nasci ela me deu para meus avós e sumiu de novo.

— Seus avós são daqui? Qual o nome deles?

— Lúcia e José João — Ela respondeu. — Mas a gente se mudou esses dias. Eles tinham uma casa aqui e acharam que era um lugar melhor para mim...

— Como assim? — Enquanto ela estivesse disposta a responder, eu iria continuar perguntando.

— Eu estudava num colégio interno, mas... não deu certo.

— Por quê? — Até Isis estava envolvida agora.

— Eu fui expulsa.

A declaração era tão inesperada vinda de uma menina tímida como ela, que Isis e eu ficamos em silêncio chocado por um momento.

Elisa começou a andar pela loja, distraída, tocando as pedras delicadamente.

— Vocês são diferentes. — Ela declarou.

— Somos. — Isis concordou. — Mas o que te fez chegar a essa conclusão?

Elisa deu de ombros.

— Eu me sinto diferente perto de vocês... — Ela então parou e se virou para olhar diretamente para mim. — Aquela pedra que você me deu... ela é mágica?

Algo no meu estômago ainda estava inquieto, tentando me avisar algo importante, mas eu ainda não tinha certeza se aquela menina estava prestes a se reconhecer. Se estivesse, por que ninguém tinha previsto?

— Pode ser mágica. — Eu a respondi, por fim. — Algumas pessoas também chamam de energia. Ou de vibrações, chakras. Depende do dono da pedra, no fim das contas. Às vezes, a pedra pode não ser nada.

O telefone da loja tocou naquele segundo.

— Cristais Castro, boa tarde — Isis atendeu. — Ah, oi, sou eu! Não, a gente diminuiu a lista um pouco, agora são cem pessoas. Haha, escorpianas, né. É melhor ninguém se meter com a gente. Mas você disse que a gente poderia te dar a contagem final até cinco dias antes da festa, estamos ainda com seis dias. Não, é definitivo. Te juro, cem pessoas! Não vai mudar de novo. Tá. Tá. Pode ser. Mas vai alterar muito no preço? Hm.

— Vai ter uma festa na loja? — Elisa me perguntou.

— Não, é nosso aniversário na sexta que vem.

— No mesmo dia?

Eu afirmei, sorrindo.

— Vocês não parecem gêmeas — Ela disse, franzindo a testa.

— Não somos — Eu respondi rindo. — Ela nasceu no dia 31 de outubro e, um ano depois, no mesmo dia, eu nasci. Melhor presente de aniversário da vida da Isis.

— Nossa, que coincidência.

— Destino. — Eu corriji com uma piscadela.

— Tá, eu vou arrumar isso na tabela do orçamento, acho que não vai me quebrar tanto. Mas vamos ficar nessa, ok? Não precisa inventar moda. — Isis se despediu e desligou o telefone.

— Vocês gostam de comemorar juntas? — Elisa perguntou, curiosa.

— Tem seus altos e baixos, mas é bem bom. — Isis respondeu.

— Eu queria ter uma irmã. Às vezes eu me sinto sozinha.

Elisa desviou o olhar logo depois de falar e se virou para olhar as pedras de novo, como se o comentário tivesse escapado sem que ela tivesse a intenção.

— Você quer ir para a nossa festa? — Eu perguntei com um aperto no coração. — A gente vai estar meio ocupada, claro, mas a gente tem vários primos e conhecidos da sua idade.

— Não sei...

— Pensa no assunto, tá? — Eu disse, não querendo pressioná-la. — Depois volta aqui e fala pra gente.

Elisa acenou com a cabeça, nos deu tchau e rapidamente saiu da loja.

— E aí? — Eu perguntei para Isis. — O que você acha?

— Eu acho que você tem sorte que o buffet me convenceu a fechar o pacote para cento e dez pessoas ao invés de cem, porque a gente realmente muda de ideia sobre a lista de convidados o tempo todo.

Isis pegou o telefone para fazer outras ligações, mas eu não consegui me livrar do sentimento esquisito que Elisa me trazia.

O dia antes da nossa festa estava um caos, como era de se esperar. A gente não teve mais notícias da Elisa, mas era difícil se preocupar com isso enquanto tínhamos tantas coisas para resolver, como por exemplo encher 200 balões sem bomba.

O planejamento tinha sido difícil, mas estávamos empolgadas. Uma festa à fantasia, com tema de Dia das Bruxas no Dia das Bruxas. Era previsível, mas era perfeito. Nossos amigos já tinham confirmado presença e rolava um burburinho de empolgação pela cidade. Seria tudo perfeito!

Acho que o importante de frisar aqui e agora é que desde sempre os rumores existiram sobre minha irmã e eu. A gente se reconheceu cedo e, por causa disso, talvez não tínhamos maturidade para lidar bem com nossos talentos. Era difícil manter o segredo. Mas nossa época de tagarelas já tinha há muito passado e mesmo assim as pessoas da cidade que não eram da Sociedade olhavam para gente como se soubessem. Como se tivessem certeza de que algo além do comum fazia parte da nossa vida. Talvez por causa da nossa infância, talvez por causa da loja, talvez por causa do dia do nosso aniversário. Mas, no fim das contas, isso não importava para a gente. “Deixe que falem!”, a gente pensava. Contanto que eles não soubessem para valer, uns rumores não fariam mal a ninguém. Toda cidade pequena precisava de uma boa lenda urbana.

Porém, aparentemente um rumor se espalhou de que algo especialmente extraordinário aconteceria na festa, o que fez com que os convidados receosos por causa dos acontecimentos infames nas comemorações anteriores se decidissem por definitivo em ir à nossa festa.

(Certo. Já que é pra sermos completamente sinceras, fomos nós que espalhamos o rumor. Mas não porque a gente estava planejando expor a Sociedade, francamente, está na hora de colocar essas teorias conspiratórias de lado de uma vez por todas. Desde o primeiro dia de planejamento da nossa festa, a gente sabia que teria um grande obstáculo a vencer: o passado. Eu sei que soa dramático, mas só quem conhece a gente realmente sabe o trauma que nosso círculo social tem com nosso aniversário. É como se a gente fosse amaldiçoada mesmo, seja pelo Renan, pelo Nosferatu, seja por quem for. A nossa única preocupação era que o pessoal ficasse empolgado com a festa e que, pelo menos uma vez na vida, a gente tivesse um aniversário bem-sucedido. Mas, infelizmente, o que a gente acabou conseguindo foi uma atenção acentuada voltada para nossa festa. E aí quando o que aconteceu, aconteceu, ficou parecendo que tinha acontecido porque a gente queria acontecer. E infelizmente o Renan estava lá para deixar tudo pior.)

— Posso ser honesta? — Melila perguntou, enquanto traçava o contorno de uma bruxinha em um papel emborrachado.

— Claro — Eu disse, já adivinhando que ia ser algum tipo de reclamação.

— Vocês são ambiciosas demais. — Ela criticou. — Qual o problema de uma noite só com nós quatro, um filme de terror e uma panelona de brigadeiro?

— Nada de errado, oras — Isis disse, subindo numa escada e cobrindo árvores com pequenas luzes de LED. — Mas a gente já faz isso praticamente todo dia.

— Você só está chateada de ter que vir no dia anterior para ajudar. — Laís acusou, me ajudando a colocar as mini abóboras em cima das mesas. — Você é oficialmente a menina mais preguiçosa do mundo.

— Não sou nada, é a Fernanda. — Ela rebateu, chateada. — A espertinha saiu daqui há mais de hora e até agora não voltou com o nosso “lanche”.

A gente alugou uma chácara bem perto da cidade para a festa. Nossos pais, ambos do Círculo Druida, tinham tirado dois dias de folga para conseguir nos ajudar na organização e estavam do outro lado do campo, levitando as luminárias que pareciam velas e que iriam iluminar todo o campo aberto.

— O pessoal não vai questionar que tem um monte de coisa voando por cima deles? — Laís perguntou.

— Muitos dos convidados são da Sociedade. E aqueles que não são

provavelmente vão achar que é alguma ilusão de ótica. Não é nada que chame muita atenção, não.

— Sua vida é muito esquisita — Melila comentou, balançando a cabeça.

— Ah! — Laís disse, enquanto carregava feno para a decoração da mesa principal. — Falando em esquisito, sabe aquela menina que vocês tinham comentado para a gente? Que vocês acham que é bruxa?

— Druida — Isis e eu corrigimos ao mesmo tempo.

— Tanto faz. — Laís rebateu, impaciente. — Meus pais conhecem os avós dela! Eles costumavam morar aqui quando eram jovens ainda.

O pai da Laís era o maior fofoqueiro que existia na face da Terra. Provavelmente a Laís só deve ter falado um bom dia e ele já saiu desembuchando toda a história.

— Meu pai me disse — Laís continuou, num tom conspiratório — que eles costumavam ter os papos mais esquisitos de religião, querendo converter todo mundo. E quando alguém demonstrava desinteresse, eles saíam loucamente amaldiçoando a pessoa para o inferno.

— Como pessoas assim pode sair tranquilamente na rua e a gente tem que esconder o que é? — Isis comentou, levemente revoltada.

— Pois é. — Laís continuou. — Meu pai disse que eles foram embora antes de terem uma filha, todo mundo ficou aliviado, ninguém aguentava muito eles. Daí agora do nada eles voltaram com uma neta? Estranho...

Nossa conversa é interrompida por um barulho estrondoso.

— O QUE FOI ISSO? — Minha mãe gritou do outro lado do campo.

No portão de entrada, nossa irmã mais velha saía do carro que tinha acabado de bater no poste ornamental.

— Eu acho que preciso de uma ajuda... — Ela falou, sem graça.

A princípio estava tudo indo de acordo com os conformes. (Apesar do carro.) Os convidados começaram a chegar na hora, o que era raro para qualquer festa, imagina para uma festa nossa. Surpreendentemente, todos os convidados, jovens e velhos, compraram a ideia e vieram fantasiados, um personagem mais exuberante que o outro. Eu e a Isis, claro, decidimos no clássico e nos vestimos de bruxinhas. O DJ que a gente contratou estava fazendo um bom trabalho em deixar todo mundo animado, e até o Renan estava relativamente tolerável.

(Muitos convidados vieram nos perguntar sobre o “grande evento” que se referiam os rumores e a gente se fazia de desentendida, mas meio que entendida, só para manter o interesse deles mesmo. A gente sabia que todo mundo estava

conversando entre si tentando descobrir o que estava prestes a acontecer, mas a única coisa que estávamos realmente planejando era uma festa de arromba.)

— Juliana — Isis veio me chamar quando a festa já estava a toda.

Eu estava dançando com as meninas, aliviada que finalmente tínhamos organizado uma festa a nossa altura. Mas foi só olhar para a Isis para saber que tudo estava prestes a desmoronar.

(Meu Deus, que drama!)

Isis me levou para a casa da chácara, fechada para convidados, onde estava acontecendo toda a preparação do buffet. Do lado do freezer, sentada em uma cadeira, estava Elisa. Do lado da cadeira, uma mochila. Mais uma vez eu senti aquele embrulho no fundo do meu estômago.

— Oi! — Eu disse, animada. — Decidiu vir, então?

— Mais ou menos. — Elisa olhou para Isis, incerta.

— Ela fugiu de casa — Isis falou.

— Por quê? — Eu me abaixei na frente dela, preocupada. — Fizeram algo com você?

Elisa apenas deu de ombros.

Eu olhei para Isis, sem saber o que fazer.

— Eu pensei em chamar mamãe — Isis sussurrou para mim –, mas quando falei isso para Elisa, ela entrou em pânico.

— Pais têm obrigação de chamar outros pais! — Elisa explicou um pouco apreensiva. — Foi o que aconteceu da outra vez.

— Que outra vez?

Mais uma vez, Elisa apenas deu de ombros.

— Eu não sei o que fazer — Isis falou para mim. — É uma obrigação justa, sabe? Pais chamarem outros pais. Seus avós podem estar preocupados.

— Eles não devem ter percebido ainda — Elisa disse, parecendo querer segurar o choro. — Por favor, não chama eles. Eu não sei mais o que fazer.

Um flash veio na minha mente, rápido demais para eu conseguir entender, mas o sentimento no fundo do meu estômago se intensificou e isso me ajudou a tomar uma decisão.

— Pois bem — Eu digo. — Você pode ficar aqui com a gente até o fim da festa. Daí a gente pode conversar melhor e tentar decidir o que fazer. Pode ser?

Elisa pareceu estar muito sem graça.

— Eu nem tenho fantasia...

— Toma — Isis tirou o seu chapéu pontudo com glitter dourado e colocou na cabeça da Elisa. — Agora você é uma bruxa.

Como toda boa festa que se preze, a nossa tinha um castelo com piscina de bolinhas. Nós deixamos Elisa com duas primas nossas e, com a consciência tranquila, fomos aproveitar a pista de dança.

(Acho que não tem nada a ver com nada, mas eu preciso fofocar: o tanto que o Renan deu em cima de mim nessa festa foi indecente. Eu tentei ser educada, ele não entendeu. Eu tentei ser firme, ele não entendeu. Então, no fim das contas, eu só fiquei fugindo dele a festa inteira.)

Isis e eu dividimos a responsabilidade de conversar com cada convidado sentado nas mesas, os adultos e parentes, sabe como é. Ela ficou com o lado leste e eu, com o oeste. Acabei encontrando com o pai da Laís, vestido de Homem de Lata, se servindo na mesa de frios.

— Oi, Jujuba! — Ele disse carinhosamente, claramente já um pouco para lá de Bagdá. — Que festão, hein? Ninguém acreditava ser possível.

Eu ri sem graça.

— Obrigada? — Respondi incerta.

— De verdade, todo dia eu via a Laís preocupada com os arranjos, era ligação aqui, era pepino ali. Todo dia eu comentava: pra que perder tempo, docinho? Aquelas duas não nasceram para ter festa.

Não era que o pai da Laís fosse uma pessoa ruim. Ele só não tinha filtro, mesmo. E isso nem era efeito do álcool, não. Ele era assim por natureza. E ele amava muito a gente.

— Mas olha só o que vocês aprontaram! — Ele disse, abrindo os braços e derrubando algumas azeitonas pretas do prato. — Um festão! Finalmente! Ninguém acreditava, mas aconteceu.

Ele me deu um abraço de lado afetuoso, e eu acabei rindo apesar de tudo.

— Vocês acabaram convidando muita gente, né. Vi até aquela menininha nova correndo por aí. — Ele então abaixou o tom de voz. — Mas você não chamou os avós dela não, chamou?

— Não... — Eu respondi. — Eu não os conheço... mas por que não deveria?

— Argh. — Ele fez uma careta de desgosto. — Gente esquisita, que não gosta de ninguém. Eles faziam de tudo para se meter na vida de todo mundo, para estragar a diversão de todo mundo. Parecia que não gostavam de felicidade. Sabia que na época deles, eles encheram tanto a paciência do prefeito, que suspenderam o pagodinho de sexta no centro da cidade? Ficamos alguns anos sem nosso pagodinho, até mesmo depois que eles se mudaram, só por causa do medo de retaliação. Gente assim é ruim demais de ter por perto, viu...

— Não se preocupe, tio, aqui eles não vão aparecer não.

Só que não, né? Foi batata! Eu falei isso e, finalmente, *finalmente*, tive a visão que estava tentando entrar em conexão nos últimos dias.

Mas aí começou a barulheira e eu percebi que a visão tinha chegado tarde demais.

(Certo. Para entender a barulheira, vocês precisam do meu ponto de vista. Da minha explicação. Segura que o parêntese vai ser longo.

Eu estava, como mencionei antes, num esforço intensivo para fugir do Renan. Era por isso que eu tinha ficado com o lado leste da festa. Era o lado oposto de onde família dele estava sentada. Há algum tempo eu já não o via tentando cruzar caminho comigo, então comecei a relaxar. Todo mundo estava elogiando a decoração, a comida, as nossas fantasias, as fantasias dos outros, e, sorrateiramente, questionavam sobre o “grande evento”. Eu estava começando a achar que Juliana e eu teríamos que realmente fazer uma apresentação de *I’m Not a Girl (Not Yet a Woman)*, mesmo sem a Fernanda, só para ter alguma coisa para entregar para o público. Daí, eu comecei a perceber uma pequena movimentação perto da entrada —que estava mais próxima do lado leste do que o lado oeste da festa —, e bem nessa hora o DJ abaixou o tom da música para que meus pais pudessem fazer um discurso e um brinde, mas a movimentação perto da entrada começou a ficar mais agitada, e quando me aproximei do pessoal, eu tive a certeza, mesmo sem nunca tê-los conhecido, que aqueles eram os avós da Elisa.

— Tá tudo bem por aqui? — Eu perguntei quando me aproximei da entrada do sítio.

— Não está nada bem. — A senhora disse, bem raivosa. — Eu quero saber da minha neta!

A voz dela estava ficando cada vez mais alta e chamando mais atenção.

— Sem problema, minha senhora — Eu respondi, achando melhor me fazer de desentendida. — Quem é a sua neta?

— E que tipo de evento vocês estão organizando aqui, hein? — O senhor bradou. — Que coisa sem vergonha, coisa diabólica!

Meus pais começaram a se aproximar para tentar ajudar.

— Você vestida desse jeito! — A senhora apontou o indicador para mim. — Acha que é bonito? Você não está fazendo nada além de louvar satanás!

Nesse momento, por infelicidade do destino, Elisa passou correndo e rindo perto da gente. A menina congelou quando viu os avós.

— Elisa, que vergonha! — A avó gritou com desgosto. — Como você tem coragem de dormir debaixo do nosso teto, comer da nossa comida e ainda participar de uma indecência dessas?

Elisa, certamente ansiosa com a presença repentina dos avós e percebendo que todos na festa estavam olhando para ela, saiu correndo.)

Minha cabeça estava um pouco zozna por causa da minha visão, mas eu sabia que minha ação tinha que ser imediata. Em um flash eu vi os avós de Elisa gritando com ela e gritando com todos a sua volta, e a garota fugindo desconsolada.

Mas eu sabia o que estava prestes a acontecer.

— Isis! — Eu gritei, correndo em direção da piscina de bolinhas, que estava mais perto dela. Mas por causa da gritaria dos avós, Isis não me ouviu.

— ISIS! — Eu tentei mais uma vez e por um milagre ela olhou para mim. — A PISCINA DE BOLINHAS.

Isis, que a Deusa a abençoe, não questionou minha gritaria e correu até a piscina de bolinhas.

— Elisa! — Isis chamou.

Mas a garota não respondeu. Em vez disso houve uma explosão. Bolinhas voaram para todos os lados, deixando apenas Elisa, exposta, chorando, no meio da piscina vazia.

Foi quando Isis se aproximou da menina (sem nem pensar duas vezes), a abraçou e desapareceu com ela.

Com todo os olhos da festa virados para a piscina sem bolinhas e sem Isis e Elisa.

— QUE TRUQUE DO DEMÔNIO FOI ESSE??? — A avó de Elisa berrava com meus pais, sacudindo os braços para cima.

Ah, meus pais. Santos. Eles sabiam que iam ter que enfrentar muitos problemas por conta do que tinha acabado de acontecer, mas a única coisa que falaram para mim foi:

— Tá tudo bem?

Quando eu respondi que não sabia, eles me mandaram encontrar a Isis.

Isis e eu não somos irmãs gêmeas, mas é como se fôssemos. Isto é, todo aquele estereótipo de que irmãos gêmeos têm uma conexão telepática e sabe o que estão pensando e estão sempre em sincronia era relativamente verdade para

a gente. Mas pela primeira vez, eu estava travada. Eu conseguia entender o motivo de Isis ter desaparecido com Elisa, o instinto protetor dela sempre foi muito forte, mas eu não tinha ideia de onde começar a procurá-las.

— Ju? — Laís, sempre tão debochada, se aproximou de mim com cautela.

— Oi. — Eu disse, cansada.

— Tudo bem que ninguém deve ter percebido as velas flutuantes — Melila comentou –, mas isso tudo vai exigir uma explicação.

Eu olhei em volta. O DJ tinha voltado a tocar uma música qualquer para tentar reconectar o clima da festa, mas todos os convidados estavam em seus respectivos núcleos, murmurando. Os druidas, imagino, estavam preocupados com as implicações que aquele escândalo teria para a Sociedade. Já os outros estavam provavelmente se perguntando o que diabos tinha acabado de acontecer.

E falando em diabo, os avós de Elisa não paravam de gritar.

— Vocês todos aqui estão condenados! — O senhor falava alto, com tanto ódio nos olhos que eu achei que genuinamente ele iria cuspir fogo. — Vocês não têm vergonha? Não querem ao menos tentar experimentar uma vida com Deus? Vocês estão destruindo os pilares da família tradicional! A humanidade está em decadência por causa de gente como vocês!

E isso porque eles nem sabiam da existência da Sociedade Druida. Imagina a loucura que seria se ele soubesse que bruxos e bruxas eram vizinhos deles. Eram da família deles, na verdade.

No último segundo, antes da Elisa causar a explosão, eu tive o resto da visão. Elisa era uma druida magnífica. De talentos incomparáveis. Como que eu não tinha visto sobre ela antes? O que estava interferindo nas minhas visões? E nas visões da Sociedade? Será que eram os avós dela?

Muitas perguntas, mas mais do que tudo, eu queria encontrar minha irmã e Elisa, averiguar se elas estavam bem, conversar com elas.

Mas eu não tinha ideia por onde começar.

Que beleza. Mais uma festa de aniversário fracassada. E dessa vez a minha irmã, minha melhor amiga, não estava comigo para carregar o peso da decepção.

Mas aí, claro, como se ela estivesse me ouvindo, com um clique, ela apareceu de volta.

(Certo. Eu sumi. Eu sei que foi errado. Mas acreditem, não era na Sociedade que eu estava pensando quando eu vi a expressão assustada da Elisa. Algumas

peessoas você sabe que precisa proteger. Você sente. É como aquele sentimento no fundo do estômago que a Juliana vive falando. Mas vai além de uma visão bloqueada. Na verdade, é uma visão muito bem nítida. De alguém aflito. Alguém que claramente tinha sofrido abuso. Eu fiz a única coisa que parecia certa no momento: coloquei meus braços em volta da menina e a tirei dali. Mas, como a gente vem falando desde o começo dessa história, não foi algo planejado, então, com meus pensamentos em desordem, eu acabei nos materializando no meio da floresta, na trilha que leva para a sede da Sociedade. A Elisa, coitada, assustada com o que aconteceu com ela mesma e com a demonstração da minha habilidade, fugiu. Eu tentei correr atrás dela, mas estava exausta da minha viagem. Tentei usar minha última energia para me materializar aonde ela fosse chegar, mas essa é uma habilidade que eu ainda não consegui dominar, então acabei apenas me materializando no último lugar onde ela esteve. Na piscina de bolinhas da nossa festa.)

— Ju... — Isis conseguiu dizer, fraca, antes de desmaiar na nossa frente.

Meu pai rapidamente foi até ela e a carregou até a casa da chácara, eu fui atrás.

— O DEMÔNIO VOLTOU! — Gritou a avó de Elisa, em decibéis bem impressionantes, para ser sincera.

Enquanto caminhávamos, ouvimos o pessoal explodir em aplausos. Alguns comentaram que o show de mágica tinha sido inesperado e muito bem feito. O que era ridículo, mesmo que tivesse sido um número planejado, qual seria a intenção de fazer uma das aniversariantes sumir e os convidados terem bolinhas voando em seus rostos? Talvez eles tenham gostado de todo o drama? Não sei.

— Que performance extraordinária! — Um tio distante meu, que já estava um tanto bêbado, comentou, acrescentando que fazia questão de acompanhar a carreira da senhora maluca. Quisera eu que aquilo fosse parte de algum show.

— Vai aproveitando a festa aí, gente — Laís disse sem graça, antes de correr, junto com Melila atrás.

Minha mãe preparou apressadamente uma mistura de sais para ajudar Isis a recuperar as forças. O cristal em volta do pescoço de Isis estava quente, como a bateria de um celular depois que a gente fica muito tempo brincando com o jogo da cobrinha. A bateria de Isis estava esgotada, mas aos poucos ela estava se recuperando.

— Isis — Eu a chamei baixinho, preocupada com seu bem-estar, mas também preocupada com Elisa.

Isis aos pouquinhos abriu os olhos, como se tivesse acordando de uma

noite mal dormida.

— CADÊ A MINHA NETA? — A Dona Escandalosa, que ainda não tinha se dado ao trabalho de se apresentar para a gente, entrou gritando.

— Minha senhora, eu vou falar apenas uma vez. — Minha mãe disse, no tom de voz que ela usa para nos dar a pior bronca de nossas vidas. — Eu entendo que a senhora esteja preocupada com sua neta e querendo respostas para tudo que aconteceu aqui. Mas essas duas são minhas filhas e a senhora já as assediou moralmente o suficiente hoje. Caso a senhora não tenha percebido, uma delas está incrivelmente fraca e sem disposição para lidar com a sua impertinência. Então eu peço que vá embora, ou, se realmente quiser tanto gritar com a gente, que espere lá fora.

A mulher ficou olhando para minha mãe, como se estivesse disposta a ficar e berrar mais. Mas um segundo depois ela bufou e saiu da casa, pisando forte.

Satisfeita, minha mãe se virou para Isis.

— Tá tudo bem, minha filha? — Ela perguntou.

— Sim. — Isis respondeu com uma careta. — Só minha cabeça que tá doendo um pouco.

— Isis, e a Elisa? — Eu perguntei preocupada.

Isis hesitou por um segundo.

— Ela fugiu. — Ela disse, finalmente. — Ela estava muito assustada com tudo e fugiu. Eu tentei ir atrás dela, tentei usar aquele método que envolve desmaterializar e visão, e aparecer no lugar final que ela fosse chegar—

— Tipo vilão de vídeo game! — Melila interrompeu.

Todos olharam para ela, perplexos pela falta de tato.

— É. Mais ou menos. — Isis respondeu por fim. — Mas não consegui. Eu não sou muito boa em usar visão. Acabei voltando pra cá ao invés.

Todos suspiramos juntos, conscientes de todo o trabalho que tínhamos pela frente.

— Certo. — Meu pai disse. — Vamos recrutar os associados da Sociedade e tentar alterar a memória dos convidados de alguma forma.

— E os velhos malucos? — Minha mãe perguntou.

— A gente tem que encantá-los de uma forma que eles esqueçam o que aconteceu na festa, mas lembrem que a Elisa desapareceu. Com ela perdida na floresta a essa hora, é bom alguém chamar a polícia.

— Deixem comigo! — Fernanda tinha chegado na casa logo depois que a velha saiu e estava disposta a ajudar. Ela sempre foi a melhor de manipulações desse tipo na família.

— A gente pode ir pra floresta também — Melila se voluntariou,

corajosamente. Laís concordou solenemente.

— Tá — Eu disse, reorganizando meus pensamentos. — A Isis vai ter que ficar, ela desmaterializou duas vezes em pouco tempo e isso consumiu toda a sua energia. Acho que talvez seja bom levar uns gatos. Eles são bons no escuro.

Todos concordaram e eu abracei Isis antes de sair com Melila e Laís.

— Você fez o certo — Eu disse para ela. — Ela merecia fugir. Não se culpe por ela ter ficado na floresta. Era algo além do seu controle. A gente vai encontrá-la.

Mas como todos sabem, a Elisa ainda não foi encontrada. Nós vasculhamos tudo que podíamos daquela trilha e nem sinal da menina. No dia seguinte, os avós de Elisa, já com a memória alterada, prestaram queixa na polícia. Há duas semanas Elisa está oficialmente desaparecida.

E ao invés de focar nisso, o Conselho prefere focar na noção idiótica de que eu e minha irmã planejamos toda essa confusão desde o começo. Tudo o que a gente queria era uma festa de aniversário legal! Tudo que a gente quer agora é que a Elisa esteja a salvo.

É uma coisa que o Conselho e a Sociedade têm que levar a sério. A Elisa é uma de nós. Ela está sozinha e assustada porque algo está interferindo na nossa rede mística. Quantos outros druidas devem estar sozinhos porque nós não os vimos? Eu sei que as nossas escolhas no dia da festa acabaram nos expondo e que isso é uma falha séria. Eu entendo todo o trabalho que meus pais, os aliados convidados, o conselho e a Sociedade no geral tiveram por causa dessas escolhas. Mas a questão é que esses problemas todos eram reversíveis, apesar de trabalhosos. E eu sinto que estamos perto de um problema talvez não tão reversível. E ninguém quer prestar atenção!

Está mais do que na hora do Conselho e da Sociedade pararem de se preocupar com coisas mesquinhas e se unirem para descobrir o que pode estar interferindo nas nossas habilidades e o que podemos fazer a respeito.

(E a todos que nos ajudaram e nos apoiaram, nossa profunda gratidão. Vejo vocês na festa do ano que vem!)

Querida Elisa,

Espero que esteja tudo bem aí com a Núbia. Eu sei que ela parece uma rabugenta chata, mas, vai por mim, ela é das nossas. E ela tem o coração maior do que a Sociedade todinha junta.

Da última vez que te visitamos, a gente explicou sobre a Sociedade e mostrou a carta que você receberia quando “reaparecesse” Reconhecida. Mas a gente ficou com a impressão de que você ainda estava com um pé atrás com toda essa coisa de ser druida.

É compreensível. Não é assim tão fácil de assimilar. Só porque a gente sabe o que é não significa que a gente saiba qual lugar nos cabe no mundo. E eu sei que você ouviu muita coisa dos seus avós, muita coisa que provavelmente faz você colocar a sua própria existência em dúvida.

Mas o que eu queria te dizer é que estamos aqui, se você precisar. Eu e a Isis te fizemos promessas que não conseguimos cumprir. Nossa fuga não foi exatamente o que planejávamos e seus avós são realmente aterrorizantes. Nunca que eu ia adivinhar que eles iam ter a audácia de aparecer na nossa festa daquela forma. Mas a nossa intenção continua a mesma que no dia que você voltou na loja para nos contar que você tinha se reconhecido: te apoiar.

Querendo ou não, com todos os defeitos, a Sociedade é o que a gente tem por agora. A gente entende você estar com dúvidas e medo, mas eu posso te garantir que a gente vai continuar brigando e fazendo confusão para ajudar novos druidas como você, que mal conseguem encontrar seu lugar no mundo. Se você decidir ficar desaparecida para sempre e não se aliar a Sociedade, a gente entende e apoia até o fim. Mas se você decidir dar uma chance para a gente, eu prometo que você vai encontrar pessoas novas parecidas com você, dispostas a te ensinar e te ouvir — bem, a maioria delas — e apesar de todos os perrengues, você terá um lugar para se abrigar quando estiver se sentindo sozinha.

Pensa com carinho, tá? E qualquer coisa que você precisar, é só dar um grito.

*Abraços,
Juliana (e Isis)*

Créditos

BABI DEWET começou escrevendo fanfics, e é autora de *Sábado à noite* (2011, 2013 e 2014), uma trilogia juvenil recheada de conflitos adolescentes, música e referências à cultura pop e nerd. A trilogia possui trilha sonora exclusiva, composta pela banda DeLorean, e um vlog no youtube, chamado SANTV. A autora também escreveu o conto “Os Sons do Sentimento” na coletânea *Um Ano Inesquecível*, publicada pela editora Gutenberg em agosto de 2015, e com a participação das escritoras Thalita Rebouças, Paula Pimenta e Bruna Vieira. Babi é autora da série Cidade da Música, que já tem os livros *Sonata em Punk Rock* (2016) e *Allegro in hip hop* (2018) publicados pela editora Gutenberg. A autora também assina junto a Érica Imenes e Natália Pak o livro *K-Pop – Manual de Sobrevivência*, além de fazer parte da coletânea *Turma da Mônica: Uma Viagem Inesperada*, na qual escreveu um conto sobre a personagem Mônica – os dois foram lançados pela editora Gutenberg, em 2017. Babi também possui um canal no YouTube onde fala de livros e música. [@babidewet](#)

SOFIA SOTER é editora, tradutora e escritora. Tem textos publicados em veículos online e impressos nacionais e internacionais, como *Modifica*, *Toda Teen*, *Valkírias*, *ELLE*, *Midnight Breakfast*, *Hello Giggles* e *Reader's Digest*, e teve seu trabalho mencionado na mídia nacional e internacional, como nos jornais *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *O Dia*, e no site *Autostraddle*. Foi uma das fundadoras e editoras da revista online *Capitolina* e co-organizadora dos livros *Capitolina*, vol. 1: *O poder das garotas* (Seguinte, 2015) e *Capitolina*, vol. 2: *O mundo é das garotas* (Seguinte, 2016). Além disso, tem um conto em inglês publicado na antologia *Momentum* (org. Gabriela Martins, 2018). Atualmente trabalha em seu primeiro romance, ainda sem previsão de lançamento. [@sofiasoter](#)

IRIS FIGUEIREDO nasceu em 1992, na região metropolitana do Rio de Janeiro. É formada em produção editorial pela UFRJ e pós-graduada em transmídia. Já atuou em diversas áreas do mercado editorial e manteve por muitos anos o blog Literalmente Falando. É autora de *Céu sem estrelas* (Seguinte, 2018), livro mais vendido do estande da Companhia das Letras na Bienal de SP de 2018, e da duologia *Confissões On-line* (Generale, 2013 e 2015). [@irisfigueiredo](#)

DAYSE DANTAS mora em Goiânia, estudou Letras na Universidade Federal de Goiás e é professora de inglês. Não pensava em publicar um romance até todos insistirem em seu talento. Seu livro de estreia, *Nada Dramática* foi lançado em novembro de 2013 pela editora Gutenberg e fala sobre o último ano do Ensino Médio de Camilla Pinheiro e suas aventuras como a Agente C, em uma narrativa sarcástica e criativa. Atualmente a autora trabalha em seu novo livro, ainda sem previsão de lançamento. [@daysed](#)

“O show secreto” copyright © 2018 Babi Dewet.
“Festa infernal” copyright © 2018 Sofia Soter.
“Roda-gigante” copyright © 2018 Iris Figueiredo.
“Três druidas” copyright © 2018 Dayse Dantas.
Todos os direitos reservados.

Organização: Agência Página 7
Edição e revisão: Gui Liaga e Taissa Reis
Capa: Fernanda Nia
Diagramação: Taissa Reis



Table of Contents

[Capa](#)

[Sumário](#)

[O show secreto](#)

[Festa infernal](#)

[Roda-gigante](#)

[Três druidas](#)

[Créditos](#)